ÉPOCA

EDITORA GLOBO

TEORI ZAVASCKI

1948 - 2017

OBRIGADO, VOSSA EXCELÊNCIA

A trajetória e o legado do discreto juiz que se revelou um herói silencioso da Lava Jato

Chegou o Hyundai Creta. O melhor vem agora.

O novo SUV da marca que mais entende de SUV.

Faróis com projetor, luz diurna (DRL) de LED e Cornering Lamp.

Motor Nu 2.0 Flex de 166 cv e sistema Stop & Go.

Bancos de couro com ventilação (motorista).

blueNav® – Central multimídia touch screen de 7" com GPS, Apple CarPlay® e Google Android Auto.

Seis airbags, controle de estabilidade e assistente de partida em rampa.

Imagens meramente ilustrativas. Todos os equipamentos apresentados neste anúncio são itens de série da versão Hyundai Creta Prestige 2.0 16V Flex, ano de fabricação/modelo 2017/2017, com transmissão automática, (OCN GZZZ 04). Os bancos e os painéis das portas são de couro sintético de microfibra. Garantia Hyundai 5 anos: sujeita às condições previstas no Manual de Garantia do veículo. Uso particular: garantia de 5 anos, sem limite de quilometragem. Uso comercial: garantia de 5 anos ou 100.000 km, o que ocorrer primeiro.

http://banca-de-revistas.blgspot.com

Conheça mais. Acesse hyundai.com.br

Saiba mais: /HyundaiBR

Na cidade somos todos pedestres.

HYUNDAI

Os termos e condições da Garantia Hyundai estão estabelecidos no Manual de Garantia do veículo, assim como no Manual do Proprietário. Preserve a vida. Use o cinto de segurança. O Hyundai Creta está em conformidade com o Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores – PROCONVE. Para mais informações, acesse o site: hyundaicreta.com.br ou ligue para o Call Center Hyundai Motor Brasil: 0800 770 3355.

APP PORTO SEGURO AUTO.

Socorro para seu carro e consertos para sua residência direto do seu smartphone.

Com o **App Porto Seguro Auto**, você solicita assistência 24 horas*, como guincho ou mecânico, serviços de encanador, eletricista, chaveiro e até reparo de eletrodomésticos. E ainda pode consultar benefícios e descontos e localizar o Centro Automotivo Porto Seguro mais próximo de você. É mais praticidade e agilidade para o seu dia a dia.

App Store | Google play

Consulte seu Corretor | **www.portoseguro.com.br/aplicativoauto**

*O socorro do guincho pode ser solicitado por todas as apólices. Os serviços à residência só não estão disponíveis para apólices Pessoa Jurídica e de Caminhões. Os serviços estão disponíveis conforme apólice. 3134-PORTO (3134-7686) - Grande São Paulo e Rio de Janeiro; 4004-PORTO (4004-7686) - capitais e grandes centros; 0800 727 0800 demais localidades; 0800 727 2766 SAC - cancelamento e reclamações; 0800 727 8736 (exclusivo para deficientes auditivos); 0800 727 1184 ou (11) 3500-5184 (Ouvidoria). CNPJ: 61.198.164/0001-60. Processo SUSEP: 15414.100.233/2004-59 / Valor de Mercado e Valor Determinado. O registro deste plano na SUSEP não implica, por parte da Autarquia, incentivo ou recomendação à sua comercialização.

PORTO SEGURO

MODERNINHA WIFI
#1
2016

De ~~12x R$ 59,90~~
por 12x
R$ 39,90*
Total à vista:
R$ 478,80

moderninha wifi

A maquininha campeã de vendas de 2016

- Sem aluguel e sem taxa de adesão
- Aceita os principais cartões e é a única com Wifi
- Conexão por chip e Wifi
- Chip e plano de dados inclusos
- Vem com Cartão Pré-Pago grátis
- Não precisa de conta bancária**
- Para pessoa física ou jurídica
- Envio grátis de comprovante de venda por SMS
- Frete grátis

3 ANOS GARANTIA

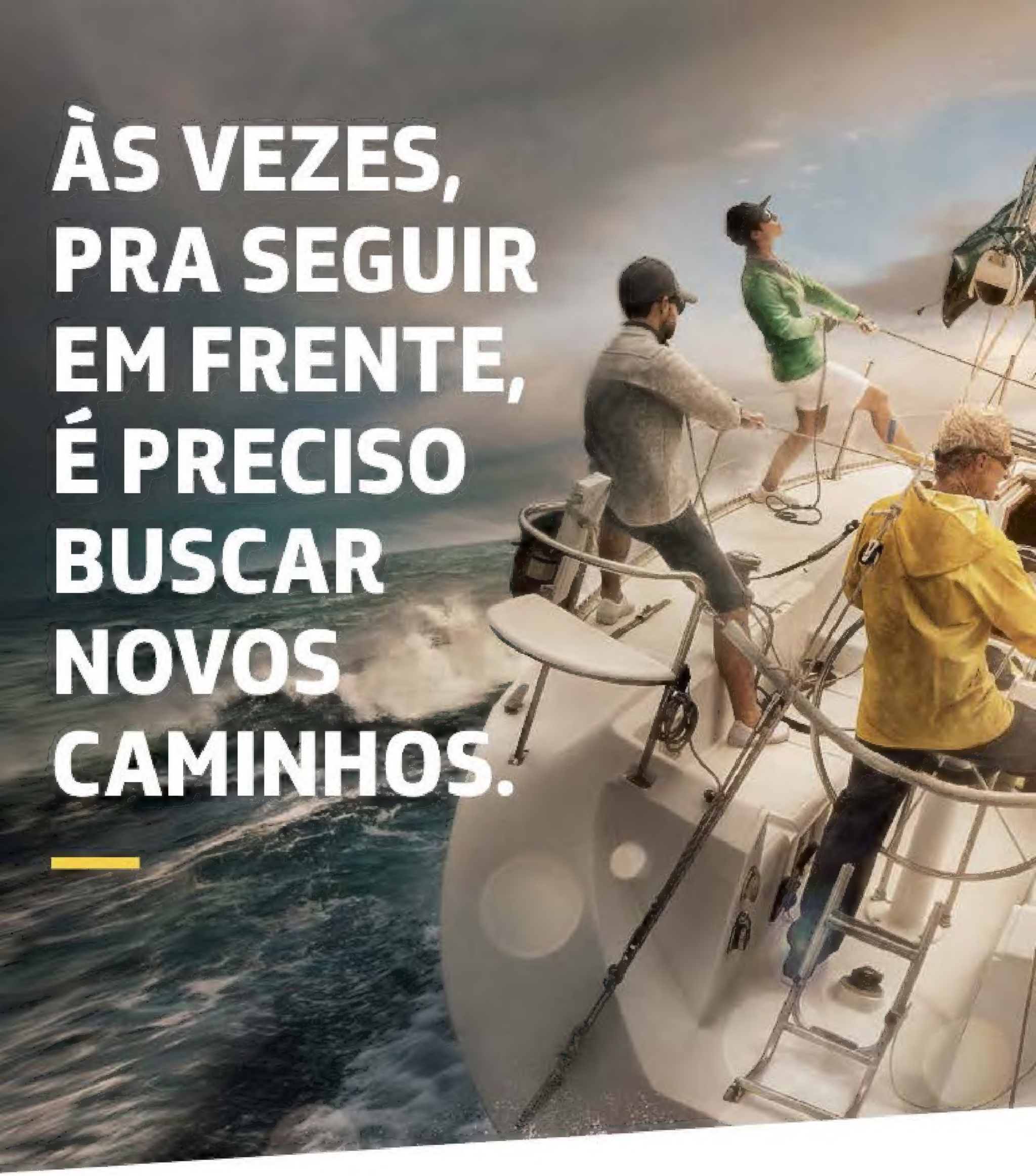
Moderninha Wifi aceita os principais cartões:

Débito e Crédito | Crédito | Refeição

Peça já a sua, acesse ou ligue:
PAGSEGURO.COM.BR
4003-6624
Atendimento 24 horas, 7 dias por semana.

pagseguro UOL

Moderninha Wifi: campeã de vendas do PagSeguro. Consulte condições da garantia em pagseguro.com.br. Bandeiras Amex, Hipercard e Diners são aceitas mediante leitura de tarja. Bandeiras Mastercard®, Visa, Elo, Ticket, Sodexo e VR Benefícios mediante leitura de chip e uso de senha. Verificar bandeiras aceitas em pagseguro.com.br. Para sua Moderninha aceitar cartão refeição ou benefícios, você precisa ser conveniado à Ticket e/ou Sodexo e/ou VR Benefícios. Saiba mais em pagseguro.com.br. Cartão Pré-Pago: sujeito às condições de contratação. O Cartão Pré-Pago é grátis apenas para os novos clientes que comprarem a Moderninha Wifi até 31/3/2017. Wifi requer conexão banda larga para funcionar. *Parcelamento do preço da Moderninha Wifi válido apenas para cartão de crédito. Consulte condições em pagseguro.com.br. **Não precisa de conta bancária exceto para transações realizadas com cartão refeição.



Quando uma dificuldade aparece, é preciso saber mudar, mas sem perder o foco no que realmente importa. Com o tempo, a gente redescobre a nossa força e acredita ainda mais na própria capacidade de seguir em frente. Confiança a gente conquista passo a passo.

Tem uma Petrobras que você precisa conhecer. **petrobras.com.br/daquiprafrente**

PETROBRAS

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA

BRASIL GOVERNO FEDERAL

PRATOS PRONTOS SEARA.

RECEITAS EXCLUSIVAS E DELICIOSAS,

COM SABOR DE INGREDIENTES FRESQUINHOS.

EXPERIMENTE SEARA.

A QUALIDADE

VAI TE SURPREENDER.

Seara

Seara Yakisoba

Seara Lasanha Integral à Bolonhesa

Seara Escondidinho de Carne Moída

SEM ADIÇÃO DE CONSERVANTES

Imagens ilustrativas

www.CANAL SEARA

SUMÁRIO

Edição 970 | 23 de janeiro de 2017

PRIMEIRO PLANO

DA REDAÇÃO 14

PERSONAGEM DA SEMANA 15
MC G15, o autor de um fenômeno global e desbocado na internet

A SEMANA EM NOTAS 18

A SEMANA EM FRASES 20

EXPRESSO 22
Teori ordenou que a análise das delações da Odebrecht fosse feita em sala sem internet por medo de vazamento

GUILHERME FIUZA 24
Populistas são os outros

SUA OPINIÃO 26

NOSSA OPINIÃO 28

TEMPO

TRAGÉDIA 32
Teori, o juiz que pôs políticos na cadeia e preparava a maior delação da História

O que sabemos e o que é preciso investigar na queda do avião em Paraty 38

INVESTIGAÇÃO 42
Fernando Pimentel, governador de Minas Gerais, passeou por Punta del Leste sem pagar

TEATRO DA POLÍTICA 44
A tentativa do governo Temer de reagir à crise nos presídios

CENAS BRASILEIRAS 48
Trapalhadas do governo culminaram em sete dias de rebelião no Rio Grande do Norte

ENTREVISTA 50
David Skarbek, o pesquisador de prisões

IDEIAS

CRÔNICAS AMERICANAS 54
A posse de Donald Trump, o 45º presidente dos Estados Unidos

Como a fortuna de Trump pode gerar instabilidade em seu governo 58

As repercussões da posse de Trump na resolução de conflitos internacionais 62

CRÔNICAS DE DAVOS 64
No Fórum Econômico Mundial, os assuntos foram Trump e o medo da globalização

HELIO GUROVITZ 67
Trump destruirá o legado de Obama?

VIDA

DOSES DE SAÚDE 68
O surto de febre amarela silvestre em Minas Gerais lembra que o vírus está à espreita

GUSTAVO CERBASI 70
Sete erros a evitar em 2017

MENTE ABERTA 72
Manchester à beira-mar lidera uma leva de filmes sobre o luto

BRUNO ASTUTO 74
Rainha do axé, Daniela Mercury quer diversificar seu súditos

WALCYR CARRASCO 77
Homofobia em alta

MENTE ABERTA 78
Uma imigrante camaronesa escreve sobre os limites do sonho americano

12 HORAS 80

RUTH DE AQUINO 82
Moro, não pegue avião

EDITORA GLOBO

DIRETOR GERAL Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE AUDIÊNCIA Luciano Touguinha de Castro
DIRETORA DE MERCADO ANUNCIANTE Virginia Any

ÉPOCA

Diretor de Redação: João Gabriel de Lima epocadir@edglobo.com.br
Editor-Chefe: Diego Escosteguy
Diretor de Arte Multiplataforma: Alexandre Lucas
Editores Executivos: Alexandre Mansur, Guilherme Evelin, Leandro Loyola, Marcos Coronato
Editores-Colunistas: Bruno Astuto, Murilo Ramos
Editores: Aline Ribeiro, Bruno Ferrari, Flávia Tavares, Flávia Yuri Oshima, Luca Yonaha, Marcela Buscato, Marcelo Moura
Editores Assistentes: Isabela Kassel, Bruno Calixto
Repórter Especial: Cristiane Segatto
Colunistas: Eugênio Bucci, Guilherme Fiuza, Gustavo Cerbasi, Helio Gurovitz, Ivan Martins, Jairo Bouer, Marcio Atalla, Ruth de Aquino, Walcyr Carrasco
Repórteres: Daniel Haidar, Gabriela Varella, Luís Lima, Nina Finco, Paula Soprana, Rafael Ciscati, Rodrigo Capelo, Ruan de Sousa Gabriel, Teresa Perosa
Vídeo: Pedro Schmidt; **Web Designer:** Giovana Tarakdjian;
Consultora de Marketing: Cássia Christie
Estagiários: Amanda Geroldo, Beatriz Morrone, Bruna de Alencar, Gabriela Navalon, Helena Fonseca, Zé Enrico Teixeira
SUCURSAIS | RIO DE JANEIRO: epocasuc_rj@edglobo.com.br
Praça Floriano, 19 – 18o andar – Centro – CEP 20031-050
Editor: Sérgio Garcia; **Repórteres:** Acyr Méra Júnior, Guilherme Scarpa, Marcelo Bortoloti;
Repórteres Especiais: Hudson Corrêa, Samantha Lima;
Estagiária: Gisele Barros
| BRASÍLIA: epocasuc_bsb@edglobo.com.br
SRTVS 701 – Centro Empresarial Assis Chateaubriand – Bloco 2 – Salas 701/718 – Asa Sul
Diretor: Luiz Alberto Weber;
Repórteres: Aiana Rizzo, Ana Clara Costa, Barbara Lobato, Bruno Boghossian, Filipe Coutinho, Nonato Viegas, Talita Fernandes;
FOTOGRAFIA | Editor: André Sarmento; **Assistente:** Sidinei Lopes
DESIGN E INFOGRAFIA | Editor: Daniel Pastori; **Editora Assistente:** Aline Chica;
Designers: Alyne Tanin, Daniel Graf, Renato Tanigawa;
Estagiários: Felipe Rocha, Fernanda Ferrari
Editor de Infografia: Marco Vergotti
SECRETARIA EDITORIAL | Coordenador: Marco Antonio Rangel
REVISÃO | Coordenadora: Araci dos Reis Galvão de França; **Revisores:** Alice Rejaili Augusto, Elizabeth Tasiro, Silvana Marli de Souza Fernandes, Virginia Helena Costa Rodrigues
CARTAS À REDAÇÃO | epoca@edglobo.com.br;
Assistente Executiva: Jaqueline Damasceno;
INOVAÇÃO DIGITAL | Diretor de Inovação Digital: Alexandre Maron;
Gerente de Estratégia de Conteúdo Digital: Silvia Balieiro;
TECNOLOGIA | Diretor de TI: Rodrigo Gosling
Desenvolvedores: Everton Ribeiro, Fabio Alessandro Marciano, Jeferson Mendonça, Leandro Pelição, Marcelo Amêndola, Marcio Costa, Murilo Amendola;
Automação Editorial: Everton Paes, Ronaldo Nascimento;
Opec On-Line: Rodrigo Santana Oliveira, Danilo Panzarini, Higor Daniel Chabes, Rodrigo Peccochi, Thiago Previero

MERCADO ANUNCIANTE | Segmentos – Financeiro, Imobiliário, TI, Comércio e Varejo | Diretor de negócios multiplataforma: Emiliano Morad Hansenn; Gerente de negócios multiplataforma: Ciro Hashimoto; Executivos multiplataforma: Cristiane Paggi, Selma Pina, Milton Luiz Abrantes, Christian Lopes Hamburg, Taly Camenis Wabrat; Segmentos – Moda, Beleza e Higiene Pessoal | Diretor de negócios multiplataforma: Cesar Bergamo; Executivos multiplataforma: Adriana Pinezi Martins, Ana Paula Boulos, Eliana Lima Fagundes, Juliana Vieira, Selma Teixeira da Costa, Soraya Mazarino Sobral; Segmentos – Casa, Construção, Alimentos e Bebidas, Higiene Doméstica e Saúde | Diretora de negócios multiplataforma: Luciana Menezes; Executivos multiplataforma: Giovanna Sellan Perez, Rodrigo Cirodo Andrade, Valeria Glunzmann; Segmentos – Mobilidade, Serviços Públicos e Sociais, Agro e Indústria | Diretor de negócios multiplataforma: Renato Augusto Cassis Siniscalco; Executivos multiplataforma: Andressa Aguiar, Diego Fabiano, Cristiane Soares Nogueira, João Carlos Meyer, Priscila Ferreira da Silva; | Segmentos – Educação, Cultura, Lazer, Esportes, Turismo, Mídia, Telecom e Outros | Diretora de negócios multiplataforma: Sandra Regina de Melo Pepe; Executivos multiplataforma: Ana Silvia Costa, Guilherme Iaguna Bugio, Lilian de Marche Neffa, Dominique Patroni de Freitas; | EGGN – Consultora de marcas EGGN: Olivia Cipolla Bolonha; | Escritórios Regionais | Gerente multiplataforma: Larissa Ortiz; Executiva multiplataforma: Bebila Garcia Chagas Arantes; Gerente de Eventos: Daniela Valente; Coordenador Opec Off-Line: José Soares; | Unidades de Negócio – Rio de Janeiro – Gerente multiplataforma: Rogerio Pereira Ponce de Leon; Executivos multiplataforma: Daniela Nunes Lopes Chuhim, Juliana Ribeiro Silva, Maria Cristina Machado, Pedro Paulo Rios Vieira dos Santos; | Unidades de Negócio – Brasília – Gerente multiplataforma: Barbara Costa Freitas Silva; Executivos multiplataforma: Camila Amaral da Silva, Jorge Bicalho Feliz Junior; | Estúdio Globo – Diretor de Arte: Rodolpho Vasconcelos; Editora Executiva: Vera Ligia Rangel Cavalieri

AUDIÊNCIA | Diretor de Marketing: Cristiano Augusto Soares Santos; Diretor de Clientes e Planejamento: Ednei Zamparo; Gerente de Vendas de Assinaturas: Reginaldo Moreira da Silva; Gerente de Criação: Valter Bicudo Silva Neto; Coordenadores de Marketing: Eduardo Roccato Almeida, Patricia Aparecida Fachetti

ANER IVC FIPP

ÉPOCA é uma publicação semanal da EDITORA GLOBO S.A. – Avenida 9 de Julho, 5229, São Paulo (SP), Jardim Paulista – CEP 01407-907. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações. **GRÁFICA:** Plural Indústria Gráfica Ltda. – Avenida Marcos Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700 – Tamboré – Santana de Parnaíba, São Paulo, SP – CEP 06543-001.

O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa - Ano 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido; foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.

Deseja falar com a Editora Globo?

TELEVENDAS
4003-9393

VENDAS CORPORATIVAS E PARCERIAS
11 3767-7220
parcerias@edglobo.com.br

PARA ANUNCIAR
SP: 11 3736-7029 | 3767-7447
3767-7842 | 3767-7889
3736-7205 | 3767-7857
RJ: 21 3380-5950 | 3380-5922
BSB: 61 3316-0694
publiepoca@edglobo.com.br

NA INTERNET
www.assineglobo.com/epoca
4003-9393

ASSINATURAS
4003-9393
vendasparcerias@edglobo.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
11 3767-7008
venda_conteudo@edglobo.com.br

Para se corresponder com a Redação: Endereçar cartas ao Diretor de Redação, ÉPOCA. Caixa Postal 66290, CEP 05315-999 – São Paulo, SP. Fax: 11 3767-7008 – E-mail: epoca@edglobo.com.br
As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. ÉPOCA reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação.
Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

UNIP

UNIVERSIDADE PAULISTA

PREFERIDA DO MERCADO DE TRABALHO

5 ANOS CONSECUTIVOS

HÁ 5 ANOS CONSECUTIVOS, *RANKING* DO JORNAL *FOLHA DE S. PAULO* (RUF) CONFIRMA: UNIP É A UNIVERSIDADE PARTICULAR PREFERIDA DOS QUE CONTRATAM, EM TODO O BRASIL. É TAMBÉM A ESCOLHIDA PELOS ALUNOS EMPREENDEDORES.

A UNIP CONTA COM

• MESTRES E DOUTORES •
• LABORATÓRIOS ESPECIALIZADOS •
• COMPLETA E ATUALIZADA ESTRUTURA EDUCACIONAL •
• MAIS DE 85 PARCERIAS UNIVERSITÁRIAS, EM TODOS OS CONTINENTES •

CONHEÇA AS VANTAGENS EM APROVEITAR A NOTA DO ENEM

USE SUA NOTA NO ENEM E VENHA ESTUDAR NA UNIP COM DESCONTO DE ATÉ 100%

• SEM NECESSIDADE DE PRESTAR VESTIBULAR •
• ISENÇÃO DA TAXA DE INSCRIÇÃO •
• FACILIDADE NA MATRÍCULA •
• MATRÍCULA (1.ª MENSALIDADE) DE R$ 60,00 •

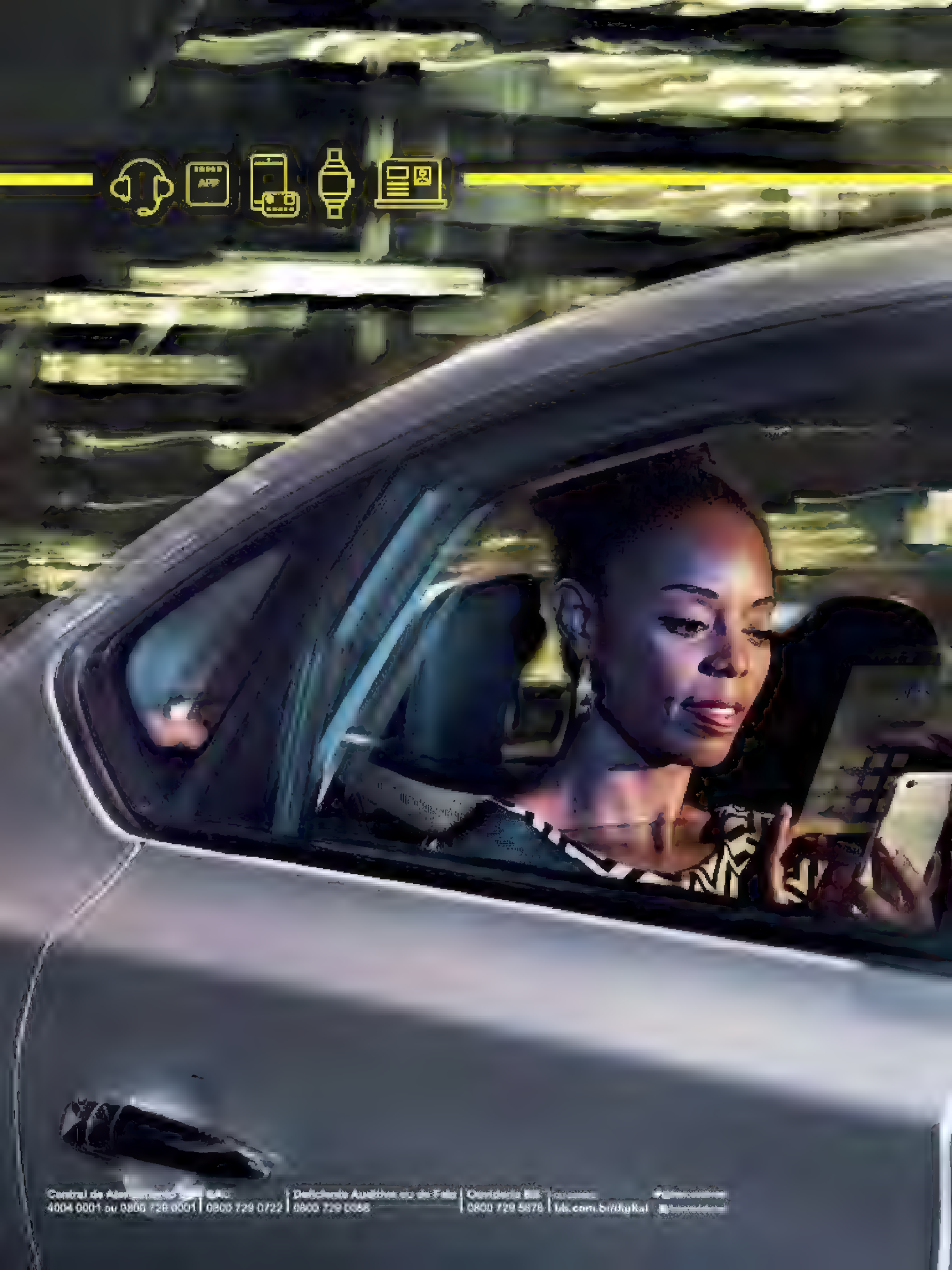
INFORME SUA NOTA NO *SITE* E CONFIRA

WWW.UNIP.BR

QUALIDADE E EMPREGABILIDADE REALMENTE COMPROVADAS

GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO • PRESENCIAL • SEMIPRESENCIAL • *ON-LINE*

UNIP UNIVERSIDADE PAULISTA


Central de Atendimento
4004 0001 ou 0800 728 0001
0800 729 0722
Deficiente Auditivo ou de Fala
0800 729 0088
Ouvidoria BB
0800 729 5678
bb.com.br/diskai

_ Eu sou
dinâmica. Cada
hora em um lugar.
_ Eu sou o
seu banco
no celular.
Banco do Brasil.
Mais que digital.

vigorgrego.com.br

Sabia que Vigor Grego

Sabor

Existem muitos momentos do dia para

Iogurte grego é da Vigor.

Flocos vai muito bem na

mesa?

saborear Vigor Grego. Que tal agora?

Um supremo juiz

O gremista Teori Zavascki, homem de livros, churrascos e piadas, era um servo das leis. Era nelas que encontrava a liberdade para decidir. Todo ministro do Supremo, por definição, tem a difícil missão de proteger a Constituição e guiar seus votos pelos princípios contidos nela. Mas Teori era diferente. Ele, nos casos mais difíceis, não chegava a uma decisão somente sopesando a colisão de diferentes princípios constitucionais. Teori, talvez mais do que os demais ministros, ia além. Buscava, caso a caso, a perfeita harmonia da Constituição com as demais leis e procedimentos de nosso ordenamento jurídico – algo frequentemente inatingível num país com tantos e tão conflitantes ritos legais. No jargão, Teori era um processualista. A obsessão sadia com a forma da lei, se não produzia decisões perfeitas, pois elas não existem, produzia decisões tecnicamente sólidas. Essa pureza processual, refinada em décadas de trabalho minucioso, afastava Teori de ideologias e microfones – de qualquer coisa que pudesse conspurcar a limpidez lógica e legal de suas decisões. Qualquer um podia discordar dos votos dele, mas a ninguém era permitido desqualificá-los. Somente um grande juiz consegue tal façanha.

SOBRIEDADE
O ministro Teori Zavascki. Ele levou rigor processual e retidão de princípios ao STF

A servidão de Teori às leis, a todas as leis, fez dele o juiz certo para tocar o mais complexo e pesado processo da história do Supremo Tribunal Federal. Foi o acaso que conduziu a Lava Jato ao seu gabinete. Foi a virtuosa circunspecção e sobriedade de Teori, no entanto, que conduziu a operação a bom termo no Supremo, mesmo que com altos e baixos, até a trágica morte nas águas de Paraty, na quinta-feira. Como se apressou a dizer o juiz Sergio Moro, não haveria Lava Jato sem Teori. O ministro tomou decisões corajosas no caso, seja em favor dos investigadores, seja em favor dos investigados. Na mais relevante delas, teve a grandeza de mudar de ideia, ao resolver que os processos da operação correriam em Brasília, para aqueles que detinham foro privilegiado, e em Curitiba, para os demais. Se tivesse optado por concentrar todos os casos no Supremo, acumularia poder. A Lava Jato até poderia ter prosseguido, mas certamente não teria se transformado no maior caso de combate à corrupção do planeta. E prosseguido sempre dentro da lei, respeitando as garantias constitucionais dos acusados.

Não faltam exemplos de decisões difíceis tomadas por Teori. Mas, não à toa, faltam exemplos de decisões tomadas em virtude de picuinhas com colegas ou teimosias irracionais, algo infelizmente comum em Brasília. Teori não cedia às pressões. Nem às de fora e, mais raro, às de dentro – aquelas alimentadas pela vaidade vazia, pelo desejo de ser reconhecido e reverenciado. Ele nunca se deslumbrou com o poder, mesmo com a Lava Jato. As prioridades de Teori, desde que assumiu sua vaga no Supremo, eram claras. A lei, e o que os homens públicos faziam dela, importava. As vontades e os caprichos do homem, não.

Essa lucidez sóbria, tão rara onde deveria ser abundante, resta como um legado rico para aqueles que ficam. Num momento em que os rumos da Lava Jato tornam-se incertos, em que a apreensão compreensivelmente toma conta do Brasil, os demais ministros e magistrados do país podem se inspirar no que Teori tinha de melhor. Não há maior homenagem a Teori do que renovar, sob os princípios a que ele tão firmemente obedecia, o compromisso de prosseguir na Lava Jato.

Diego Escosteguy
Editor-chefe

Fotos: Alan Marques/Folhapress

PERSONAGEM DA SEMANA

MC G15

UM DEVASSO NA CRISTA DA ONDA

Com seus funks desbocados e sexistas, como o sucesso "Deu onda", MC G15 se torna um (breve?) fenômeno global na internet

Foto: Anna Carolina Negri/ÉPOCA

Sérgio Garcia

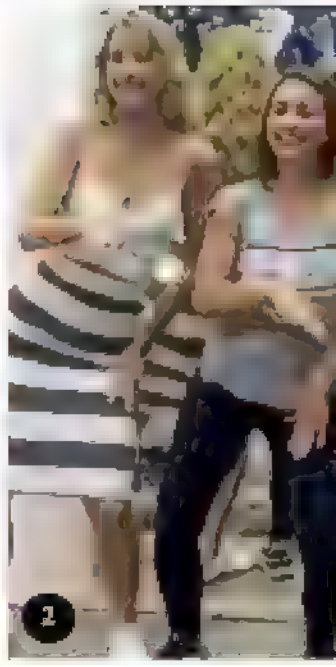
O dia a dia do MC G15 está um pancadão. Na madrugada da quinta-feira, dia 19, em Londrina, ele saiu do hotel às 2 horas da manhã para se apresentar numa boate local. Perto do amanhecer voltou, mas um problema no siso fez com que não fechasse o olho no pequeno intervalo que tinha para descansar. Às 9 horas, já estava aprumado no aeroporto, pronto para embarcar para São Paulo. "Não dormi", diz ele ao repórter de ÉPOCA, numa entrevista por telefone feita no saguão do aeroporto, interrompida algumas vezes para que atendesse os fãs. Não há mesmo tempo a perder, pois é preciso aproveitar a onda. MC G15 é o cérebro e a voz por trás de "Deu onda", funk que se tornou a nova avalanche digital. Em menos de um mês o vídeo foi visto mais de 100 milhões de vezes no YouTube, feito que lhe valeu, na semana passada, o 3º lugar mundial nesse ranking. A epidemia já havia atingido o aplicativo de streaming de música Spotify na virada do ano, quando "Deu onda" chegou a liderar a lista dos hits mais virais do planeta, deixando para trás divindades do pop internacional.

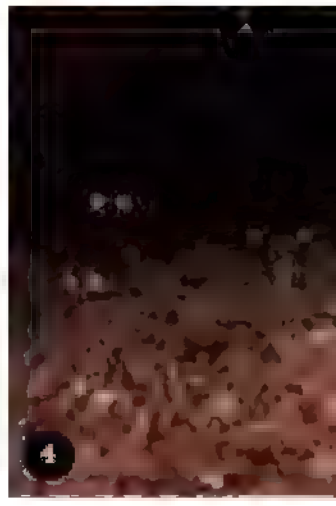
Se você não entendeu algo desse primeiro parágrafo, deve ter mais de 30 anos, não convive com adolescente nem costuma navegar pelas redes sociais. "Deu onda" se tornou onipresente em pistas de dança, rodas de conversa juvenis e memes planeta afora. O jogador Neymar, a cantora Anitta e a youtuber Kéfera, para mencionar apenas alguns, ajudaram a propalar o fenômeno pela internet. "Deu onda" é um legítimo funk da lavra de MC G15, carregado no sexo. Não há atenuantes nem eufemismos nas letras. Tem mão naquilo, boca naquilo, aquilo naquilo e por aí vai. "O pessoal do samba fala de casamento, beijos, flores, enquanto eu já vou direto para a lua de mel", define o cantor.

Nos bailes e shows, onde predominam jovens perto dos 20 anos, G15 canta a versão autêntica da canção, com todas as obscenidades. Versões assim são chamadas "proibidões". Seus funks têm também versões suavizadas para execução em rádio e TV. No programa *Encontro com Fátima Bernardes* do último dia 11, G15 mostrou uma "Deu onda" com letra mais amena e palatável para um público família. Por uma simples troca de vogal, o refrão perdeu a referência à genitália masculina e virou "o pai te ama". A menção à maconha também foi extirpada. Permaneceram, entretanto, os gemidos entremeando os versos, outra marca, digamos, autoral do rapaz. Nesse enredo que parte sempre do ponto de vista do homem como predador sexual, "safada" deve soar como o melhor dos elogios. "O som de G15 obedece a essa nova orientação do funk que vem de São Paulo, mais pesada em termos de letras e temáticas, com excesso de sexualidade e vida louca", diz o jornalista Silvio Essinger, autor do livro *Batidão, uma história do funk*.

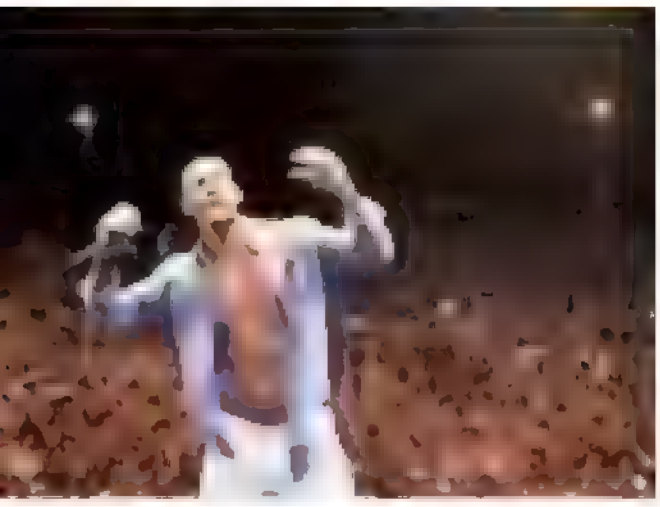
Quem ouve as canções lúbricas de G15 se surpreende ao saber como se deu sua iniciação musical. Seu noviciado ocorreu aos 11 anos, tentando dominar a bateria numa igreja evangélica. Ele conta que em três meses já se dava bem com as baquetas e tocava nos cultos religiosos. Aos 14, arriscou seus primeiros funks e, um ano depois, aceitou o convite de uma produtora para se transferir para São Paulo – daí o G15, em menção à idade desse início. Na capital paulista, recusou as aulas de canto que lhe foram sugeridas. "Nunca fiz aula de nada. Para quê? O bagulho vem do berço. Meu show nunca foi ensaiadinho, gosto de sentir a emoção do público", diz ele, que interrompeu os estudos na 5ª série do ensino fundamental. Por intermédio da produtora, G15 começou a percorrer um circuito de shows e a gravar clipes que pavimentaram a decolagem de "Deu onda".

No universo superpovoado do funk, G15 consegue diferenciar-se de seus pares. Seria um erro atribuir isso apenas a seu linguajar de forte apelo sexista e à estética da ostentação, até porque essa é a regra para boa parte da turma. Estão aí para provar Tati Quebra-Barraco, Valesca Popozuda e Mr. Catra. "Deu onda" se caracteriza por ser um funk mais melódico e menos pancadão. "Ele não tem ritmo tão frenético como os batidões tradicionais", destaca o músico, cineasta e pesquisador Marcelo Gularte, autor de *A enciclopédia do funk*, prevista para cinco volumes, um





Fotos reprodução



TODO MUNDO DANÇANDO
Vários famosos seguiram a coreografia e a letra lascivas de MC G15
1. **A cantora Anitta**
2. **As atrizes de *Malhação***
3. **O jogador Neymar**
4. **Lucas Lucco**
5. **Wesley Safadão**

O funkeiro começou a tocar em igreja evangélica e é casado com a namorada de adolescência

deles concluído. "Mano, é uma coisa natural. Antes de 'Deu onda', o pessoal já falava que eu representava uma revolução no funk", diz G15, cheio de si. A sonoridade diferente deixou com o pé atrás os cultores do chamado funk de raiz, mas não apenas eles. O cantor Ritchie, que despontou nas paradas de sucesso na década de 1980 com rocks e baladas românticas, bateu firme no jovem astro. "Ontem ouvi a dita música do verão e, sinceramente, deu vontade de me aposentar de vez desse ofício", publicou ele.

Gabriel da Paixão Soares, nome de batismo do MC, nasceu em Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense. É o terceiro de oito filhos de um pedreiro com uma dona de casa. Em gratidão aos pais, G15 está bancando uma reforma "muito grande" na residência onde cresceu. Dinheiro não deve ser problema. O estouro do hit se refletiu de imediato em seu cachê, que pode chegar à faixa de R$ 50 mil em apresentações fora de São Paulo. Isso facilita a compra das roupas de grife que compõem seu visual, somado ao cabelo descolorido espetado no cocuruto e raspado nas laterais e ao relógio dourado que parece um adereço de mão. "Já tenho tudo o que queria. O que vier agora é lucro", diz ele, que, assim que completou 18 anos, no dia 3 de outubro, correu para tirar carteira de motorista. Desde então, está habilitado a dirigir o Audi A4 que mantém na garagem do edifício onde mora, no bairro paulistano de classe média da Saúde, com a mulher, Ingryd Tawane, sua paixão de adolescência. O garanhão protagonista dos videoclipes, na verdade, verte-se num marido apaixonado na vida real. G15 confessa que Ingryd foi sua inspiração para tecer versos como *meu fechamento é você, mozão*, de "Deu onda". "Morro de vontade de ser pai e ter um moleque parecido comigo."

Nada melhor que desfrutar a energia dos 18 anos para suportar a série frenética de shows que tem sido sua rotina. Devido à maré cheia, o MC tem feito em média 20 apresentações por semana, que podem contemplar diversos rincões do país. Sua agenda anda tão carregada que os empresários, neste momento, negociam shows somente para outubro. Tiveram ainda de abrir uma brecha nos compromissos para que ele pudesse gravar o *Domingão do Faustão*, do próximo dia 29. Não há sinal de que ele vá desacelerar. Para o Carnaval, o funkeiro confirmou presença no Bloco da Preta Gil, que desfilará no Rio de Janeiro, e tem à mesa quatro propostas para subir no trio elétrico em Salvador. A fase é boa, e cabe aproveitá-la. "A garotada está ouvindo tanta coisa ao mesmo tempo que daqui a pouco ela dá play em outra música", alerta Sany Pitbull, músico e produtor com mais de 30 anos de funk. "Mas estou adorando o rebuliço que ele está causando." Para lidar com os que reclamam, G15 pode recorrer aos versos de uma deidade da música brasileira: *você não gosta de mim, mas sua filha gosta.* ◆

OITO NOTAS

JANEIRO | 2017

QUE RESUMEM A SEMANA

Seg 16 Ter 17 Qua 18 Qui 19 Sex 20 Sáb 21 Dom 22

O indulto final

Em um dos últimos atos como presidente dos Estados Unidos, **Barack Obama** autorizou a soltura de **Chelsea Manning**, analista de inteligência do Exército. A militar transexual, que antes se chamava Bradley Manning, cumpria sentença de 35 anos em isolamento por vazar dados para o site WikiLeaks, de Julian Assange. Nos últimos anos, o WikiLeaks revelou atividades militares e diplomáticas americanas para todo o mundo. Manning ganhará liberdade no dia 17 de maio. Outras 63 pessoas também tiveram suas sentenças perdoadas.

A Samsung investigada

O Tribunal de Seul, capital da Coreia do Sul, rejeitou o pedido de prisão preventiva do herdeiro da Samsung, **Lee Jae-yong**, na quinta-feira, dia 19. A solicitação foi feita pela Procuradoria sul-coreana por seu envolvimento no escândalo de corrupção que derrubou a ex- presidente do país Park Geun-hye.

AI QUE CALOR!

2016 foi o ano mais quente desde 1880, início dos registros. Segundo a Organização Meteorológica Mundial, a temperatura média global foi cerca de

1,1º C

maior do que a do período pré-industrial.

Só para uso medicinal

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária aprovou, em decisão inédita, o registro de um medicamento à base de maconha no Brasil. A medicação já está disponível em 28 países, como Canadá, Alemanha e Estados Unidos. Indicado para o tratamento de uma alteração relacionada à esclerose múltipla, o remédio chegará ao mercado a partir de julho.

Engano trágico

Um acampamento de refugiados foi bombardeado por engano pela Força Aérea Nigeriana na terça-feira, dia 17. O ataque, segundo a Força Aérea, tinha como alvo o grupo terrorista Boko Haram. O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho (ICRC) afirma que o ataque deixou ao menos 76 mortos e 100 feridos. Autoridades da Nigéria ainda não informaram o número oficial de mortos.

Fotos: Nicholas Kamm/AFP, AFP, Latin Stock, Soccorso Alpino Speleologico Lazio/Handout/Reuters, Rogerio Cavalheiro/Futura Press/Estadão Conteúdo, Stefan Heunis/AFP

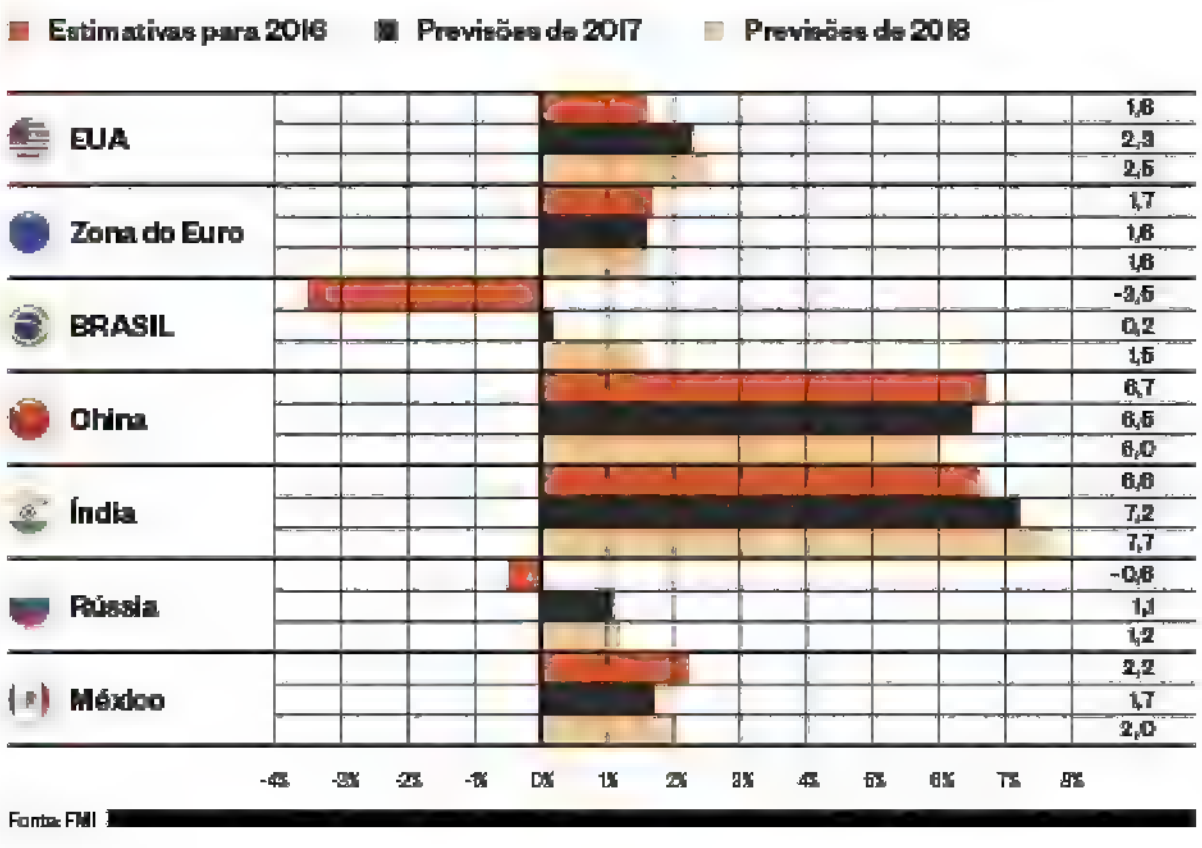
SOTERRADOS NA NEVE Equipes de resgate se colocam em frente ao hotel Rigopiano, na cidade italiana de Farindola, atingida por uma avalanche na quinta-feira, dia 19. O evento ocorreu depois de uma série de terremotos um dia antes. Pelo menos três pessoas morreram.

Confusão com a PM

O líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, **Guilherme Boulos**, foi preso em São Paulo na manhã da terça-feira, dia 17. Ele foi acusado de "desobediência" e "incitação à violência" durante uma ação de reintegração de posse. Segundo a Polícia Militar, ele atacou integrantes da corporação com rojões. Boulos disse se tratar de uma prisão política.

O Brasil na contramão

O Fundo Monetário Internacional (FMI) divulgou na segunda-feira, dia 16, suas projeções para o ano. Embora mais otimista com o desempenho do mundo como um todo, está mais pessimista com o Brasil: prevê um crescimento de só 0,2% da economia nacional, considerado uma estabilização pelos economistas. O número representa uma revisão para baixo. Em outubro, a previsão era de alta de 0,5% para 2017.



Fonte: FMI

DOZE FRASES

QUE RESUMEM A SEMANA

Fotos Guito Moreto/Ag. O Globo, Albin Lohr-Jones/Pool via Bloomberg, Photo by Thomas Trutschel/Photothek via Getty Images e reprodução

"As pessoas que encomendam as notícias falsas contra o presidente eleito americano e as usam na disputa política são piores que prostitutas"

Vladimir Putin, presidente da Rússia, ao negar que serviços secretos da Rússia teriam espionado o presidente Donald Trump e gravado um vídeo dele com prostitutas. Putin afirma que não acredita que Trump tenha entrado em um hotel com mulheres de "moral duvidosa"

"O excesso de desigualdade é contraproducente para o crescimento sustentável ao qual os membros do G20 aspiram"

Christine Lagarde, diretora-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), entoando o novo discurso da instituição de que a prioridade das políticas econômicas deve ser o combate à desigualdade social

"Nós não queremos ser desrespeitosos com Bruce, sua música e sua banda"

Will Forte, tecladista da E-Street Band, banda cover de Bruce Springsteen, que recusou convite para tocar na posse de Donald Trump

"Deixe-me ser clara: o que proponho não significa permanecer no mercado comum"

Theresa May, primeira-ministra britânica, ao discursar sobre os termos do Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia

"A Lava Jato atrai investidores porque gera segurança jurídica"

Rodrigo Janot, procurador-geral da República, ao afirmar que a Operação é pró-mercado e rebater a crítica de que a Lava Jato afasta investidores

"Sem ele, não teria havido a Operação Lava Jato"

Sergio Moro, juiz federal responsável pela investigação, ao lamentar a morte do ministro Teori Zavascki, que ocorreu em um acidente de avião em Paraty, no Rio de Janeiro

"Drama infernal"

Michel Temer, presidente, ao descrever a guerra de facções nos presídios. Numa primeira declaração, Temer descreveu o massacre em Manaus como "acidente pavoroso". Depois, referiu-se à barbárie nos presídios como "pavorosa matança"

"No meu íntimo, eu torço para que tenha sido um acidente"

Francisco Zavascki, advogado e filho do ministro Teori Zavascki, ao afirmar que seria "muito ruim para o país ter um ministro do Supremo assassinado". No passado, Francisco mencionou, nas redes sociais, supostas ameaças à integridade física do pai

DIPLOMACIA

"Acho que ela cometeu um erro catastrófico, que foi receber todos esses 'ilegais'"

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, sobre a política da chanceler da Alemanha, Angela Merkel, de "portas abertas" para os refugiados

"Penso que nós, europeus, temos nosso destino em nossas próprias mãos"

Angela Merkel, chanceler alemã, em resposta às críticas de Donald Trump

TOMATE DA SEMANA

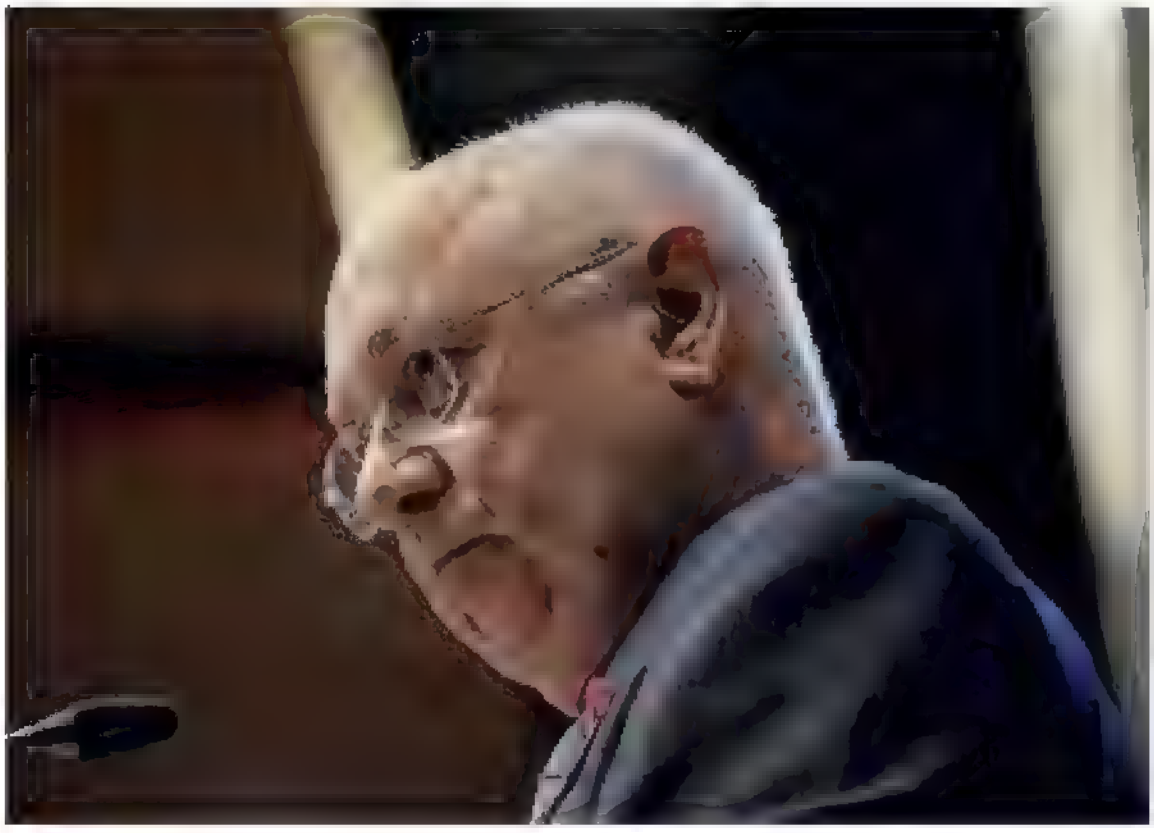
"Era pobre e macaca"

Marcelo de Paiva, apresentador da TV Record, no Distrito Federal, ao se referir à cantora Ludmilla. Depois, tentou alegar que o termo "macaco" "é usado no Centro-Oeste sem valor pejorativo". Foi demitido e será processado pela cantora.

EXPRESSO

POR MURILO RAMOS

expresso@edglobo.com.br



Cautela

Recomendações

Uma das últimas orientações do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) **Teori Zavascki** a sua equipe foi que analisassem o material das delações dos executivos da Odebrecht em um local sem computador e sem acesso à internet. Teori detestava a ideia de que algo pudesse vazar dali e ele fosse culpado por isso.

Fases

A relação de Teori com o procurador-geral da República, **Rodrigo Janot**, vivia de altos e baixos. Teori chegou a reclamar que as denúncias apresentadas pela turma de Janot eram, muitas vezes, frágeis e que isso retardava seu trabalho de análise. Mas, nos últimos meses, o clima desanuviou.

Conselheiro

O presidente Michel Temer não escolherá o sucessor de Teori no Supremo sem falar com o presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST), Ives Gandra Martins Filho. Os dois se aproximaram bastante desde que o peemedebista assumiu a Presidência da República.

Para depois

Carlos Alberto Filgueiras, amigo de Teori que também morreu no acidente aéreo em Paraty, sonhava em inaugurar um resort luxuoso na cidade. O projeto, encomendado em 2010, pertence ao renomado arquiteto britânico Norman Foster. Existe até a previsão de uma entrada para hidroaviões.

Quatro cantos

A primeira-dama Marcela Temer recebe cada vez mais convites para participar de audiências do programa Criança Feliz, do qual é embaixadora. Boa parte das solicitações é feita ao presidente, que aproveita para fazer uma triagem.

Dureza

Marqueteiros contratados pelo governo têm dificuldades para escolher o nome do programa que receberá egressos do Bolsa Família. O problema é transmitir a ideia de que o novo programa não vai enterrar o antigo, conforme o PT disse que aconteceria na gestão de Temer.

Na manga

Temer tem sido aconselhado a guardar um nome para substituir José Serra no comando do Itamaraty caso a situação do ministro piore com as revelações da Lava Jato.

Fotos: Nelson Antoine/Framephoto/Estadão Conteúdo, Rial Punk/Futura Press/Estadão Conteúdo, Pedro Ladeira/Folhapress. Montagem sobre fotos de divulgação, reprodução e Thinkstock

Com **Bárbara Lobato** e reportagem de **Ana Clara Costa, Alana Rizzo, Luís Lima** e **Samantha Lima**

Jó

Na segunda-feira (23), Dyogo Oliveira completa oito meses como ministro interino do Planejamento. Ouve promessas de que será efetivado na minirreforma que Temer pretende fazer após as eleições na Câmara e no Senado em fevereiro.

Como se fosse

Secretário do Programa de Investimentos, Moreira Franco comenta orgulhoso que herdou tudo do gabinete da Vice-Presidência que era ocupado por Temer. Cadeira, sofá, mesas, segurança...

GPS

Temer destacou um de seus assessores especiais, o ex-deputado Sandro Mabel, para ficar de olho no que Ricardo Barros faz no Ministério da Saúde. Barros já deu muito trabalho ao Planalto.

Lá pode

O Ministério Público do Peru quer utilizar documentos da Operação Castelo de Areia, anulada pelo STJ, na investigação contra a Odebrecht por irregularidades em obras.

Vai querer?

Sondagem

Discretamente o PTB convidou o governador paulista, **Geraldo Alckmin**, a se filiar à legenda para disputar a eleição presidencial em 2018. Caciques do partido acham que Alckmin terá problemas demais para viabilizar sua candidatura no PSDB. O PSB já fez o mesmo.

Cláudia, Cláudio

Principal delator da Odebrecht na Lava Jato até agora, o lobista **Cláudio Melo** não está curtindo o verão em sua mansão num condomínio luxuoso da Bahia – onde é vizinho do ex-ministro Geddel Vieira Lima – como fazia todo ano. Mas ele está faturando: alugou a casa para a família da cantora baiana **Claudia Leitte**. Ela disse, por meio de sua assessoria, não saber que o imóvel pertence a Melo, pois o contrato estava no nome da mulher do lobista. Por acaso o nome dela é Cláudia.

Leia a coluna EXPRESSO em epoca.com.br

Quanto vale?

Peritos da Polícia Federal vão concluir nos próximos dias os primeiros laudos das 273 obras de arte apreendidas na Lava Jato. Tentarão estimar o valor de todas elas. Do total, 47% são de propriedade do ex-diretor de Serviços da Petrobras Renato Duque. Na coleção, há obras de artistas brasileiros como Guignard, Djanira e Heitor dos Prazeres.

Disque 100

A Secretaria de Direitos Humanos registrou aumento no número de denúncias de casos de violações nos presídios do Brasil. Somente na primeira quinzena deste ano foram 107 ante 89 registradas ao longo de 2016. Só do Amazonas, estado onde houve o maior massacre de presos após o Carandiru, foram registrados dez casos de violação de direitos humanos neste mês. Só resta saber se as ligações estão sendo feitas de dentro dos presídios.

Chuva

O STJ contabiliza mais de 27 mil pedidos de *habeas corpus* criminais. São Paulo (13.703), Rio Grande do Sul (2.709) e Rio de Janeiro (1.953) são os estados que mais acionam a Corte.

Falta pouco

O CEO da siderúrgica indiana Arcelor Mittal, Adytia Mittal, disse que anunciará, dentro de dois meses, a aquisição de uma empresa no Brasil.

Outros tempos

Até a metade do ano, o escritório do Itaú em Nova York deixará o badalado General Motors Building, prédio localizado na Quinta Avenida e que abriga a loja da Apple mais famosa do mundo. O banco se mudará para um edifício onde o aluguel é mais barato, próximo ao Bryant Park. Demissões e o desempenho aquém do esperado são as causas da mudança.

SUA OPINIÃO

Escreva para:
epoca@edglobo.com.br

MINISTRO SEM MORAL

Em "O homem errado" (969/2017), ÉPOCA analisa os equívocos cometidos pelo ministro da Justiça, Alexandre de Moraes

Quem seria o correto? José Eduardo Cardoso? Tarso Genro? O Lula? A verdade é que ninguém vai resolver enquanto o Estado se envolver em tudo!

Diego Gomes,
via Twitter

Sem dúvida alguma, o estilo fanfarrão do ministro da Justiça só está criando problemas para ele e para o governo em geral. A fama lhe subiu à cabeça. Só espero que caia na real e veja que os problemas do ministério dele são seríssimos e precisam ser encarados de frente, sem balela e papo furado. Afinal, a vida no Brasil, seja onde for, está pela hora da morte.

Antonio José Gomes Marques,
Rio de Janeiro, RJ

A atuação de Alexandre de Moraes recebe críticas pela forma como ele encaminha as propostas relativas à segurança pública, que, para muitos especialistas, tem poucas possibilidades de dar resultados positivos.

Uriel Villas Boas,
Santos, SP

> "As verdadeiras reformas na segurança consistem em modernização da investigação criminal e da carreira policial"
>
> **Ado Fraga,**
> via Facebook

TOLICE E DESUNIÃO

Em "Por que os planos nacionais de segurança dão errado?" (969/2017), dois especialistas debateram a ineficácia das reformas na segurança

Da mesma forma que os governos estaduais perderam a capacidade de gerir suas economias, também perderam o controle de seus presídios. Agora, só mesmo um milagre econômico no país para salvá-los dessa grave situação. A pro-

pósito, é uma coisa muito difícil de acontecer num futuro próximo.

Gildete do Nascimento,
São Paulo, SP

Precisamos de uma polícia mais preparada e muito menos corrupta.

Itacolomy Pires,
via Twitter

Poucas coisas no Brasil dão certo, porque há uma deficiência grande de planejamento.

Sebastião Correia de Araújo,
via Facebook

Se o cidadão ou o governo ainda tinham alguma dúvida de quem é que manda no mundo dos presídios, isso já acabou. O pior de tudo é que nada vai mudar num futuro próximo. As soluções apresentadas e postas em prática pelo governo federal são de fazer qualquer palhaço morrer de rir.

Luís Fernando,
Laguna, SC

Nada disso estaria acontecendo se governos e políticos, do passado e do presente, em vez de apenas dilapidarem os cofres públicos, tivessem construído presídios com celas individuais, limpas, organizadas e rigorosamente fiscalizadas pelo governo federal.

José Marques,
São Paulo, SP

ERRAMOS

O autor do obituário do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) se chama José Carlos Sebe Bom Meihy, e não João, como foi publicado em "A fluidez do pensamento" (969/2017).

MAIS COMENTADAS

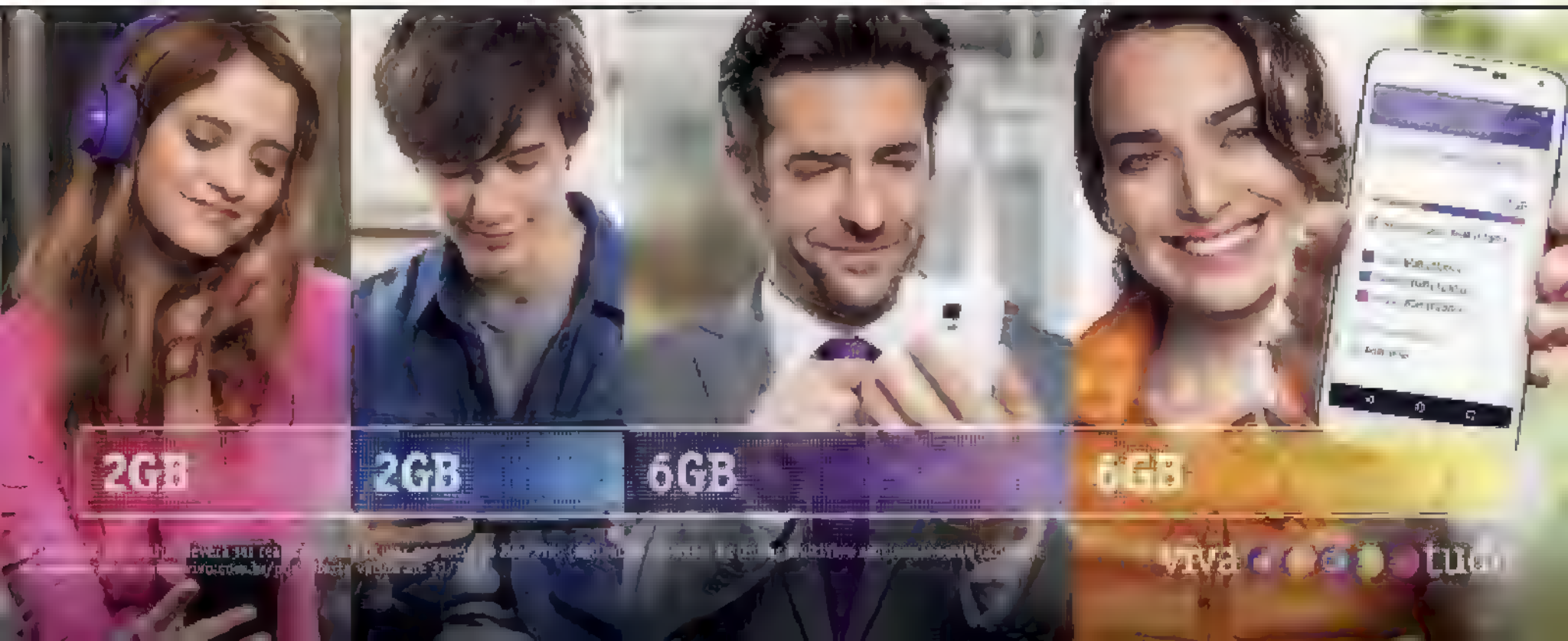
1. **Polícia teme retaliação de facção em prisões de São Paulo**
2. **STJ gasta R$ 339 mil com computadores da Apple**
   Expresso
3. **Igreja de Valdemiro Santiago é dona de dois aviões e dois...**
   Expresso
4. **Traficantes cariocas recrutam e armam crianças cada vez mais novas para...**
5. **Temer pede a Moraes que evite críticas ao Judiciário**
   Expresso

MAIS LIDAS

1. **Filho de Kadu Molterno faz sucesso com canal gay**
   Bruno Astuto
2. **De volta a *Amor & sexo*, Fernanda Lima se vê às...**
   Bruno Astuto
3. **Valesca muda o visual para nova campanha**
   Bruno Astuto
4. **Polícia teme retaliação de facção em prisões de São Paulo**
5. **Em segredo, Lula presta depoimento à PF em Brasília sobre indicação à Casa Civil**

MAIS COMPARTILHADAS

1. **Igreja de Valdemiro Santiago é dona de dois aviões e dois...**
   Expresso
2. **STJ gasta R$ 339 mil com computadores da Apple**
   Expresso
3. **Alexandre de Moraes: O homem errado**
4. **Facção paulista planeja represália contra policiais**
5. **Ministério Público abre quatro investigações criminais contra Haddad**



Com a Multiplus e a Editora Globo,
você tem o **melhor da vida**
e **da informação**

Nenhuma facção criminosa é tolerável

Ao discutir uma política de segurança comum aos estados, o governo começa a atacar a causa da violência, em vez de lamentar as consequências

TODOS POR UM **Reunião de governadores com o presidente Michel Temer. Se o crime é nacional, o combate também deve ser**

Dez dias e mais de 130 mortes depois do início das rebeliões deste ano, em presídios estaduais, o presidente Michel Temer começou a entender que está diante de algo muito maior do que um "acidente pavoroso". No dia 17, Temer se reuniu com os governadores. Ouviu reclamações, sugestões e combinou uma ação conjunta, com apoio financeiro e compartilhamento de informações, em parceria com a Polícia Federal, as Forças Armadas e a Agência Brasileira de Inteligência. Antes, discutiu com a presidente do Supremo Tribunal Federal, Cármen Lúcia, formas de entender a crise no sistema carcerário e reagir. Estancar o banho de sangue nos presídios é o objetivo imediato. Existe outro ainda maior: erradicar as facções criminosas. Aceitar pactos de paz, mesmo que tácitos, é semear o próximo massacre. Não existe convivência possível.

Também não existe solução fácil. Na última década, a população carcerária dobrou de tamanho, mas a violência não diminuiu. Os anseios da sociedade por mais segurança foram atendidos com demagogia. O Poder Legislativo assinou leis severas até para infratores de baixa periculosidade. O Poder Judiciário ignorou penas alternativas ao assinar sentenças duras. Quando foi necessário assinar investimentos e projetos, faltou tinta: o Poder Executivo não construiu presídios suficientes. Superlotadas, as cadeias se tornam centros de recrutamento e formação de criminosos. Nos presídios, presos que já cumpriram pena – ou que ainda aguardam julgamento – filiam-se a quadrilhas para conseguir a segurança e até o creme dental que o estado não é capaz de fornecer.

Organizações criminosas crescem à sombra da incompetência do poder público, irrigadas por muito dinheiro. Sem as duas condições, elas morrem. Rastrear movimentações financeiras, confiscar bens de suspeitos e firmar acordos de delação premiada é uma fórmula eficiente na Operação Lava Jato e pode ser eficiente no combate às facções. O juiz pode oferecer ao traficante delator uma nova identidade e anular por completo décadas de condenação. Por que não tentar?

Juízes estaduais relatam, reservadamente, o pânico que sentem diante da incumbência de assinar despachos contra traficantes. Uns choram, outros pedem licença médica. Criado em 2004 e usado poucas vezes, o Incidente de Deslocamento de Competência permite transferir processos de juízes estaduais para juízes federais, geograficamente mais distantes e menos sujeitos a intimidações. Quando o poder de uma quadrilha intimida os homens da lei, é necessário avançar – não recuar. ◆

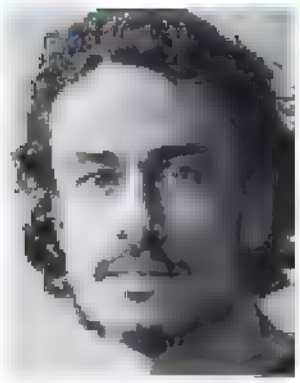
Foto: Beto Barata/PR

Concorra a **um milhão de pontos**
e escolha entre **mais de 500 mil itens** para resgatar!

Saiba como em **euqueroummilhaodepontos.com.br**

EDITORA GLOBO

parceiro multiplus



GUILHERME FIUZA

Populistas são os outros

Dizem que Donald Trump vai provocar uma guerra mundial. Mas ela já começou, mesmo antes da posse do novo presidente americano. Assim como no Carnaval há (ou havia) a batalha de confetes, o planeta vive hoje a guerra dos panfletos. É mundial, estúpida e devastadora.

Ponha seu crachá, decore sua cartilha e se atire no front. Hollywood está unida contra o populista. Artistas convidados para se apresentar na posse dele, como o tenor italiano Andrea Bocelli, foram intimidados nas redes sociais: ninguém poderá aderir ao populismo impunemente. Não seja louco, caro leitor, de perguntar quem é o populista. Você será fuzilado sumariamente pela patrulha democrata e pacifista.

Mas... Quem é o populista?

Segundo o moderno dicionário ideológico universal, populista é Donald Trump. Agora se segure firme no cavalo e não mostre esta revista a ninguém, para não ser executado a sangue-frio: mais populista que Trump, só Barack Obama.

O candidato vencedor das eleições presidenciais americanas, que parecia ser apenas uma laranjada demagógica, surpreendeu a todos, quebrou as bancas de apostas e chegou lá. O espetáculo daquele magnata afetado fazendo comícios que mais pareciam discussão de bar, num tom oposto à verve polida de Obama, deu ao mundo a certeza de estar diante de um aventureiro – na melhor das hipóteses. A outra diferença básica entre o laranja malcriado e o negro elegante é sutil: um está chegando à Casa Branca, e o outro acaba de passar oito anos lá.

E agora? Quem é o populista?

A resposta proibida é a seguinte: Trump, por enquanto, não é nada. Arrivista? Demagogo? Estadista? Picareta? Estrategista? Nem Deus sabe. Na retórica eleitoral tudo cabe. Mas, se o objetivo é a Presidência da nação, o que importa é a Presidência, certo? Então vamos falar de Obama – que, nesse quesito, é o único dos dois de quem se pode falar.

Obama é um fofo. Jogando basquete, é uma gracinha. Aquele sorriso largo combinado com a fala pausada e o inglês perfeito arranca suspiros. Jovem, magro... E ainda dança. Falta alguma coisa?

Basicamente, tudo.

Obama é o primeiro presidente negro dos Estados Unidos e o primeiro a ganhar um Nobel da Paz por antecipação – no primeiro ano de governo. Uma coisa, infelizmente, tem a ver com a outra. E tem a ver com a obsessão da humanidade culta pela criação e adoração de mitos. Barack é o personagem dos sonhos de Hollywood – e quem acordar a turma de Beverly Hills vai pagar caro. Bem, como já estamos todos pagando muito caro pelo conto de fadas dos coitados profissionais, vamos botar o despertador na orelha deles.

O legado do presidente bonzinho que prometeu taxar sem pena os ricos para dar aos pobres é pífio. Mais impostos, mais burocracia, menos pujança econômica – e o final patético de toda política que promete drenar riquezas para a salvação social: estagnação. O único milagre dessa história é, no frigir dos ovos, o discurso "sensível" de Obama permanecer de pé. Nem a eleição ele ganhou, mas o mito está intacto. Sabem qual é o nome disso? Populismo.

OBAMA É O PERSONAGEM DOS SONHOS DE HOLLYWOOD, MAS O LEGADO DO PRESIDENTE BONZINHO É PÍFIO

O observador honesto, que largar os crachás e as cartilhas para ver as coisas como elas são, constatará facilmente que a prioridade de Obama foi o discurso. Árabes, negros, mulheres, gays... Todas elas causas nobres e urgentes – mas quem tem coragem de dizer que o sectarismo refluiu nesses oito anos? Os Estados Unidos ainda são os maiores líderes do planeta, e a paz no planeta não foi ao show de Obama – como se nota, por exemplo, na escalada do Estado Islâmico. Não pode haver nada mais populista do que governar no palanque.

Apesar de derrotados nos Estados Unidos e enxotados do poder no Brasil por delinquência explícita, os ases da narrativa sabem o tesouro que têm nas mãos. A plateia adora um gigolô da bondade. Em São Paulo, um folclórico líder sem teto, que na verdade faz política fisiológica e engordou à sombra do governo petista, conseguiu depois de muitas tentativas ser detido pela polícia. "Atentado à democracia!", gritou Dilma, sua ex-patrocinadora, que ainda está solta.

Pois eis que esse populismo mais vagabundo e deletério, que sugou inocentes acima e abaixo do Equador com verniz socialista, agora vem dizer que populistas são os outros. Segure a carteira, que a bondade dessa gente não tem limite. ◆

Guilherme Fiuza é jornalista. Publicou os livros *Meu nome não é Johnny*, que deu origem ao filme, *3.000 dias no bunker* e *Não é a mamãe – Para entender a Era Dilma*. Escreve quinzenalmente em ÉPOCA **gfiuza@edglobo.com.br**

SOBRIEDADE
O ministro Teori Zavascki. Técnica jurídica e retidão pessoal a serviço do país

TEMPO
IN MEMORIAM

1948 - 2017

TEORI ZAVASCKI

OBRIGADO, VOSSA EXCELÊNCIA

A trajetória do legado do discreto juiz que se revelou um herói silencioso da Lava Jato

Talita Fernandes

Com os óculos discretos e o rosto invariavelmente fechado, Teori Zavascki expressava a imagem de ministro austero – quase carrancudo de tão ensimesmado. De toga, guardava distância das coisas do mundo. Sem ela, abraçava o que o mundo tinha de melhor: a família, os amigos, as piadas, o Grêmio... Ao contrário de outros colegas da Corte, não era afeito a frases de efeito. Atinha-se ao que estava nos processos e na lei. Não costumava expor suas opiniões. Morando em Brasília, onde é comum encontrar políticos, advogados e procuradores frequentando os mesmos restaurantes, Teori reclamava do isolamento causado pela Lava Jato. Era o preço de ser, ao mesmo tempo, o ministro mais discreto possível para o processo mais visado do país, com os inúmeros interesses que o cercavam. Com ou sem toga, Teori sempre sabia o que era (um ministro do Supremo) e o que precisava preservar (as leis do país). ▸

Foto: Fernando Bizerra Jr/EFE

"PORQUE O PADRÃO CIVILIZATÓRIO DE UM POVO SE MEDE PELA SUA CAPACIDADE DE OBSERVAR AS NORMAS NATURALMENTE. NÃO É UMA COISA MUITO SIMPÁTICA, APESAR DE PARECER, ESSA IDEIA DE QUE NO BRASIL SOMOS UM POVO MUITO ALEGRE, QUE NÓS SEMPRE DAMOS UM 'JEITINHO' PARA AS COISAS. ACHO QUE ISSO NO FUNDO FACILITA A DESOBEDIÊNCIA E DESAUTORIZA O SISTEMA"

Em palestra na Associação dos Advogados de São Paulo (AASP), em outubro de 2016

Uma cena resume a dualidade entre o ministro fechado do Supremo Tribunal Federal e o outro Teori, que curtia amigos, gostava de vinhos, adorava o Grêmio e ria com os memes que lhe eram enviados por WhatsApp. Era um churrasco num sítio, nos arredores de Brasília. Um colega reparou – e comentou – a bermuda larga e o chinelo de dedo, algo raro de ver. "Pois é, mas continuo ministro do Supremo", brincou Teori. Os colegas são unânimes: Teori não misturava as coisas. Podia conversar por horas a fio. Mas não falava uma palavra sobre os processos – muito menos sobre a Lava Jato. Só nos últimos meses ele abriu uma exceção. Reclamou com amigos, mais de uma vez, que, apesar de o gabinete estar sobrecarregado, ele tinha de ouvir críticas sobre a demora dos processos da operação. "O problema está lá", dizia a pessoas próximas, apontando para a sede da Procuradoria-Geral da República.

Os dois Teoris farão muita falta. Um, à família e aos amigos. O outro, ao Supremo e ao país. Ambos pereciam nas águas de Paraty às 17h30 da quinta-feira, quando a dor da perda de um amigo e de um colega se espalhava pelo Supremo Tribunal Federal. Seguranças que trabalham na portaria do Anexo II do STF não desgrudavam os olhos da televisão. Esperavam ansiosos por atualizações da notícia que listava o ministro Teori como um dos passageiros de um avião que caíra cerca de duas horas antes no mar, perto de Paraty. Na sala C-319, no 3º andar do prédio onde ficam os gabinetes dos ministros no Supremo, os servidores que trabalham no gabinete ocupado por Teori passaram a tarde ansiosos por atualizações.

O primeiro alerta de que as coisas podiam ir mal com o ministro veio por volta das 15h30, de dois juízes que estavam no gabinete. Entre eles Márcio Schiefler, o instrutor da Lava Jato, espécie de braço direito de Teori e responsável pela checagem das delações. Ao verem uma notícia de que um avião havia caído no litoral do Rio de Janeiro, ambos se deram conta de que o trajeto coincidia com o que seria feito pelo ministro naquela tarde. Teori havia embarcado às 13h01 em São Paulo com destino à costa fluminense.

Preocupados, os juízes se dirigiram com pressa à presidência da Corte e de lá ligaram para a família do ministro, depois de falar com a presidente do STF, Cármen Lúcia, por telefone. Todos estavam apreensivos. De Minas Gerais, onde foi visitar o pai, Cármen pediu que os auxiliares de Teori entrassem em contato com o presidente Michel Temer. O Palácio do Planalto então colocou recursos à disposição e pediu empenho de autoridades locais na busca do ministro. Passados alguns minutos das 18 horas, veio a confirmação: Teori estava morto. Do lado de fora do gabinete tocava *Concerto italiano*,

"QUEM TEM LEGITIMIDADE PARA TRANSFORMAR A VONTADE POPULAR EM NORMA DE CONDUTA É O LEGISLADOR. PARA ISSO ELE TEM O VOTO DIRETO. O JUIZ NÃO TEM COMO AFERIR A VONTADE POPULAR EM CADA DECISÃO QUE ELE VAI DAR. O JUIZ AFERE A VONTADE POPULAR TAL COMO ELA FOI MANIFESTADA PELOS REPRESENTANTES DIRETOS DESSA VONTADE POPULAR"

Em palestra promovida pela Fundação Getulio Vargas (FGV) no Rio de Janeiro, em junho de 2016

composta pelo alemão Johann Sebastian Bach. Servidores de outros gabinetes chegaram em pequenos grupos à sala ocupada por Teori para prestar homenagens e oferecer apoio aos servidores.

Teori partira do Campo de Marte, em São Paulo, num avião bimotor da fabricante Hawker Beechcraft que pertencia ao grupo hoteleiro Emiliano. Antes de voltar para Brasília para trabalhar na homologação da delação da Odebrecht, Teori decidiu passar uns dias de folga na praia com amigos. Na noite anterior, quando estava em Porto Alegre, jantou com a família. Estava animado com a folga, sabia que em poucas semanas voltaria à rotina do Tribunal e teria a missão de homologar a tão esperada delação dos 77 executivos da Odebrecht – depoimentos que atingem o núcleo da República, do atual presidente Michel Temer e um punhado de ministros, senadores, o ex-presidente Lula. Pouco antes das 14 horas, a Guarda Costeira foi acionada: uma aeronave havia caído na Costa Verde, Litoral Sul do Rio de Janeiro. Junto de Teori estavam a bordo o dono do Hotel Emiliano, Carlos Alberto Filgueiras, de 69 anos, de quem Teori era muito amigo. Os dois, o piloto Osmar Rodrigues, de 56 anos, a massaterapeuta Maíra Panas e sua mãe, Maria Hilda Panas, não sobreviveram à queda.

Teori estava no STF desde 2012. Foi o escolhido para substituir o ministro Cezar Peluso. O nome de Teori já havia sido apresentado à presidente Dilma Rousseff algumas vezes. Ela queria montar uma Corte mais técnica e menos ideológica. Estava preocupada com o perfil do Tribunal, à época, conduzido por Joaquim Barbosa, que adotou postura bastante midiática durante o processo do mensalão. Além disso, a presidente levou em conta a possibilidade de serem julgados os planos econômicos e contas de Estado. O perfil de Teori se encaixou exatamente no que ela buscava: técnico, sério e com histórico de decisões pró-Estado. "Ele era um juiz por excelência. A presidente Dilma conversou com ele e gostou muito. Ele não gostava de cerimônias, TV e tinha um amplo conhecimento jurídico, não se recusava a ouvir as partes", conta o ex-ministro da Justiça José Eduardo Cardozo, que participou das entrevistas feitas para a indicação de Teori.

Teori ganhou evidência somente em 2014. Foi quando, por sorteio, recebeu em março um pedido de *habeas corpus* que afetaria sua vida dali para a frente: a ação era movida pela defesa de Paulo Roberto Costa, ex-diretor de Abastecimento da Petrobras. O pedido de *habeas corpus* em si não teve nenhum impacto naquele momento. A Lava Jato não dava ainda sinais de que tomaria as proporções que tomou nos anos seguintes. Era apenas uma operação que havia desbaratado ▸

"O PAÍS ESTÁ ENFERMO, ÀS VOLTAS COM GRAVES CRISES DE NATUREZA ECONÔMICA, POLÍTICA E ÉTICA. SEM DÚVIDA, É PRECISO QUE AS ENFERMIDADES SEJAM TRATADAS, COMO ESTÃO SENDO, E TENHAMOS A CORAGEM DE MINISTRAR OS REMÉDIOS AMARGOS QUANDO NECESSÁRIO"

Em cerimônia no Planalto

um esquema de lavagem de dinheiro em posto de gasolina de Brasília. O nome de um ex-diretor da Petrobras parecia mera coincidência. Mas foi ali que Teori se tornou prevento para ações do caso. Ou seja, todos os processos seriam encaminhados para seu gabinete.

Em maio, o vórtice da Lava Jato começou a tragar a política e o primeiro escalão do empresariado nacional. Os investigadores chegaram a nomes de deputados federais e o caso foi levado novamente ao Supremo. Teori acatou o pedido de Costa e pediu a Moro que as investigações cessassem e o caso fosse levado a seu gabinete. Ali decidiu também pela liberação de 11 presos na Lava Jato. A decisão causou perplexidade em Moro e no grupo de procuradores que atuavam no caso. Mas em junho, depois de analisar o material que tinha em mãos, Teori reconsiderou parte da determinação e decidiu fatiar a Lava Jato. Criava ali um precedente: com ele ficariam os investigados com foro naquela Corte, e seriam encaminhados para a primeira instância os demais investigados.

A decisão fez com que a Lava Jato tomasse rumos diferentes do mensalão, até ali o maior caso de corrupção envolvendo políticos. Muitos advogados criticaram Teori nos bastidores por essa decisão. Assim como alguns políticos, preocupados com os desdobramentos da Lava Jato. Alguns dizem que ele poderia naquele momento ter freado o juiz Sergio Moro. Contudo, na visão do Ministério Público, a decisão tomada naquele momento foi um marco de estabilidade na Lava Jato. "Ele tomou a decisão mais certa em ter deferido aquela liminar. Teve condições de analisar e dizer: tá tudo funcionando bem, pode continuar", afirma o procurador Douglas Fischer, que atuava até meados desse mês no Grupo de Trabalho da Lava Jato, do qual foi coordenador. De acordo com Fischer, que conhecia Teori desde os tempos em que ele atuava como desembargador no Tribunal Regional Federal da 4ª Região, em Porto Alegre, a decisão do ministro naquele momento foi importante para que a Lava Jato não fosse levada posteriormente a questionamento e evitou que isso resultasse em nulidade das investigações.

"Ele era um juiz muito reservado, mas que se permitia fazer piadas e ser descontraído em meios reservados. Ele era o exemplo de juiz de uma Corte constitucional: decide, fundamenta e não tem arroubos", comenta um procurador que deixou oficialmente a Lava Jato no mesmo dia em que Teori morreu. Na Lava Jato, Teori foi chamado a tomar decisões duras e difíceis: foi dele que partiu a ordem de prisão do primeiro senador em exercício, Delcídio do Amaral, que era líder do governo Dilma no Senado. A decisão foi confirmada pelos demais ministros que compunham a Segunda Turma do Supremo: Celso de Mello, Dias Toffoli, Cármen Lúcia e Gilmar Mendes.

No ano seguinte, em uma canetada, Teori acolheu os argumentos da Procuradoria-Geral da República e afastou Eduardo Cunha, PMDB do Rio de Janeiro, da presidência da Câmara dos Deputados. O ministro entendeu que o parlamentar, acusado de corrupção na Lava Jato, estava tentando atrapalhar as investigações. Mais uma vez, a decisão foi acolhida pelos colegas, desta vez, os outros dez integrantes da Corte.

Pessoas de convívio próximo com Teori sempre lembram do magistrado por sua serenidade e bom humor.

Um amigo conta que, apesar de ser difícil encontrar Teori recentemente, o

"DÚVIDAS NÃO HÁ SOBRE AS AVASSALADORAS CONSEQUÊNCIAS QUE UMA INTERVENÇÃO JUDICIAL VOLÚVEL PODERIA GERAR NO AMBIENTE INSTITUCIONAL DO PAÍS, QUE ATRAVESSA MOMENTOS JÁ TÃO DRAMÁTICOS DO SEU DESTINO COLETIVO"

Ao recusar o pedido para suspender o impeachment de Dilma

ministro gostava de mandar e receber piadas e meme pelo WhatsApp. Uma delas era um vídeo em Mato Grosso no qual um peixe ia até o pescador para beber cerveja. Teori, ao ver o vídeo, não se conteve e ligou para o amigo que havia enviado para compartilhar a risada. O ministro era avesso às declarações à imprensa e se recusava a falar sobre Lava Jato ou outros processos que estavam sob seus cuidados. No início da Lava Jato, demonstrava-se mais arredio à presença de jornalistas que o cercavam em sua chegada ou saída do Tribunal. Com o tempo, foi se mostrando mais afável, mas nunca mudou de postura. Permitia-se dar bom dia e uma rápida pergunta. Mas, quando elas envolviam os processos, devolvia com uma brincadeira: "Eu quero saber como é que vai o meu Grêmio. Vocês não querem falar sobre isso?".

Embora tenha feito sua carreira majoritariamente no Rio Grande do Sul, onde se graduou em Direito pela universidade federal do estado, Teori era catarinense de nascimento. Natural de Faxinal dos Guedes, no oeste do estado, o ministro se incomodava se alguém o confundia com gaúcho. Fazia questão de frisar que era catarinense, embora seu time de coração e seus hábitos fossem mais ligados a seu estado vizinho. Nos fins de semana, Teori Zavascki gostava de assistir a futebol, conversar com amigos e fazer churrasco. Gostava de beber vinhos, fumar charuto e ler. O advogado Eduardo Ferrão, de quem Teori era muito próximo, lembra que a única coisa que ouviu o amigo falar acerca de incômodo com a Lava Jato foi a falta de privacidade, por não poder mais frequentar restaurantes ou caminhar com tranquilidade sem ser assediado e apontado na rua. "Por trás da figura séria, ele tinha uma conversa muito agradável. Um senso de humor requintado. Usava pequenas frases e tinha observações que faziam as pessoas morrer de rir", lembra.

Teori tinha 68 anos, completados em agosto de 2016. Uma de suas características descritas por amigos e advogados que despachavam com ele era o detalhismo nas coisas. O ministro se atinha a minúcias e procurava ler até esgotar suas convicções. Reclamava, contudo, se o acusavam de lentidão, buscava dar celeridade aos casos que estavam sob seus cuidados. Quando recebeu os processos da Lava Jato e soube que homologaria as delações, buscou leitura sobre o tema. No gabinete, o ministro era visto como extremamente atencioso. Recebia os advogados e os ouvia com atenção. Se aparentava ser sisudo em frente às câmeras, passava serenidade no trabalho. Não deixava pistas sobre como decidiria, mas prestava atenção na defesa. "É claro que é muito ruim para um advogado quando um juiz decide contra o que você está pedindo. Mas, quando o Teori negava alguma ação comigo, eu sabia que ele tinha me ouvido e acolhido meu pedido com atenção, decidido por convicção", conta um advogado. Com os servidores, demonstrava atenção e bom humor. "Sua sabedoria nos comandava em todos os momentos, tranquilizando-nos em todas as turbulências nos processos mais extenuantes", afirma Ludmila Lacerda, que foi chefe de gabinete de Teori no Supremo. "Posso te dizer que sua marca em mim ficou por sua extrema gentileza. Ele era extremamente bem-humorado e muito engraçado", lembra. De acordo com ela, que deixou o Tribunal para viver no México com a família, Teori nunca deixou de mandar mensagens, perguntando como ela estava no novo país e demonstrando carinho. ◆

TRAGÉDIA

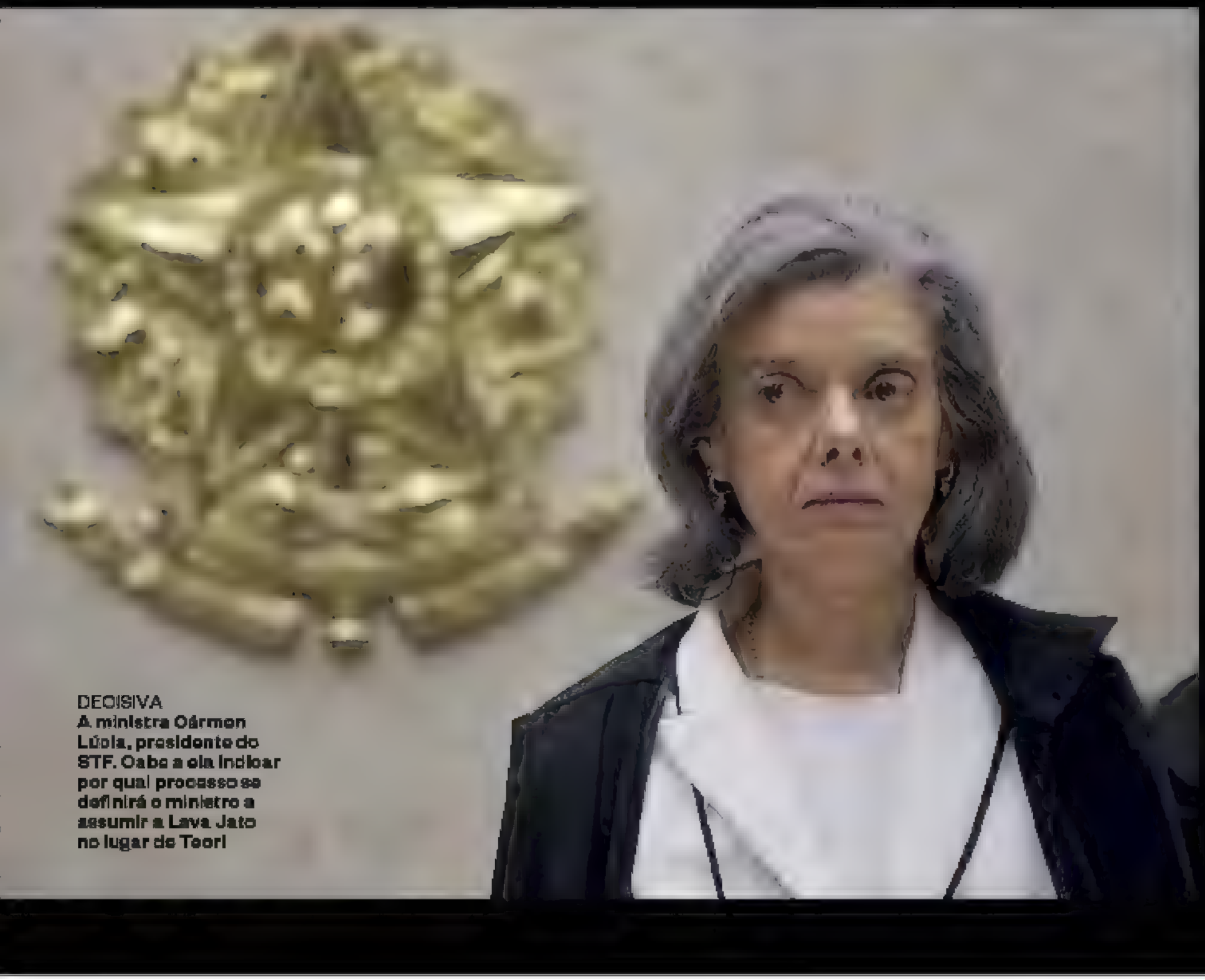
OS PRÓXIMOS PASSOS DA LAVA JATO NO SUPREMO

Cármen Lúcia e Michel Temer concordam sobre a melhor solução possível: o Supremo resolverá qual dos atuais ministros assumirá o trabalho de Teori Zavascki

Bruno Boghossian e Talita Fernandes

O presidente Michel Temer recebeu a primeira informação sobre o assunto no meio da tarde. O telefonema de um assessor de Teori Zavascki, ministro do Supremo Tribunal Federal, pedia ajuda do presidente para localizar um voo que deveria ter pousado em Paraty, em que o ministro havia embarcado. Atônito, o presidente acionou o comandante da Aeronáutica, que em poucos minutos confirmou a informação de que o voo em que Teori embarcara havia caído no mar. Temer decidiu manter sua agenda pública, a entrega de credenciais de embaixadores estrangeiros no Brasil. Esperava a confirmação de que não havia sobreviventes, uma vez que, àquela altura, haviam sido resgatados três corpos e havia cinco ocupantes na aeronave. Entre os encontros com os novos embaixadores do Senegal e do Marrocos, Temer foi chamado por um auxiliar que trouxe novas informações – a confirmação da morte do ministro. O presidente passou os intervalos seguintes cochichando com o chanceler José Serra, que arregalava os olhos vez por outra. Temer deixou a cerimônia sem falar sobre o assunto. Acenou com a mão, deu um sorriso leve, sem mostrar os dentes, e subiu para seu gabinete, onde se reuniu com ministros e assessores. No clima tenso do salão, Serra parafraseou Machado de Assis, em *Esaú e Jacó*: "O imprevisto pode ter voto decisivo na assembleia dos acontecimentos".

A indicação do novo ministro do Supremo é tratada como uma "bala de prata" por auxiliares de Temer, integrantes da cúpula de decisão do Palácio do Planalto. Por isso, parte de sua equipe defende que ele não se curve à impressão de que é urgente solucionar o vazio no plenário da Corte – especialmente se a substituição da relatoria for solucionada internamente pelo STF. Temer jamais havia se debruçado sobre o assunto, nem sequer especulativamente, porque não havia nenhuma previsão de que ele tivesse de indicar um novo componente do Tribunal durante seu curto mandato presidencial. O procedimento de escolha também não fez parte de sua rotina quando ele era vice de Dilma. A presidente roti-



DECISIVA
A ministra Cármen Lúcia, presidente do STF. Cabe a ela indicar por qual processo se definirá o ministro a assumir a Lava Jato no lugar de Teori

neiramente ignorava Temer quando nomeava ministros para o Supremo. Na maior parte das vezes, ela só comunicou ao peemedebista quando já havia tomado a decisão final.

Ao menos entre quinta e sexta-feira, Temer evitou falar de nomes específicos que cogitasse para a vaga de Teori. Ficou visivelmente contrariado ao saber, nas primeiras horas depois da tragédia, que juristas e magistrados haviam procurado alguns de seus ministros e assessores para insinuar interesse na vaga. Entre eles, três ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ) telefonaram para auxiliares diretos do presidente para sondar seus próximos passos no processo de substituição.

Equilibrando-se entre a comoção do público em torno de um personagem central da megapopular Lava Jato e um Supremo Tribunal Federal que evita melindrar, Temer pode ter de tomar essa decisão "enquadrado", segundo um auxiliar. Apesar de não ser o cenário ideal, é provável que se curve, para evitar que seu mandato volte a ser atingido por mais um fator de instabilidade. "Ele dará um recado de confiabilidade, firmeza e compromisso com a Justiça. E, ao mesmo tempo, buscará não afrontar o Supremo", diz um assessor direto do presidente.

O vácuo criado na relatoria dos processos da Lava Javo com a morte de Teori coloca o governo Temer à beira do abismo de mais uma crise institucional. Já nas primeiras horas depois da confirmação da tragédia, emissários do presidente da República abriram articulações com ministros do Supremo para evitar que as discussões sobre a sucessão na Corte criassem mais um ponto de tensão entre Executivo e Judiciário. Na noite de quinta-feira, os ministros Alexandre de Moraes, da Justiça, e Grace Mendonça, da Advocacia-Geral da União, levaram a Temer o recado de que o Supremo busca uma solução interna para redistribuir a responsabilidade pelas ações da Lava Jato e se opõe a qualquer possibilidade de o substituto de Teori assumir essas relatorias. Temer respondeu que concordaria com a solução. "A decisão é do Supremo. Não haverá qualquer interferência por parte do governo", disse o presidente na reunião ▸

Foto Agência Senado

JÁ ACONTECEU
Carlos Alberto Menezes Direito, ministro do STF, morto em 2009. Naquela ocasião, o presidente do STF, Gilmar Mendes, redistribuiu as ações dentro da mesma Turma

reservada, segundo auxiliares. O recado foi repassado a ministros do Supremo.

A cúpula do Palácio do Planalto já trata como certo esse cenário. A tendência é que o ministro a ser indicado por Temer e aprovado pelo Senado não assuma a relatoria das ações da Lava Jato. O presidente quer aproveitar o episódio para garantir a pacificação com o Supremo e, principalmente, evitar a todo custo acusações de tentativa de influenciar o andamento das investigações do maior escândalo de corrupção do país, que atingem em cheio o núcleo de seu governo. A articulação deverá se dar em sintonia entre os dois Poderes: Grace e Moraes relataram a Temer que os ministros do Supremo temiam que qualquer outra solução transmitiria ao público a imagem de que houve um "acordão", que atingiria em cheio também a credibilidade do Tribunal. Nas primeiras conversas após a morte de Teori, o presidente dizia entender que a pressão para que a relatoria seja redistribuída não representava nenhuma interferência sobre as prerrogativas do Executivo para indicação de novos ministros.

Auxiliares de Temer afirmam que a escolha do novo integrante do Supremo não se dará "de afogadilho", mas que o presidente não deixará o assunto engavetado. O peemedebista deve ouvir assessores e ministros de confiança, como Moraes e Grace – que têm boa interlocução com o Supremo –, além de Moreira Franco, Eliseu Padilha, o ex-ministro da Corte Carlos Ayres Britto e o advogado Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, entre outros. A aposta é que Temer buscará um nome com "um grau de respeitabilidade muito grande no mundo jurídico", notório saber e perfil discreto, que se manifeste principalmente nos autos dos processos, e não pela imprensa – à moda de Teori.

O regimento interno da Corte tem ao menos dois dispositivos que tratam da redistribuição dos processos na ausência de um magistrado. No caso do Artigo 38, por morte ou aposentadoria, os processos passam para o juiz que ocupar a vaga aberta. Contudo, no Artigo 68, na ausência por mais de 30 dias de um ministro, para as ações que exigirem urgência, o presidente da Corte pode pedir a redistribuição dos processos para outro integrante do Supremo. Em 2009, quando o ministro Carlos Alberto Menezes Direito morreu, o então presidente do Supremo, ministro Gilmar Mendes, decidiu redistribuir ações nesse caráter para outro ministro integrante da mesma turma (ou seja, um dos dois grupos em que se organizam os ministros do Supremo). Se Cármen Lúcia assim entender, poderá repassar os processos para algum membro da Segunda Turma, formada por Gilmar Mendes, Dias Toffoli, Celso de Mello e Ricardo Lewandowski. A ministra, contudo, evitou tratar do destino da Lava Jato. Na quinta-feira, ao comentar a morte de Teori, esquivou-se: "Por enquanto, vou falar do lado humano". ◆

Foto: Celso Junior/Estadão Conteúdo

NOVA TEMPORADA EM NOVO FORMATO
BURLESQUE
LE CABARÉ DU PARIS 6
COUVERT ARTÍSTICO A PARTIR DE R$70
www.burlesqueparis6.com
Vendas grupos • 11 3292-9333 | 11 97242-8098 | Rua Augusta, 2809 - Jardins | São Paulo
Garanta seu ingresso
Ingresso rápido

MIGUEL FALABELLA
GOD
DAVID JAVERBAUM
MIGUEL FALABELLA
SEXTA A DOMINGO
TEATRO PROCÓPIO FERREIRA
Rua Augusta, 2823 | Jardins
Promoção
Transportadora Oficial
Realização
Alvará de funcionamento Nº 2016/15237-GO val. 04/08/2017 AVCB 188279 - val. 13/05/2017 - Lotação 624 lugares

SUSANA VIEIRA
UMA Shirley QUALQUER
MIGUEL FALABELLA
COMPREINGRESSOS
2626 8038
DE SEXTA A DOMINGO
TEATRO RENAISSANCE
Alameda Santos, 2200

A NÉVOA QUE COBRIU UM PAÍS INTEIRO

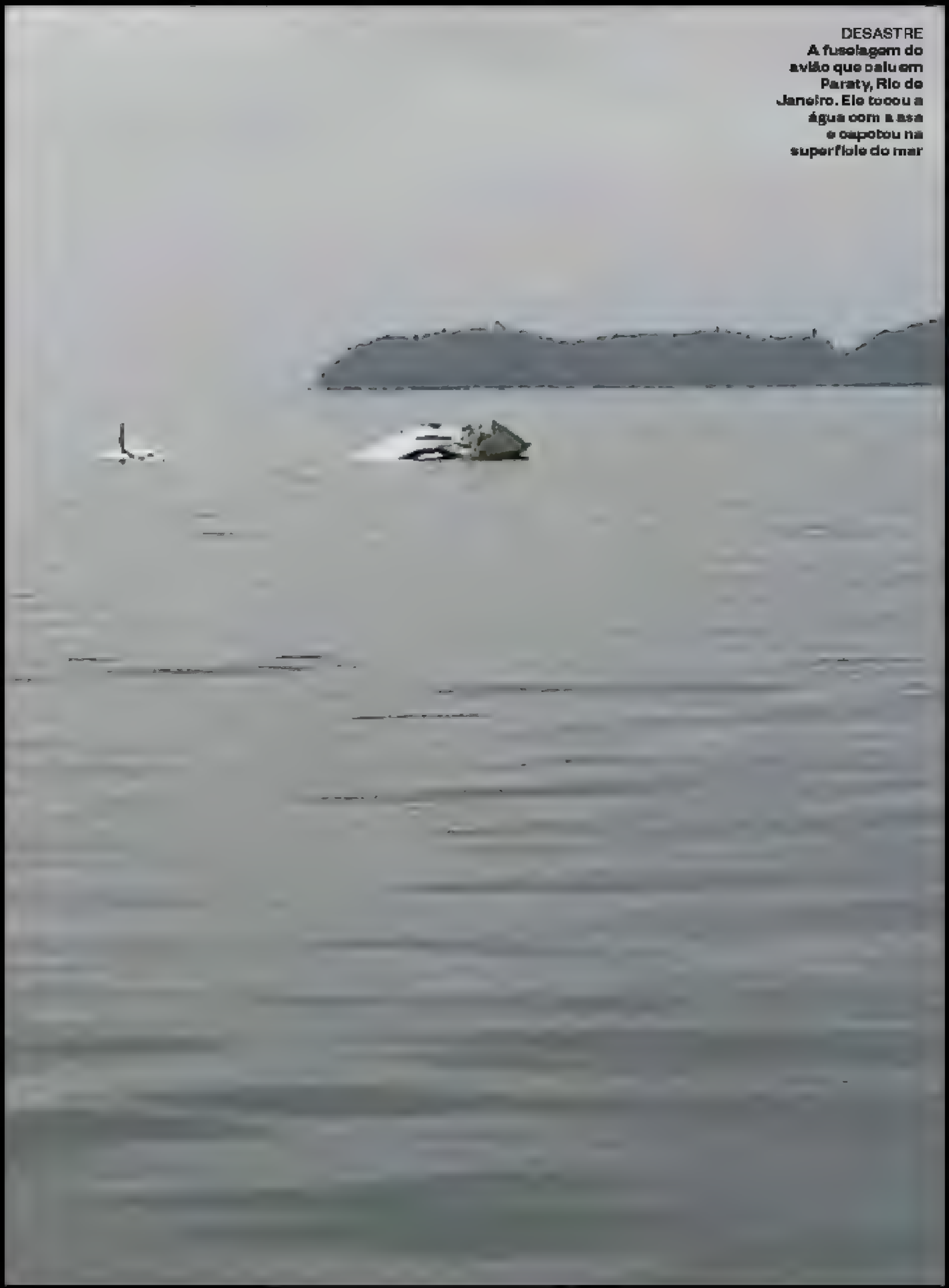
É difícil pousar num aeroporto sem equipamentos de navegação, com nuvens carregadas e ventania. Apesar de adversas, as condições não explicam o acidente

Hudson Corrêa e Samantha Lima, de Paraty, Rio de Janeiro

O piloto do barco Caravel, Carlos Alexandre Santana, de 35 anos, disse que transportava um casal de turistas pela Baía de Paraty quando um bimotor passou voando baixo, por cima de seu barco, por volta das 13h50 do dia 19. "Eu me lembrei da tragédia da Chapecoense e pensei que poderia ser falta de combustível", diz. Achou que o avião se perdera no nevoeiro deixado pela chuva que caíra um pouco antes, embaralhando as nuvens e as águas do mar numa massa esbranquiçada no campo de visão em toda a área. As ilhas próximas e o continente, a cerca de 3 quilômetros de distância, estavam encobertos. "O avião tentou dar uma volta, mas bateu a asa na água e capotou várias vezes", disse Santana. Ele tirou fotografias dos destroços com o celular. Não houve explosão. Apenas uma mancha de querosene se espalhou em volta.

São ainda nebulosas as circunstâncias da queda do avião em Paraty, no dia 19, que matou cinco pessoas: Teori Zavascki, ministro do Supremo Tribunal Federal, aos 68 anos; Carlos Alberto Filgueiras, anfitrião da viagem, dono do avião e do hotel Emiliano, aos 69 anos; Osmar Rodrigues, piloto do avião, aos 56 anos; Maíra Panas Helatczuk, massoterapeuta que atendia Filgueiras, aos 23 anos; e Maria Hilda Panas, mãe de Maíra, aos 55 anos. Teori e Filgueiras eram amigos desde 2012, quando o ministro se hospedou no Emiliano, em São Paulo. Ele acompanhava um tratamento de saúde da mulher Maria Helena, no Hospital Sírio-Libanês (Maria Helena morreu em 2013). Maíra e Maria Hilda, filha e mãe, também eram convidadas. "Como a Maíra disse que era aniversário da mãe, o senhor Carlos Alberto quis presenteá-la com essa viagem", disse a advogada Janaina Guariente, amiga de infância de Maíra. A massoterapeuta trabalhava no Emiliano havia seis meses. Segundo a empresa, Filgueiras precisava de massagens para aliviar uma dor no nervo ciático. "Quando elas embarcaram, mandaram mensagens para a família, tiraram foto dentro do avião e avisaram que estavam indo a Paraty", contou Janaina. ▶

Foto: Douglas Pinto/Ag. O Globo



DESASTRE
A fuselagem do avião que caiu em Paraty, Rio de Janeiro. Ele tocou a água com a asa e capotou na superfície do mar

A Força Aérea Brasileira (FAB) informa que a caixa-preta do avião, com registros de voz, foi encontrada. Ela será analisada pelo Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (Cenipa), assim como os destroços. A aeronave ficou torcida pelo impacto da queda, mas íntegra. Um amassado na asa reforça os relatos de que ela bateu de lado antes de cair. O chefe da Delegacia de Polícia Federal de Angra dos Reis, Adriano Soares, abriu inquérito para investigar as circunstâncias do acidente aéreo. As conclusões da investigação podem levar semanas.

O avião caiu no mar, perto da Ilha Rasa, a cerca de 2 quilômetros da cabeceira da pista de pouso do aeroporto de Paraty, Rio de Janeiro. O desaparecimento foi comunicado ao Sistema de Busca e Salvamento Aeronáutico às 14h05. O empresário Elias Lima, de 25 anos, estava em sua agência de viagens no centro histórico de Paraty. Começou a receber telefonemas e mensagens sobre um acidente de avião na baía. Achou que fosse trote, mas decidiu conferir. De bote, chegou rapidamente à aglomeração de embarcações, às 14h50. Passada quase uma hora desde a queda, havia uma sobrevivente. Maíra tentava respirar numa bolha de ar na parte de trás do avião, semidestruído. Batia a mão na janela e gritava: "Pelo amor de Deus, me salvem, não aguento mais".

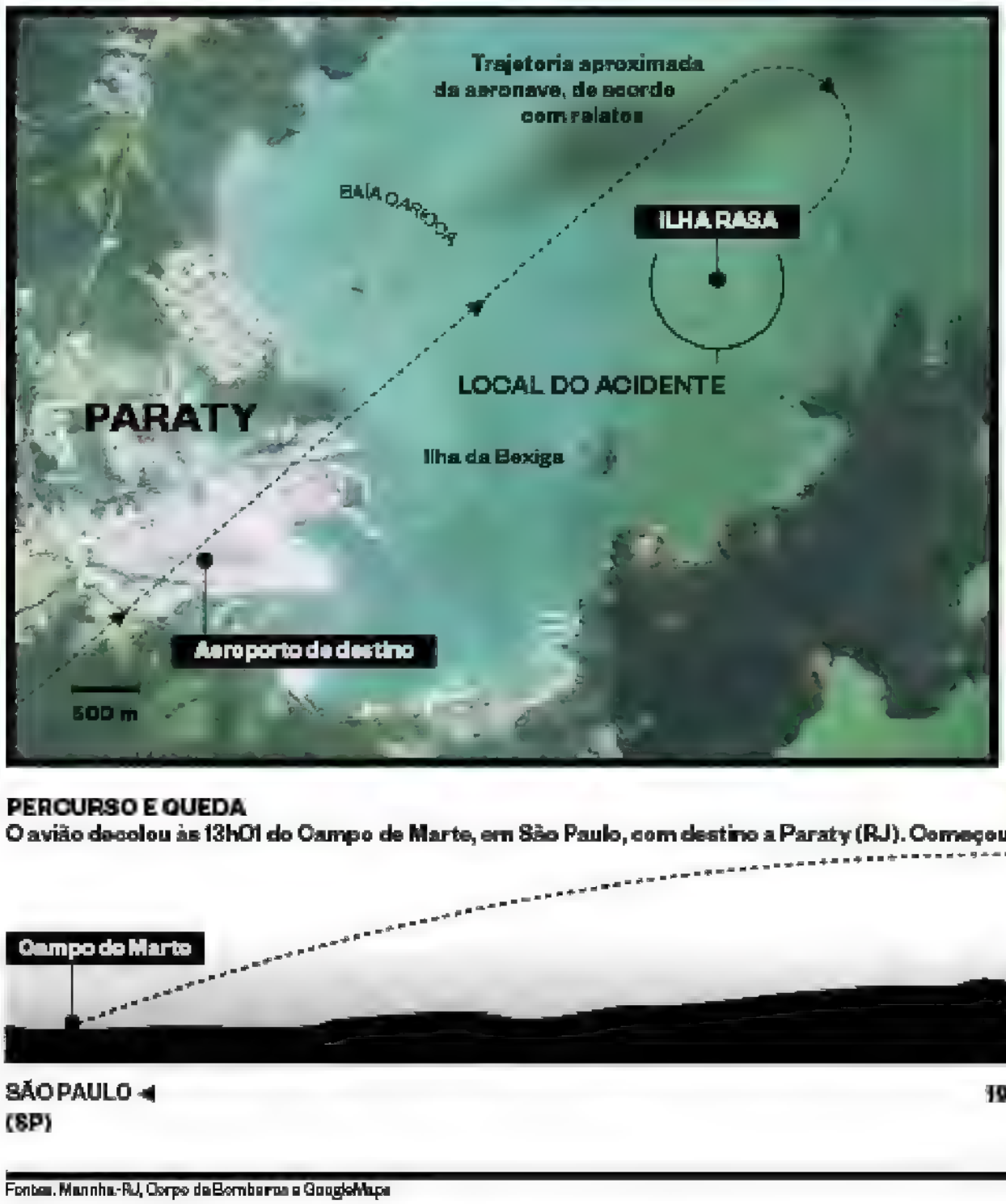
Lima e Santana pediam calma à jovem. Tentaram romper a porta a golpes de marreta, mas não conseguiram. Dois barcos içaram parte do avião e os marinheiros começaram a dar golpes na janela que emergira. Não deu resultado. Maíra continuava a pedir ajuda. Para romper a fuselagem, Elias buscou outras ferramentas na Ilha Rasa, porção de terra de 4.000 metros quadrados onde mora sua mãe, Rosália Lima. Com picaretas, finalmente perfuraram o teto do avião. Na abertura, enviaram uma mangueira de ar para Maíra – mas ela não respondia mais.

Esgotadas as tentativas de resgatar sobreviventes, os bombeiros e a Marinha buscaram manter o avião íntegro, à espera das melhores condições de içamento. Eles resgataram os corpos de Teori e Filgueiras durante a madrugada. Na manhã de sexta-feira, dia seguinte à tragédia, quatro botes e três barcos do Corpo de Bombeiros, da Marinha, Polícia Militar e Defesa Civil participavam dos trabalhos. Policiais federais acompanhavam a operação. A Marinha afastava as embarcações civis que se aproximavam com curiosos. Àquela altura, barqueiros se ofereciam para levar passageiros aos destroços do avião por valores entre R$ 150 e R$ 600. Rosália Lima, a moradora da Ilha Rasa, diz que a queda da aeronave não provocou muito barulho. O marinheiro civil Cid de Albuquerque, de 46 anos, diz que o acidente ocorreu numa área rasa da baía, com profundidade de 5 a 7 metros.

A dificuldade de romper a fuselagem e salvar Maíra se deveu à robustez da aeronave. O Beechcraft C90GT King Air, de fabricação americana, tem cabine pressurizada e espaçosa o bastante para sete passageiros

CHUVA, NEBLINA E UMA TRAGÉDIA NACIONAL

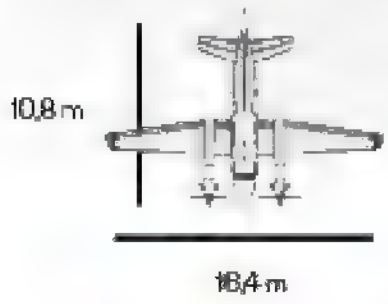
O tempo estava ruim, mas não a ponto de impedir pousos e decolagens na área



Fontes: Marinha-RJ, Corpo de Bombeiros e GoogleMaps

A aeronave Hawker Beechcraft King Air C90. Ela já havia pousado no local em condições meteorológicas similares às do dia do acidente

Tipo da aeronave	**Bimotor turboélice**
Modelo	**King Air C90**
Capacidade	**Até 7 passageiros**
Alcance	**2.300 km**
Ano de fabricação	**2007**



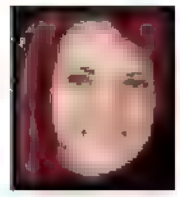
AS VÍTIMAS

Testemunhas no local da queda relatam que Maíra sobreviveu à queda, mas se afogou no avião

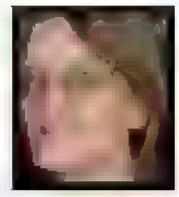
TEORI ZAVASCKI, passageiro

ALBERTO FILGUEIRAS, empresário e dono da aeronave

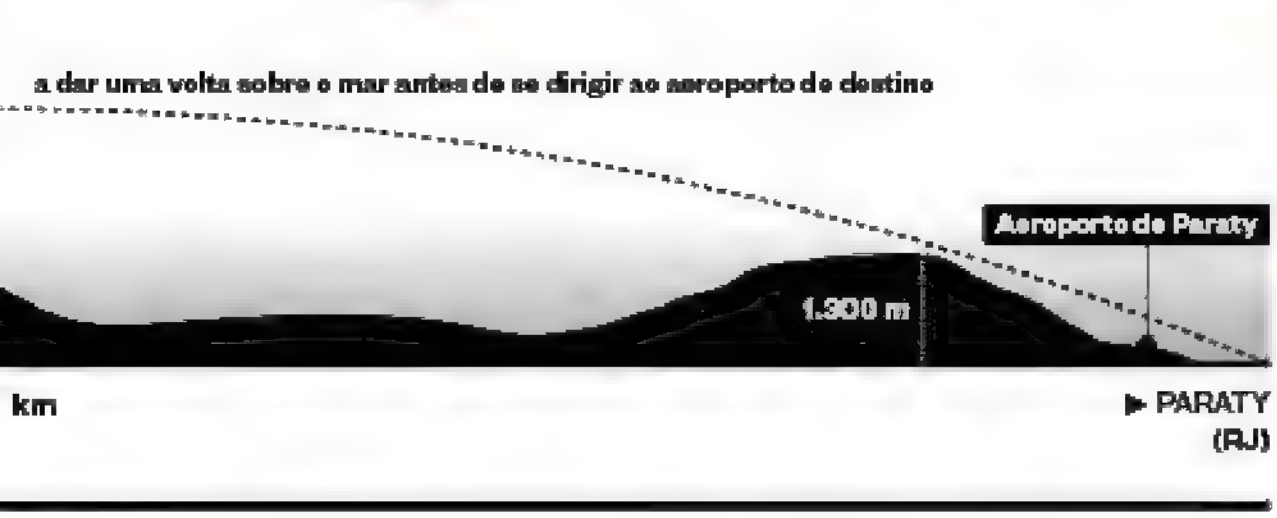
OSMAR RODRIGUES, piloto



MAÍRA PANAS, passageira



MARIA HILDA PANAS, passageira



poderem caminhar de pé. É um dos modelos mais confiáveis do mercado, comum em empresas de táxi-aéreo. Há 66 em operação no Brasil. Tem dois motores turboélice e, em caso de pane, consegue voar com um só (isso não impede acidentes. Em 3 de janeiro, o King Air prefixo PP-LMM também caiu em Paraty. Segundo a ONG de segurança aeroviária Flight Safe Foundation, desde 2010 ocorreram oito acidentes com o modelo, com 11 mortes). Segundo a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), o avião prefixo PR-SOM, da Emiliano Empreendimentos e Participações Hoteleiras Limitada, tinha documentos e manutenção em dia. Fabricado em 2006, tinha registro de aeronavegabilidade válido até 2022 e inspeção de manutenção válida até abril de 2017. Apesar de ter espaço para piloto e copiloto, o avião da Emiliano estava com apenas um comandante. Isso é permitido em voos particulares, mas a concentração de tarefas impõe uma dificuldade. O piloto Osmar Rodrigues tinha 30 anos de carreira – há 15 anos, como colaborador da Emiliano. Com 8.800 horas de voo, Mazinho, como o chamavam os amigos, era experiente. Voava até Paraty quase todo fim de semana.

Segundo a principal hipótese em investigação, o piloto tentou pousar e arremeteu, atrapalhado pelo mau tempo. Numa segunda tentativa de pouso, o avião foi atingido por uma rajada de vento lateral, vinda da direita, e perdeu o controle. O avião pode ter caído por falta de sustentação, causada pelo vento, ou por desorientação do piloto. Segundo Josélia Pegorim, meteorologista da Climatempo, entre as 13 e as 14 horas estações meteorológicas na região registraram "uma mudança brusca nas condições do tempo". A temperatura caiu de 29,5 para 24 graus célsius. O vento, que vinha do nordeste, passou a soprar a 20 quilômetros por hora de oeste para noroeste. "Estava chovendo muito mesmo na cidade, o tempo estava péssimo", diz Anderson Terra, comerciante em Paraty. Apesar de adversas, as condições climáticas não explicam, sozinhas, o acidente.

O aeroporto da cidade consiste numa faixa de asfalto de 700 metros entre a praia e a Serra do Mar, sem torre de controle. Para pousar ou decolar, o piloto informa suas intenções na frequência de rádio 1234. Se ninguém se opuser, a manobra está liberada. A Anac autoriza a operação do aeroporto de Paraty à luz do dia, em condições de "voo visual" – ou seja, o piloto deve conseguir enxergar 5 quilômetros adiante, na aproximação para pouso. Em caso de condições climáticas ruins, há aeroportos vizinhos. Alguns simples, como os de Angra dos Reis e Ubatuba, e o de São José dos Campos, de grande porte. As condições simples do aeródromo de Paraty tornam-se aceitáveis pela vocação turística local. Quando o tempo está ruim para pousar, a cidade está menos convidativa e parte dos visitantes desiste da viagem. A viagem dos amigos de Teori, porém, tinha data marcada. ◆

Com *Marcelo Moura*

Uma viagem paga por empreiteiros

O governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel, admite que passeou em Punta del Este sem pagar nada. E se enrola mais com uma nova delação

Filipe Coutinho

Era abril de 2014 quando um homem chegou ao hangar de uma empresa de táxi-aéreo em Brasília. Carregava uma mochila nas costas e, sem delongas, mostrou ao funcionário um bolo de dinheiro vivo. Sacou a seguir uma máquina para contar as cédulas. Somavam R$ 105 mil. O dinheiro se destinava a pagar pelo uso de um jatinho, dias antes, para uma viagem a Punta del Este, Uruguai. Quem pagou foi Pedro Medeiros, que fazia o papel de homem da mala para seu primo influente, o empresário Benedito de Oliveira Neto, o Bené, delator na Operação Acrônimo (da Polícia Federal, para investigar lavagem de dinheiro para campanhas eleitorais). O principal convidado do voo era Fernando Pimentel, então pré-candidato ao governo de Minas Gerais e amigo de Bené.

A viagem a Punta del Este é um símbolo da próspera relação entre o petista, Bené e o grupo imobiliário JHSF, de São Paulo. De um lado, Pimentel ganhou a viagem, doações eleitorais e R$ 1 milhão em caixa dois, segundo admitiu à Polícia Federal um executivo da JHSF e revelou ÉPOCA em seu site na quinta-feira, dia 19. Em troca, a empresa tinha em Pimentel um lobista dentro do governo Dilma – ele era ministro do Desenvolvimento e tinha poder sobre o BNDES.

As revelações foram feitas por Humberto Polati, então diretor da JHSF. Após ÉPOCA divulgar o conteúdo de seu depoimento, a JHSF, que tem ações na Bolsa, comunicou à Comissão de Valores Mobiliários (órgão regulador do mercado de ações) sobre um acordo feito pelo herdeiro do grupo, José Auriemo Neto, com o Ministério Público Federal. No acordo, Auriemo Neto admitiu o pagamento de caixa dois a Pimentel e eximiu a JHSF de responsabilidade. O Superior Tribunal de Justiça (STJ) homologou o acordo. "Assumi a exclusiva responsabilidade por contribuição ilegal de campanha, em que nem a JHSF Participações S.A., nem suas controladas, tiveram envolvimento, e que consubstanciou ilícito de menor potencial ofensivo, sem qualquer conotação de corrupção. Nos termos do Acordo, farei doação de um milhão de reais ao Hospital do Câncer de Barretos e, uma vez cumpridas as demais condições legais, deverá ser extinta a punibilidade", escreveu Auriemo.

Em seu depoimento, Polati contou ter ouvido de Bené que "era chegada a hora de devolver o apoio dado por Fernando Pimentel no projeto do aeroporto Catarina". O término da obra em São Roque, São Paulo, interessava à empresa.

Segundo o depoimento, o primeiro passo foi a viagem a Punta del Este. Pimentel e seus convidados ficaram num hotel da JHSF, o luxuoso Fasano Las Piedras. Lá, alugaram dois Mini Coopers e nada pagaram pela estada, em março de 2014. O tour por Punta del Este era a comemoração dos 63 anos de Pimentel, nascido em 31 de março. De acordo com o registro do depoimento, "Benedito pediu ao declarante que os valores referentes a

MAIS UMA
Fernando Pimentel, governador e ex-ministro de Dilma. Um depoimento à Polícia Federal o envolve com acusações de lobby e caixa dois

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ - POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL
SAIS, Quadra 07 , Lote 23, Setor Policial Sul - Brasília/DF - CEP 70.610-902 - Tel.: (61) 2024-7500

POPULI e logo em seguida avisou ao declarante que havia uma dívida de campanha eleitoral de FERNANDO PIMENTEL em torno de 1 (um) milhão de reais, e que tal dívida seria quitada por ZECO; QUE, então, MARCIO HIRAM encaminhou as notas fiscais referentes a tais dívidas para o declarante, para que este encaminhasse tais notas para a empresa que providenciaria o pagamento; QUE o declarante informou ainda sobre uma viagem ocorrida em março de 2014 para o Uruguai-*Punta Del Leste*, na qual BENEDITO solicitou ao declarante as reservas no Hotel Fasano Las Piedras, para o próprio BENEDITO, FERNANDO PIMENTEL, CAROLINA e outras pessoas que não se recorda o nome; QUE BENEDITO pediu ao declarante que os valores referentes a tal hospedagem deveriam ser tratados diretamente com BENEDITO posteriormente; QUE o declarante afirmou que nada foi cobrado de BENEDITO, e dos demais hóspedes, na ocasião do *check out*, em relação a diárias, serviços utilizados e aluguel de carros; QUE, cerca de quatro a cinco meses depois disso, BENEDITO solicitou novamente ao

tal hospedagem deveriam ser tratados diretamente com Benedito posteriormente. O declarante afirmou que nada foi cobrado de Benedito e dos demais hóspedes, na ocasião do checkout, em relação a diárias, serviços utilizados e aluguel de carros".

O advogado de Pimentel, Eugenio Pacelli, admite que o governador não pagou pela viagem. "Tudo foi coordenado por Benedito, que se responsabilizou pelos pagamentos. E depois não pagou. Ele reservou em seu nome", afirma.

Polati relata ainda encontros pessoais com Pimentel na casa do petista, em Brasília, em um jantar num restaurante português, também na capital, e uma reunião na sede da JHSF. Depois da viagem, Polati disse que Auriemo Neto acertou R$ 2,6 milhões em "contribuição" para Pimentel, em doação eleitoral. Falou, ainda, em R$ 1 milhão em caixa dois, pagos diretamente ao instituto de pesquisa Vox Populi.

O depoimento de Polati resulta da sexta fase da Operação Acrônimo, que mirou na JHSF e no Vox Populi. A origem da investigação, como ÉPOCA revelou, é a delação de Bené. Segundo ele, Pimentel fez lobby no governo Dilma para atender a demandas da JHSF relacionadas ao aeroporto Catarina. Apesar das revelações, Pimentel só será levado a julgamento após o Supremo Tribunal Federal decidir se ele pode ser alvo de uma decisão do STJ. Antes, o Supremo deverá definir se a Assembleia Legislativa de Minas Gerais tem de autorizar o julgamento na Justiça. Até lá, o governador não pode ser julgado.

Procurada, a JHSF disse que "não comenta investigações em andamento que estão sob segredo de Justiça". "A empresa apoia e colabora com as investigações." O Vox Populi informou que não comentaria o caso. Eugenio Pacelli, advogado de Fernando Pimentel, disse que o governador não cuidava das doações de campanha. "O então ministro nunca fez solicitação alguma em seu benefício ou de sua campanha. Apenas Benedito pode responder por atos ilegais e realizados à margem da lei e sem o conhecimento do então candidato", afirmou. ◆

Foto: José Silva/Folhapress

O avanço do general

Sérgio Etchegoyen, do GSI, alertou o presidente Michel Temer sobre a gravidade da crise penitenciária – e passou a ganhar cada vez mais espaço no governo

Bruno Boghossian e Alana Rizzo

Michel Temer se aborreceu ao ver pela televisão as imagens que exibiam presos ocupando os telhados da penitenciária de Alcaçuz, no Rio Grande do Norte, com bandeiras e mensagens de facções criminosas na última segunda-feira, dia 16. O agravamento do caos do sistema prisional, deflagrado em outubro passado, chegava a 15 dias. O saldo de mortes já ultrapassava 130, e a sequência de propostas espalhafatosas que seu governo havia apresentado para tentar resolver o problema não parecia surtir nenhum efeito. As informações dos órgãos de inteligência do governo mostravam um cenário considerado ameaçador pelo Palácio do Planalto. Apontavam que a crise não só tinha potencial para se alastrar pelo país, como também para gerar um conflito nacional sem precedentes.

Relatórios apresentados a Temer, em especial do começo do ano para cá, mostravam que a cúpula do Primeiro Comando da Capital (PCC) havia montado uma estrutura tão abrangente, bem organizada e economicamente poderosa que dava os primeiros passos para se tornar uma força hegemônica no tráfico nacional de drogas. Esses documentos indicavam a preparação concreta de um movimento da facção para eliminar grupos adversários, matar seus líderes nas cadeias e nas ruas e conquistar seus territórios. O alvo principal era o Comando Vermelho (CV), que foi aliado do PCC por duas décadas, até o rompimento no ano passado, possivelmente motivado pela disputa por rotas internacionais de tráfico de drogas. Segundo auxiliares de Temer, o governo trabalhava com a informação de que a matança nos presídios era o estopim de uma guerra generalizada.

Naquela noite de segunda-feira, Temer chamou ao Palácio da Alvorada os ministros Eliseu Padilha (Casa Civil), Raul Jungmann (Defesa) e o general Sérgio Etchegoyen (Gabinete de Segurança Institucional), além do secretário Moreira Franco e do secretário executivo do Ministério da Justiça, José Levi Mello do Amaral. Ali, Temer e seus auxiliares decidiram que o governo precisava mudar o foco do debate. Seria imperativo, a partir daquele momento, deixar de tratar a crise apenas como um caos penitenciário e admitir que os conflitos entre facções criminosas armadas são um problema de segurança nacional.

Ao longo da crise, Temer passou a receber de Etchegoyen, diariamente, um briefing com relatórios de inteli-

PROTAGONISMO
O presidente Michel Temer em reunião na terça-feira, dia 17. Durante a crise penitenciária, Sérgio Etchegoyen roubou a cena de Alexandre de Moraes, ministro da Justiça

gência produzidos pela Agência Brasileira de Inteligência (Abin). O general havia determinado que o diretor da agência formasse uma equipe técnica para se debruçar especificamente sobre as movimentações de organizações criminosas como o PCC e o CV. Pediu também que monitorasse a situação carcerária do país e as relações das facções nacionais com grupos de outros países. A atuação proeminente da inteligência conferiu ao GSI uma força que o órgão não tinha durante a gestão Dilma Rousseff. No mandato passado, a estrutura foi praticamente negligenciada. À medida que se aproximou de Etchegoyen, Temer aos poucos se afastou de Alexandre de Moraes, o ministro da Justiça que, em condições normais, deveria ter assumido o protagonismo. Moraes vem acumulando micos e polêmicas ao longo de seus breves nove meses de atuação à frente da Pasta. No começo de janeiro, diante da rebelião que terminou em 33 mortos num presídio em Roraima, afirmou não ter recebido um pedido de ajuda para conter o massacre. A governadora do estado, Suely Campos (PP), desmentiu a fala do ministro e divulgou um documento assinado por ele em que o Ministério da Justiça negava reforço. Dias depois, Moraes disse em entrevista que conversas entre advogados e seus clientes deveriam ser gravadas em presídios. A categoria reagiu à fala do ministro. A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e o Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD) condenaram a tentativa de violação aos direitos dos advogados e seus clientes.

Os relatórios encomendados por Etchegoyen revelaram ao governo a gravidade de um episódio que vai além da questão carcerária. Foi a partir desses dados que Temer, tardiamente, se convenceu de que a crise assumira um caráter nacional. E de que a administração federal precisaria oferecer uma medida de impacto imediato para estancar a matança nos presídios – depois de passar as primeiras semanas aparecendo apenas como um agente de apoio aos governos estaduais, responsáveis constitucionais pelos presídios. Com seus auxiliares, Temer decidiu naquela reunião no Alvorada que as Forças Armadas seriam oferecidas para realizar vistorias nas penitenciárias em busca de armas e aparelhos celulares. Foi originalmente de Temer a ideia de reforçar essas ações, relembrando a experiência que teve ao assumir a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo na esteira do massacre do Carandiru. "Mandei reforçar as revistas e fazer vistorias regulares nas celas. Isso inibiu a violência e melhorou o ambiente", disse o presidente no encontro com seus assessores.

O monitoramento da expansão e das atividades de grupos criminosos baseados no narcotráfico e na violência, apesar de vasto, é considerado frágil e desencontrado por representantes de diversos órgãos governamentais. Por isso, nunca ensejou uma ação articulada nacionalmente para combater essas facções. Em 1999, um relatório confidencial de inteligência do governo Fernando Henrique Cardoso já relatava os primeiros sinais de atividade de "uma suposta facção paulista conhecida como Primeiro Comando da Capital", associada a integrantes do Comando Vermelho. O documento, no entanto, considerava remota a possibilidade de associação criminosa entre as organizações e outros bandos que estavam sendo criados em presídios brasileiros. ◆

Foto: Beto Barata/PR

Descontrole incendiário

Uma sucessão de trapalhadas resultou num acordo do governo com criminosos do Rio Grande do Norte. Pela primeira vez, ataques chegaram às ruas

Daniel Haidar, de Nísia Floresta

Já fazia mais de 100 horas que, com escudos improvisados e rostos encobertos por camisetas, presos dominavam a penitenciária de Alcaçuz, no Rio Grande do Norte. Na manhã da quarta-feira, dia 18, o pátio da cadeia lembrava um campo de batalha medieval prestes a explodir. Criminosos da facção paulista Primeiro Comando da Capital (PCC) ocupavam o lado esquerdo da arena. Separados por uma barricada de chapas de madeira, membros da organização potiguar Sindicato do Crime (SDC) estavam a postos à direita. Àquela altura, com o peso de 26 assassinatos desde o início da rebelião, o governo estadual se viu emparedado. Em desvantagem, decidiu negociar.

A missão foi encabeçada pela delegada Sheila Freitas, diretora da Polícia Civil na Grande Natal. Sheila é descrita em uma homenagem de parlamentares como "sinônimo de força e de muita determinação", predicados úteis nas tratativas com a bandidagem. Segundo um integrante do alto escalão do governo,

A CRONOLOGIA DA BARBÁRIE A guerra entre facções criminosas deflagrou uma série de rebeliões e ataq

	16/10/2016	17/10/2016	18/10/2016	18/10/2016
DATA				
LOCAL	**Boa Vista – RR** Penitenciária Agrícola de Monte Cristo	**PORTO VELHO – RO** Penitenciária Estadual Ênio dos Santos Pinheiro	**Rio Branco – AC** Unidade Prisional 4, "Papudinha"	**Manaus – AM** Puraquequara / ODP/ Complexo Anísio Jobim
NÚMERO DE MORTOS	10	8	0	0
MOTIVAÇÃO	O conflito entre membros das facções criminosas Primeiro Comando da Capital (PCC) e Comando Vermelho (CV), segundo a Secretaria de Justiça e Cidadania.	De acordo com a Polícia Civil, os confrontos foram resultado de uma briga entre membros do PCC e CV.	Segundo a Secretaria de Segurança Pública, 25 homens armados tentaram invadir o presídio para matar presos do regime semiaberto, membros de uma facção rival.	Segundo a Secretaria de Administração Penitenciária, os presos reivindicavam o retorno de líderes de grupos criminosos para os presídios da capital do estado.

CONFRONTO
Presos de facções rivais se enfrentam em Alcaçuz na quinta-feira, dia 19. O governo quer construir um muro

a negociação aconteceu na sede da polícia, no bairro Cidade Esperança, com José Claudio Cândido do Prado, o Doni Gil, um dos chefões da facção paulista no Rio Grande do Norte. O acordo foi registrado em ata. Na segunda-feira, dia 16, ele havia sido retirado do presídio com outros quatro do PCC para presídios federais. Foi Doni quem determinou os termos da rendição. Em troca de devolver a calmaria à cadeia, exigiu que o governo transferisse dali somente membros do SDC – no mundo do crime, mudar de "casa" é como ter a prisão decretada pela segunda vez. Sheila consentiu, e o pacto foi selado.

Ao determinar a remoção de 220 detentos de Alcaçuz, nenhum deles do PCC, o governador Robinson Faria (PSD) ignorou a recomendação do setor de inteligência prisional: a de retirar integrantes da facção paulista em vez dos membros da potiguar, por serem minoria – 500 diante de 1.000. "O que dissemos não foi levado em consideração", afirmou Wallber Virgolino, secretário de Justiça e Cidadania, em entrevista a ÉPOCA. Num roteiro recorrente para autoridades da segurança pública, Faria negou com veemência qualquer tipo de acordo com o crime, assim como ▸

ues em penitenciárias brasileiras. Só neste ano, 136 presos foram brutalmente assassinados

20/10/2016	1/1/2017	2/1/2017	4/1/2017	6/1/2017
Rio Branco – AC Complexo Penitenciário Francisco D'Oliveira Conde	**Manaus – AM** Complexo Penitenciário Anísio Jobim	**Manaus – AM** Unidade Prisional de Puraquequara	**Patos – PB** Penitenciária Romero Nóbrega	**Boa vista – RR** Penitenciária Agrícola de Monte Cristo
4	**59**	**4**	**2**	**33**
O ataque teria partido de integrantes da facção Bonde dos 13, aliada do PCC. Todos os mortos pertenceriam ao CV.	A Secretaria de Segurança Pública atribuiu o massacre a conflitos entre as facções criminosas PCC e Família do Norte (FDN).	Não informada.	Não informada.	Na primeira versão, o governo afirmou que os atos foram uma resposta do PCC ao episódio em Manaus. Na segunda, disse que não se trata de uma briga entre facções.

Foto: Andressa Anholete/AFP PHOTO

minimizou a divergência com Virgolino. Sheila negou-se a atender à reportagem por impossibilidade de agenda.

Desavenças em momentos de crise são sinais inequívocos de que a situação está fugindo do controle. A confusão entre as autoridades logo foi sentida fora do gabinete. Na mesma tarde do aval para a remoção dos presos, chefes do Sindicato do Crime emitiram um "salve", como são chamadas as ordens, determinando que os ataques chegassem às ruas. Pela primeira vez desde o começo da crise na segurança pública – deflagrada em outubro passado, em decorrência de uma guerra entre PCC e a carioca Comando Vermelho (CV) –, a barbárie saiu das prisões.

A Grande Natal foi tomada por cenas de horror. A Polícia Militar registrou pelo menos 38 incêndios e ataques a ônibus, carros oficiais e prédios públicos. Amedrontada, boa parte dos turistas não saiu dos hotéis. Na manhã da quinta-feira, dia 19, a batalha campal se concretizou em Alcaçuz – e pôs fim ao frágil armistício costurado com o governo. Os presos se enfrentaram com barras de ferro, pedras e pedaços de pau e armas de fogo. A Polícia Militar afirmou que os detentos "estavam armados e se matando". Sobrou até para o diretor do presídio, Ivo Freire, ferido por estilhaços. Houve mais mortes, mas o número não foi confirmado.

O levante em Alcaçuz começou na tarde de sábado, dia 14, logo depois do horário de visita. Segundo agentes penitenciários, presos do PCC derrubaram o muro que os separava da ala ocupada pelo SDC e partiram para a matança. Ciente do poder de fogo dos bandidos, o governo decidiu não invadir para evitar um novo Carandiru, o massacre ocorrido em São Paulo em 1992, com 111 mortes de presos confirmadas – e nenhum policial ferido. Na manhã da terça-feira, dia 17, o governador Faria disse que a situação no presídio estava "sob controle", mas a rebelião continuou. O Ministério Público do Rio Grande do Norte investiga se carcereiros facilitaram a entrada de armas de fogo e coletes à prova de bala no presídio. O massacre, segundo o governo do estado, foi uma retaliação da facção paulista ao episódio ocorrido em Manaus em janeiro. Na ocasião, a organização Família do Norte (FDN), aliada do CV, assassinou pelo menos 56 integrantes do PCC.

FACÇÃO DO RN FOI CRIADA POR DISSIDENTES QUE DISCORDAVAM DA "OBEDIÊNCIA CEGA" A GRUPO PAULISTA

A inépcia do governo do Rio Grande do Norte ao longo da semana é consequência de um erro maior: ter deixado o caminho livre para que as facções se estabelecessem ali. Roraima, Amazonas, Santa Catarina, Ceará, Paraná, Minas Gerais, São Paulo, Alagoas e Paraíba *(ler o quadro abaixo)* compartilham da mesma inaptidão. Só neste ano, esses estados tiveram guerras em presídios com saldo de 136 assassinatos – quase um terço do

NAS RUAS
Mais de 38 ataques a ônibus, carros oficiais e prédios públicos foram registrados em Natal. O caos saiu dos presídios

DATA	8/1/2017	12/1/2017	12/1/2017	14/1/2017
LOCAL	**Manaus – AM** Cadeia Pública Raimundo Vidal Pessoa	**Maceió – AL** Casa de Custódia, "Cadeião"	**Tupi Paulista – SP** Penitenciária de Tupi Paulista	**Natal – RN** Penitenciária Estadual de Alcaçuz
NÚMERO DE MORTOS	4	2	2	26
MOTIVAÇÃO	Em nota, o Comitê de Gerenciamento de Crise informou que os presos iniciaram uma briga por motivo desconhecido.	Segundo o Sindicato dos Agentes Penitenciários, o motivo das mortes é desconhecido.	Segundo a Secretaria de Administração Penitenciária, os detentos foram vítimas de homicídio durante uma briga. Não teria relação com disputa de facções.	O governo afirmou que o motim é uma briga entre o PCC e a organização Sindicato do Crime (SDC), em represália ao massacre ocorrido em Manaus no início do ano.

total das mortes registradas em 2016. A ampla maioria com decapitações, para demonstrar poder.

No Rio Grande do Norte, o governo demorou pelo menos quatro anos para admitir a presença de uma organização criminosa no estado. Desde 2003, já se tinha notícia da influência da facção paulista na Grande Natal, segundo o livro *Crime organizado e sistema prisional*, do promotor paulista Roberto Porto. Na publicação, Porto cita que "integrantes do setor de inteligência da Polícia Militar de Natal localizaram, em março de 2004, na favela do Mosquito, em Natal, propaganda e inscrições da organização criminosa PCN". Primeiro Comando de Natal é como o PCC era inicialmente conhecido ali.

A equipe de inteligência do sistema prisional do Rio Grande do Norte, entretanto, só identificou em 2007 os primeiros indícios de uma sucursal potiguar do PCC. Naquele ano, dois detentos – Alexandre Thiago da Costa Silva, o Xandinho, e Jackson Jussier Rocha Rodrigues, o Monstro, mais tarde morto em confronto com a polícia – foram enviados de Alcaçuz para a Penitenciária Federal de Catanduvas, no Paraná. Lá, tiveram contato com integrantes do PCC. Aprenderam com os profissionais do crime. De volta ao Rio Grande do Norte, reproduziram os ensinamentos.

Confortável com a lacuna deixada pelo governo, o PCC se estabeleceu e cresceu. Um dos chefes da sucursal potiguar responsáveis pela rebelião da última semana, João Francisco dos Santos, o Dão, já havia dado uma demonstração de força no passado. Segundo documentos obtidos por ÉPOCA, em 2013 comandou dois motins. Em 2014, foi flagrado circulando desinibidamente com um celular na cadeia. Considerado um preso violento, Dão foi condenado pelo assassinato do radialista Francisco Gomes de Medeiros, em Caicó, no interior do estado.

A resposta à invasão de uma facção forasteira veio nos anos seguintes. Em março de 2013, criminosos que discordavam da "obediência cega" ao PCC, segundo uma promotora, criaram o SDC. Disputavam o controle do mercado de drogas dentro e fora dos presídios. Apesar da divergência, o SDC adotou práticas e estrutura quase idênticas às de seu rival – desde o estatuto, uma espécie de código de conduta do crime, ao organograma de funções.

O governador Robinson Faria veio a público na quinta-feira para dar uma resposta às trapalhadas ao longo da semana. No ponto mais agudo da crise, anunciou a entrada do Batalhão de Choque em Alcaçuz como medida imediata para conter a batalha medieval. Prometeu mais. Na entrevista ao canal de TV Globonews, disse ao vivo para o Brasil que, na manhã seguinte, daria início à construção de um muro para isolar grupos rivais. Parecia ter esquecido que a derrubada de um, dias antes, permitiu o massacre em Alcaçuz. ◆

Com *Bruna de Alencar*

15/1/2017	16/1/2017	18/1/2017	19/1/2017	19/1/2017
Piraquara – PR Penitenciária Estadual de Piraquara	**Ribeirão das Neves – MG** Presídio Antônio Dutra Ladeira	**Caicó – RN** Penitenciária Estadual do Seridó, "Penisão"	**Itaitinga – CE** Casa de Privação Professor José Jucá Neto	**Lages – SC** Presídio Masculino de Lages
2	**0**	**1**	**1**	**0**
Tentativa de fuga.	Segundo autoridades, os presos pediam a saída do diretor do presídio e a melhoria no tratamento.	De acordo com o governo, a rebelião começou porque detentos da facção SDC não aceitaram a chegada de presos ligados ao PCC.	Tentativa de fuga.	De acordo com o Departamento de Administração Prisional, as causas da rebelião ainda estão sendo apuradas.

Foto: Jussimar Gonçalves/REUTERS

DAVID SKARBEK

"Espalhar os líderes de uma quadrilha não adianta"

O pesquisador David Skarbek estuda prisões em vários países, incluindo o Brasil. Ele alerta que o conflito entre facções na cadeia aumenta a violência nas ruas também

Marcelo Moura

Quando presos inventam hierarquias e regras de conduta dentro do presídio e para se relacionar com o crime organizado do lado de fora, estão criando "instituições informais" – área de interesse do americano David Skarbek, doutor em economia e professor de economia política (a interface da economia com a política, o direito e os costumes) na King's College de Londres. Skarbek chamou a atenção de especialistas em segurança pública com o lançamento, em 2014, do livro *The social order of the underworld – How prison gangs govern the American penal system* (*A ordem social do submundo – Como as gangues de prisão governam o sistema penal americano*, ainda sem edição em português). Para seu artigo acadêmico mais recente, publicado em novembro, ele comparou dados de prisões de Brasil, Bolívia, Finlândia, Inglaterra, Noruega, Suécia e Estados Unidos (especificamente da Califórnia, estado natal do autor). Entre outros achados interessantes, concluí que presídios grandes representam uma falsa economia para o governo, por sempre oferecer terreno mais fértil para o crime organizado – o que acarreta custos para a sociedade e para as finanças públicas, dentro e fora da cadeia.

ÉPOCA – Para desarticular o crime nos presídios, autoridades no Brasil trocam líderes de quadrilhas de um lugar para outro. É uma boa estratégia?
David Skarbek – Trocar líderes de lugar deixou de ser uma estratégia razoável depois que os telefones celulares se popularizaram. É quase impossível impedir a entrada deles em presídios americanos, assim como nos brasileiros. Tenta-se barrar o funcionamento de linhas não autorizadas na área do presídio, mas a eficácia disso é limitada. Com a tecnologia moderna, o principal efeito da transferência de prisioneiros para outros lugares é espalhar a área de influência deles. Você acaba ajudando a gangue, em vez de atrapalhar.

ÉPOCA – Qual é a relação entre o poder do crime dentro e fora dos presídios?
Skarbek – Tendemos a pensar que as prisões isolam os prisioneiros da sociedade. Nos Estados Unidos ou no Brasil, não é o caso. Os muros dos presídios se mostram bastante porosos. Muito frequentemente, as quadrilhas na cadeia têm enorme influência do lado de fora dos presídios. Na Califórnia, elas conseguem exercer influência do lado de fora porque criminosos nas ruas sabem que correm grande risco de ser presos algum dia. Eles se antecipam a essa possibilidade e passam a colaborar com as quadrilhas antes, como uma espécie de seguro contra maus-tratos na prisão. A insegurança do ambiente da prisão interfere no comportamento dos que estão presos e também nos criminosos que ainda têm ficha limpa.

ÉPOCA – Então as prisões fortalecem as quadrilhas?
Skarbek – Há uma relação de simbiose. Em Los Angeles, as gangues na prisão têm influência enorme no tráfico de drogas. Exigem que os vendedores nas ruas paguem uma taxa de 10% a 30% dos lucros da venda de entorpecentes. Dezenas de milhares de dólares por mês irrigam os bolsos dos prisioneiros. A criminalidade das ruas fortalece a criminalidade dentro do presídio, e a relação contrária ▶

Foto: divulgação

TEMOR
David Skarbek em palestra em Warwick, na Inglaterra. A influência dos prisioneiros chega às ruas também nos Estados Unidos

funciona: quadrilhas dentro dos presídios, devido à capacidade delas de ameaçar pessoas, podem funcionar como uma autoridade reguladora. Uma gangue chamada Máfia Mexicana atua *(na Califórnia)* como mediadora de problemas entre traficantes rivais nas ruas. Eles têm credibilidade e controle sobre a comunidade de distribuidores. A habilidade deles e os procedimentos de punição que adotam facilitam a atividade ilegal e o comércio de drogas.

ÉPOCA – A população carcerária no Brasil mais que dobrou nas últimas décadas. Como isso muda a prisão?
Skarbek – A menos que você também dobre os recursos e o controle exercido pelas autoridades, esse influxo cria instabilidade na comunidade prisional. Cada aumento da população carcerária deve corresponder a um aumento de recursos, instalações, funcionários... senão você aumenta a instabilidade e incentiva os prisioneiros a se organizar em quadrilhas.

ÉPOCA – A sociedade deve evitar prender demais, mesmo sob o risco de parecer suave no combate ao crime?
Skarbek – O que sabemos de estudos sobre o comportamento de criminosos é que eles respondem mais rapidamente, mais significativamente, a punições ágeis e certeiras. A combinação de penas severas em lei e alta impunidade não muda muito o comportamento dos criminosos. Quando a chance de o criminoso ser punido é de 90%, mesmo que seja com seis meses de prisão, o poder de dissuasão é enorme. Para evitar superlotação carcerária, sem parar de punir, a maneira é adotar penas de encarceramento curtas e certeiras, mais do que muito severas e muito incertas.

“Punição curta e certeira inibe o criminoso mais do que penas severas, mas nem sempre aplicadas”

ÉPOCA – Houve um tempo em que os grupos organizados não tinham o poder que exibem hoje no Brasil. Eles ganharam força por causa da superlotação dos presídios?
Skarbek – Esses grupos também não existiam nos Estados Unidos. O que encontrei nos Estados Unidos é que, antes, as prisões eram pequenas. Detentos não precisam de um grupo para conviver em ordem. Podem fazer isso de maneira informal. Mas o aumento na população carcerária americana pôs uma tremenda pressão sobre os recursos na capacidade de administração e nas instituições. As grandes populações carcerárias geram instabilidade e, por isso, os prisioneiros se dedicaram a criar organizações para facilitar a ordem entre eles.

ÉPOCA – Uma prisão grande fica fora do controle de qualquer governo?
Skarbek – Quanto mais poderoso o Estado, maior pode ser o presídio, sem que se formem gangues. Quanto menos guardas, quanto menos recursos, quanto menos o Estado for capaz de garantir a segurança e as condições básicas, maior a lacuna em governança que os próprios presos podem ocupar.

ÉPOCA – Quais são os pontos em comum entre o problema carcerário no Brasil e nos Estados Unidos?
Skarbek – Há muito em comum. O primeiro ponto é que as quadrilhas emergem porque os detentos querem ordem *(dentro da cadeia)* e o Estado não é capaz de atender. O segundo é que gangues emergem porque detentos querem itens proibidos. Outro ponto parece ser que gangues no Brasil e na Califórnia são bem estruturadas. Têm regras escritas, procedimentos padronizados, métodos específicos, distribuem regras para os presos, dedicam-se a monitorar quem segue as regras e punem os que não seguem. São formas semelhantes. Quando há monopólio, há menos violência aparente. Violência irrompe quando há guerra pelo controle. Quando o conflito é resolvido, com a vitória de um lado, a violência se acalma. Prisioneiros não usam violência como um gosto, eles usam para resolver a disputa por controle.

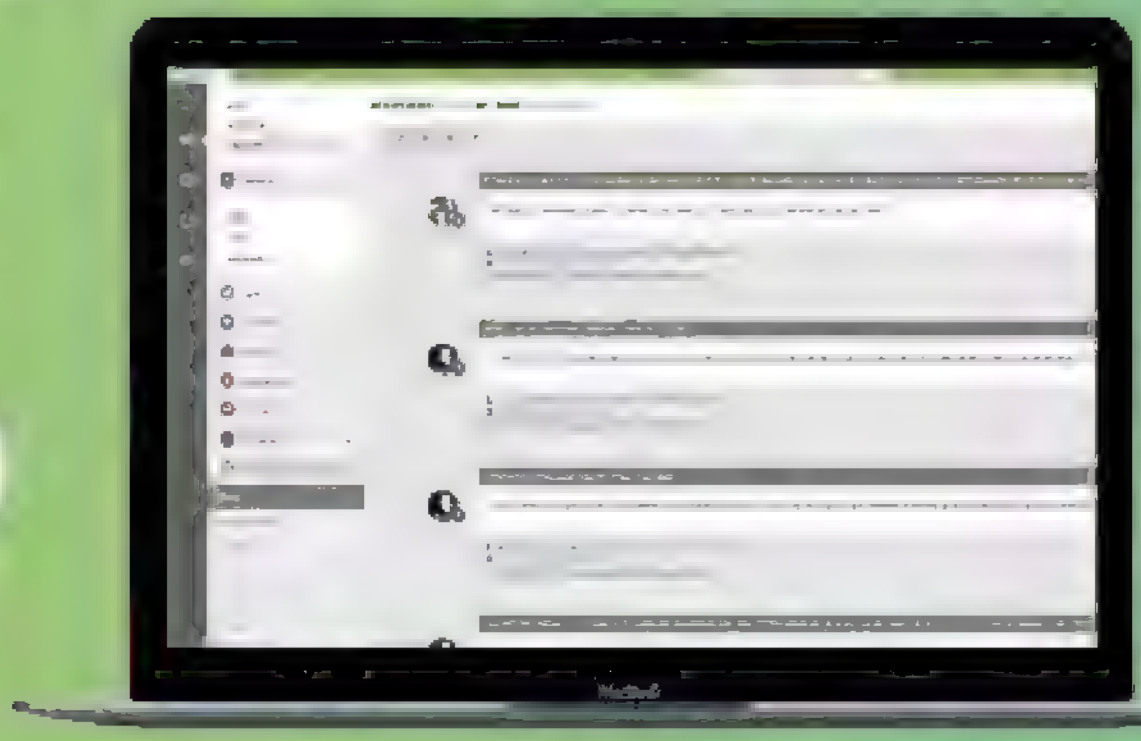
ÉPOCA – Onde se conseguiu derrotar essas quadrilhas?
Skarbek – Nos Estados Unidos, o problema das quadrilhas nas prisões persiste. Creio que é porque o problema dos prisioneiros foi encarado como uma questão *(apenas)* de fornecimento de drogas.

ÉPOCA – Como sufocar financeiramente os negócios lícitos que alimentam as organizações criminosas?
Skarbek – Enquanto houver demanda significativa por produtos e serviços ilegais, é impossível eliminar o submundo da economia. Há demanda por drogas, por contrabando. Enquanto essas coisas forem proibidas na cadeia e desejadas por presidiários, gangues vão lucrar com o fornecimento. A proibição cria uma reserva de mercado que favorece pessoas perigosas. Para reduzir a importância do submundo da economia, as autoridades devem fazer o máximo possível para atender às demandas pela economia formal. Com a legalização de produtos como as drogas, o Estado pode monitorar e controlar. Um problema é a sociedade talvez não querer legalizar tudo. Não podemos atender a todas as demandas apenas para esvaziar o poder dos criminosos. Não é prático nem prudente. Mas é algo a discutir sempre.

ÉPOCA – Muitos no Brasil comemoram as mortes causadas nos confrontos entre presidiários. O que o senhor acha dessa reação da sociedade?
Skarbek – Rebeliões nos presídios minam o ambiente de negociação entre facções. Um grupo tenta avançar nos negócios e no espaço geográfico dominado pelo outro. A instabilidade cresce e leva a ainda mais violência. ◆

hugme

Atenda seus clientes onde quer que eles estejam



Peça o seu teste grátis e descubra como abraçar seu cliente

11 2627-5016 | www.hugme.com.br

IDEIAS

CRÔNICAS AMERICANAS

UM SUBVERSIVO

Ao ser empossado como presidente, Donald Trump mostrou a que v

NA CASA BRANCA

eio. Quem esperava moderação n[illegible]á-la em seu gabinete

NO PALANQUE
Donald Trump, ao lado da primeira-dama, Melania *(à esq.)*, e da filha Tiffany, saúda apoiadores. Um discurso de posse que parecia de campanha

Guilherme Evelin e Teresa Perosa

A posse de Donald John Trump na sexta-feira, dia 20, eliminou qualquer dúvida que ainda pudesse restar de que a 45ª Presidência da história dos Estados Unidos não poderá ser comparada a qualquer outra que lhe precedeu. Na cerimônia de inauguração de seu governo, num discurso proferido diante de quatro ex-presidentes e de toda a elite política da capital americana, Trump mostrou que chegou ao poder com a ambição de subverter totalmente a ordem das últimas décadas – e nada menos do que isso. Trump fez um discurso que mais parecia de campanha do que de posse. Usou o mesmo tom populista, nacionalista e beligerante que o levou à Casa Branca. Trump voltou a se apresentar como o homem providencial que vai devolver o poder ao povo americano, livrando-o de uma elite gananciosa que, na visão do novo presidente americano, aparelhou a democracia para fazer valer seus interesses. "Não estamos simplesmente transferindo o poder de uma administração para outra ou de um partido para outro", disse Trump, logo após fazer o juramento presidencial nas escadarias do Capitólio, a sede do Congresso americano. "Nós estamos transferindo o poder de Washington e devolvendo a vocês, o povo."

Apesar de Trump ter publicado uma foto no Twitter, sua rede social favorita, em que aparecia redigindo o discurso de próprio punho, o texto tem as digitais indeléveis de dois de seus principais assessores de campanha – Stephen Bannon, novo estrategista-chefe da Casa Branca, e Stephen Miller, conselheiro sênior para assuntos políticos. Ambos são identificados com uma direita radical e advogam a ideia catastrofista de que os Estados Unidos estão em franca decadência econômica, social e até de identidade como nação. Culpam a globalização, a imigração, os acordos comerciais que, em sua visão, roubariam os empregos dos americanos e a dependência dos países aliados que não pagam a conta de sua segurança nacional e a transferem para os Estados Unidos. Para constrangimento de seus antecessores Barack Obama e George W. Bush, que levaram a cabo a guerra ao terror e o ouviram impassíveis, Trump prometeu, com seu exagero habitual, "eliminar o terrorismo radical islâmico da face da Terra". "Essa carnificina americana acaba aqui e agora", disse Trump, ecoando a mesma retórica dos homens fortes, que ao longo da história acumularam poder pessoal, subvertendo o jogo da democracia.

O discurso de posse foi um anticlímax para aqueles que imaginavam que Trump, passada a eleição, iria moderar pragmaticamente suas posições e fazer o percurso habitual rumo ao centro político dos governantes. Campanha é uma coisa, governo é outra, reza a cartilha dos estelionatos eleitorais. Para quem nutria essa esperança, Trump também, aos poucos, assumiria uma postura mais presidencial e distante do candidato agressivo que surfou em uma onda de raiva para ganhar uma eleição. Depois de um discurso de vitória, elogiado pela moderação, em que prometeu unir um país dividido, Trump, nos dois meses de transição até chegar à Casa Branca oficialmente, tratou de desfazer essa ilusão. Logo, ele reassumiu a postura belicosa em relação aos adversários, aos críticos e à imprensa. Depois de eleito, Trump desferiu, em média, um ataque a cada dois dias em suas erupções pelo Twitter. Seus alvos incluíram desde o ex-governador da Califórnia Arnold Schwarzenegger, que recebeu uma provocação de Trump por causa de seus baixos índices como

RESISTÊNCIA
Protestos em Washington, após a posse, terminaram em gás lacrimogêneo. Para teóricos, Trump testará a resiliência das instituições e da sociedade americana aos impulsos autoritários dos homens fortes

apresentador do reality show *O aprendiz*, até o pastor John Lewis, deputado democrata pelo estado da Geórgia e um dos heróis do movimento pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

Na transição, a verborragia de Trump também gerou outras confusões, mais graves, prenúncio de crises. Questionou a política de "China única", pela qual os Estados Unidos reconhecem o governo de Pequim como único representante da China, numa atitude que tem o potencial de causar uma séria crise política internacional *(leia mais às páginas 62 e 63)*. Numa demonstração de seus ímpetos protecionistas, prometeu taxar a montadora alemã BMW se a empresa mantiver os planos de construir uma fábrica no México, com a intenção de exportar carros para os Estados Unidos. Na mesma entrevista, aos jornais *Bild*, alemão, e *The Times*, britânico, Trump qualificou de "obsoleta" a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a tradicional aliança militar entre os países ocidentais, firmada pós-Segunda Guerra Mundial. Criticou ainda Angela Merkel, a chanceler da Alemanha, por sua política de acolhimento de refugiados.

O fato de Trump procurar se aferrar ao cumprimento de suas promessas de campanha não deveria ser motivo de surpresa. Publicado na década de 1980, o estudo *Promessas e performance*, do cientista político Michael Krukones, olhou para as 12 administrações desde Woodrow Wilson até Jimmy Carter e verificou que todos eles cumpriram, em média, 75% de suas promessas. De acordo com o "Obameter", projeto do site de checagem Politifact que monitorou a Presidência de Obama, o democrata cumpriu na integridade 48,2% de suas promessas e negociou acordos em relação a 27,6% delas, somando um índice de 75% de cumprimento.

Embora tenha deixado claro suas ambições e objetivos para os Estados Unidos, ainda há muitas incógnitas sobre como Trump conduzirá, a partir de agora, seu governo. Uma das características notáveis do novo presidente americano é a volatilidade de suas opiniões. Trump já foi e voltou em vários temas. O gabinete formado por ele inclui também integrantes da direita tradicional do Partido Republicano, que são vozes dissonantes em relação ao próprio discurso de Trump. Ao mesmo tempo que o novo presidente desqualifica a Otan, seus secretários de Estado, Rex Tillerson, e de Defesa, James Mattis, defenderam, em audiências no Senado, a importância estratégica da aliança.

As instituições americanas podem servir também de freio aos ímpetos mais radicais de Trump. "Nossas instituições democráticas são razoavelmente resilientes. Se Trump tentar forçá-las a fazer o que ele quer, acredito que vai perder", diz Michael Kazin, historiador político da Universidade Georgetown. Mas não há unanimidade quanto a isso. Daron Acemoglu, um dos celebrados autores de *Por que as nações fracassam?*, best-seller que explica a importância das instituições no desenvolvimento das nações, publicou, na semana passada, um artigo na revista *Foreign Policy*, em que ele diz que as instituições americanas não foram desenhadas para resistir ao autoritarismo de "homens fortes" à semelhança de Trump. Acemoglu diz que o Legislativo e o Judiciário americanos têm fragilidades para se contrapor a um Executivo dominador. "A sociedade civil será a última defesa contra Trump", escreveu Acemoglu. Pelo que foi visto na cerimônia de posse, marcada também por protestos de rua que terminaram em confrontos entre policiais e manifestantes, esse embate já começou. ◆

Foto Jim Bourg/Reuters

CRÔNICAS AMERICANAS

TRUMP U.S.A.

UP

Trump é o homem mais rico a entrar na Casa Branca. Os negócios de sua família, agora a cargo dos filhos, significam potenciais conflitos de interesse e de instabilidade para seu govenro

Teresa Perosa

Uma das singularidades, entre as muitas, do governo Donald Trump é que seu gabinete reunirá o maior número de bilionários a já chegar ao topo em Washington. Entre donos de empresas, executivos e grandes investidores escolhidos por Trump, a estimativa é que a nova administração federal americana tenha uma riqueza combinada de US$ 4,5 bilhões *(leia mais à página 60)* – excluída a fortuna do próprio presidente, um bilionário do ramo do entretenimento e das incorporações imobiliárias,.

Os problemas do governo de Trump não derivam da riqueza de seus participantes. Mas, a começar pelos negócios do presidente e de sua família, o governo de Trump terá um início permeado pela confusão dos limites entre o público e o privado. Dono de um império estimado em US$ 3,7 bilhões, Trump será o presidente americano mais rico de toda a história. A Trump Organization tem negócios em todo o território americano e no exterior. Hotéis, campos de golfe e prédios ostentam em letras douradas o nome de Trump em países como Escócia, Panamá, Uruguai, Índia, Emirados Árabes Unidos, entre outros. Os exemplos de como os interesses de seus negócios, ainda que de forma involuntária, podem se entrelaçar ao exercício da Presidência são múltiplos.

Os potenciais conflitos partem de questões básicas – como a localização do hotel de Trump em Washington em um prédio federal, o que o converteu, desde sexta-feira, em locatário e locador ao mesmo tempo. Mas podem envolver também arranjos mais complexos, como a possibilidade de Trump (e seus sócios em vários empreendimentos) usarem o poder e a influência do novo presidente para avalancar seus negócios privados. Na Índia, os sócios de Trump têm conexões próximas com membros do Parlamento do país. A Trump Organization tem projetos na Argentina e na Geórgia que dependem de aprovações de seus respectivos governos. O maior locatário da Trump Tower em Nova York é o Banco de Indústria e Comércio da China, de propriedade do governo chinês – a renovação de contrato está prevista para acontecer durante a Presidência de Trump. Será impossível, ainda que Trump afirme ter-se desvinculado dos negócios de suas empresas, transferindo-as para os filhos, que suas decisões não acabem sendo questionadas e vinculadas a outros interesses que não os públicos.

A própria família de Trump vai ter uma participação formal em seu governo. Jared Kushner, genro de Trump e herdeiro bilionário, também do setor imobiliário, foi nomeado para a influente posição de conselheiro sênior. O estatuto antinepotismo americano, em vigor há 50 anos, proíbe a nomeação de parentes para posições em ministérios ou agências federais – mas não diz nada em relação ao staff direto do presidente, caso do cargo de Kushner. O genro-conselheiro prometeu vender todas as suas participações em negócios que poderiam representar conflito de interesses com a posição que ocupará na Casa Branca. Mas o movimento não afastou as sombras de que a nomeação de Kushner só foi possível por uma brecha legal.

Jared Hauser, do Centro de Pesquisa para Política e Economia (CEPR, em sua sigla em inglês), afirma que o maior problema em relação aos negócios de Trump não é o que se sabe, mas o que não se sabe – culpa, em grande parte, de sua recusa em tornar públicas suas declarações de Imposto de Renda. "Não sabemos para quem, e quanto, ele deve dinheiro. Sabemos que ele deve ao *(banco alemão)* Deustche Bank, mas não temos acesso à extensão de suas ▸

REDE DE INTERESSES

Não faltam bilhões, conflito de interesses e polêmicas no novo governo americano

Ligações externas dos membros do gabinete

- Bilionário
- Nomeado
- Pendente

DONALD TRUMP
Presidente dos Estados Unidos

- Conflito de interesses
- Controvérsia

Trump diz que se afastará da operação diária de seu império, mas, com a própria família encarregada de cuidar dos negócios, é difícil crer que não saberá o que se passa na empresa. Seu poder como presidente poderá influenciar muitos negócios da Trump Organization

- *Trump Organization*

- Bilionário
- Nomeado
- Pendente

JARED KUSHNER
Conselheiro sênior do presidente

- Conflito de interesses
- Controvérsia

O jovem empresário é genro do presidente e dono de uma fortuna pessoal estimada em US$ 1,8 bilhão. Sua nomeação para o staff pessoal de Trump aproveitou-se de uma brecha na lei antinepotismo que, por uma interpretação, não se aplicaria a seu caso

- *Kushner Companies*
- *Observer Media*

- Bilionário
- Nomeado
- Pendente

ANDREW F. PUZDER
Secretário do Trabalho

- Conflito de interesses
- Controvérsia

Ex-chefe de uma empresa que tem uma franquia de restaurantes de fast-food, Puzder é um crítico ferrenho da expansão de direitos trabalhistas defendida por Barack Obama, assim como de aumentos no salário mínimo. Sua fortuna foi estimada em US$ 45 milhões

- *CKE Restaurants*

- Bilionário
- Nomeado
- Pendente

RICK PERRY
Secretário de Energia

- Conflito de interesses
- Controvérsia

O ex-governador do Texas propôs eliminar o Departamento de Energia, que agora vai presidir, durante a campanha em 2011. Comparada à dos bilionários que compõem o gabinete, a fortuna de Rick Perry – estimada em US$ 2 milhões – é modesta

- *N/A*

dívidas. Não sabemos se políticas suas poderão ser uma resposta a um credor, por exemplo", diz.

A encenação protagonizada por Trump na primeira coletiva de imprensa como presidente eleito, em que mostrou uma pilha de documentos com providências para se afastar dos negócios de seu império empresarial, mas sem franquear o acesso aos papéis, fez pouco para mitigar os temores em relação aos conflitos de interesses. Trump diz que as regulações sobre o tema que vigoram em relação a servidores públicos nos Estados Unidos não se aplicam a ele. Mas há na Constituição americana uma cláusula que pode ser invocada contra o presidente. Ao tratar da provisão "de emolumentos" (gratificações, vantagens), a Constituição americana determina que "nenhum servidor eleito" pode receber qualquer tipo de compensação de governos estrangeiros. No caso de Trump, simplesmente ter um diplomata hospedado em um de seus hotéis poderia, em tese, configurar uma infração da regra. Norman Eisen e Richard Painter, juristas responsáveis pelo escritório de ética da Casa Branca durante os governos de Barack Obama e George W. Bush, res-

○ Bilionário
● Nomeado
○ Pendente

STEPHEN BANNON
Chefe de estratégia da Casa Branca

◯ Conflito de interesses
⊗ Controvérsia

Ex-executivo do Goldman Sachs, Bannon se notabilizou nos últimos anos como diretor executivo do Breitbart News, um site conhecido como repositório ideológico e de notícias – parte já comprovadamente falsa ou distorcida – da chamada alt-right

• *Breitbart News*

○ Bilionário
○ Nomeado
● Pendente

REX TILLERSON
Secretário de Estado

⊗ Conflito de interesses
⊗ Controvérsia

Ex-CEO da ExxonMobil, a maior empresa de petróleo do mundo, Rex Tillerson foi listado pela *Forbes* como a 24ª pessoa mais poderosa do planeta. Na década de 1990, representou a companhia na Rússia. À época, conheceu Vladimir Putin, de quem é amigo

• *ExxonMobil*
• *Indústria petroleira*

○ Bilionário
○ Nomeado
● Pendente

STEVEN MNUCHIN
Secretário do Tesouro

◯ Conflito de interesses
◯ Controvérsia

Com uma fortuna estimada em US$ 300 milhões, o ex-executivo do Goldman Sachs foi um dos principais responsáveis pelo esforço de arrecadação de fundos para a campanha de Donald Trump. Entre os investimentos de Mnuchin estão filmes de Hollywood

• *Dune Capital Management LP*
• *OneWest Bank Group*

● Bilionário
○ Nomeado
● Pendente

WILBUR ROSS
Secretário de Comércio

◯ Conflito de interesses
◯ Controvérsia

Com uma fortuna estimada em US$ 2,5 bilhões, Ross substituirá Penny Pritzker, outra bilionária, na Secretaria de Comércio. O investidor é conhecido por ter feito sua fortuna em cima de empresas com problemas financeiros e à beira da falência

• *WL Ross & Co*
• *Invesco*

● Bilionário
○ Nomeado
● Pendente

BETSY DEVOS
Secretária da Educação

◯ Conflito de interesses
⊗ Controvérsia

Casada com Richard DeVos Jr., herdeiro da multinacional Amway, a fortuna da nova secretária de Educação é estimada em US$ 1,25 bilhão. Sem experiência na área, DeVos é uma doadora de fundos ao Partido Republicano e crítica do sistema público de educação

• *Amway*

○ Bilionário
○ Nomeado
● Pendente

JEFF SESSIONS
Procurador-chefe da República

◯ Conflito de interesses
⊗ Controvérsia

Senador do Alabama, Sessions é crítico das políticas de imigração de Obama – um tema sobre o qual terá poder de atuação no novo cargo. Em 1986, sua nomeação para juiz federal foi rejeitada por causa de comentários racistas supostamente feitos por ele em um cargo anterior

• *N/A*

○ Bilionário
○ Nomeado
● Pendente

MIKE POMPEO
Diretor da CIA

◯ Conflito de interesses
⊗ Controvérsia

Representante do Kansas na Câmara americana, Pompeo foi questionado pelo Senado sobre declarações dadas no passado que indicavam seu apoio ao uso de tortura em interrogatórios – para os senadores, ele afirmou agora que é contrário à prática

• *N/A*

○ Bilionário
○ Nomeado
● Pendente

SCOTT PRUITT
Diretor da Agência de Proteção Ambiental (EPA)

⊗ Conflito de interesses
⊗ Controvérsia

Como procurador-geral do estado de Oklahoma, Pruitt capitaneou um esforço legal contra as regulações ambientais aplicadas por Obama, por meio da EPA, com o objetivo de reduzir as emissões de carbono no país

• *Indústria de combustíveis fósseis*

pectivamente, e Laurence Tribe, constitucionalista da Universidade Harvard, afirmam que, a não ser que Trump venda todas as suas participações em negócios, sua presença na Casa Branca viola a lei.

A questão será um evidente foco de instabilidade política para o governo Trump. Ele estará, desde o começo, suscetível a questionamentos constitucionais que podem, no mínimo, resultar em uma série de processos de empresas americanas que se sintam lesadas e, num grau máximo, na abertura de um processo de impeachment pelo Congresso.

A abertura de qualquer processo de impeachment é, sobretudo, uma decisão política. Com um Congresso de maioria republicana, por ora alinhado ao presidente, o governo de Trump tem algum grau de segurança. Mas o clima político pode mudar rapidamente. "Haverá eleições legislativas em 22 meses e o Partido Republicano liga muito mais para ganhar eleições do que liga para Donald Trump", diz Hauser. A Presidência de Trump, assim, começa sob uma sombra de instabilidade – um mau presságio para o homem de negócios que prometeu "drenar o pântano" de interesses excusos de Washington. ◆

Fotos: Getty Images (7), AFP (3) e Reuters

ÉPOCA CENÁRIOS

O mundo em recessão geopolítica

Donald Trump vai acelerar a tendência para um mundo sem uma liderança global. Isso vai ter profunda repercussão na forma como os conflitos internacionais serão resolvidos

Donald Trump foi empossado como o 45º presidente dos Estados Unidos, e todos os olhos estão focados no que esperar de sua nova administração. A resposta do mercado financeiro e da comunidade empresarial desde a vitória surpresa de Trump vem sendo inequivocamente otimista, em grande parte por causa da agenda doméstica do novo presidente. Ele escolheu uma equipe econômica respeitada, e há poucas dúvidas de que seu governo gastará mais em infraestrutura e conduzirá uma reforma fiscal favorável às corporações. A única dúvida reside no tamanho do estímulo que isso significará para o crescimento da economia americana.

As repercussões maiores e mais relevantes da vitória de Trump, porém, residem na arena internacional. Trump rejeita a ideia de que os Estados Unidos têm uma responsabilidade especial de liderar. Isso acelera uma tendência estrutural: um mundo com muito pouca liderança mundial. O ano de 2017 marca o início de uma recessão geopolítica porque essa falta de liderança está começando a ter profundas repercussões sobre como os conflitos globais serão resolvidos, exacerba os riscos provenientes da Europa e torna a relação entre Estados Unidos e China o principal e maior risco geopolítico nos próximos anos.

Essa falta de liderança global, que chamamos de um mundo "G-Zero", tornou-se óbvia. As pesquisas de opinião pública nos Estados Unidos revelam apoio à postura de "América em Primeiro Lugar" na política externa. Os aliados dos Estados Unidos, principalmente na Europa, estão preocupados com uma lista cada vez mais longa de graves problemas. Acrescente a isso a oportunidade que a China vê em abrir novos caminhos e escrever novas regras do jogo. Podemos esperar bem menos cooperação e coordenação internacional na resolução dos problemas econômicos e de segurança mundiais.

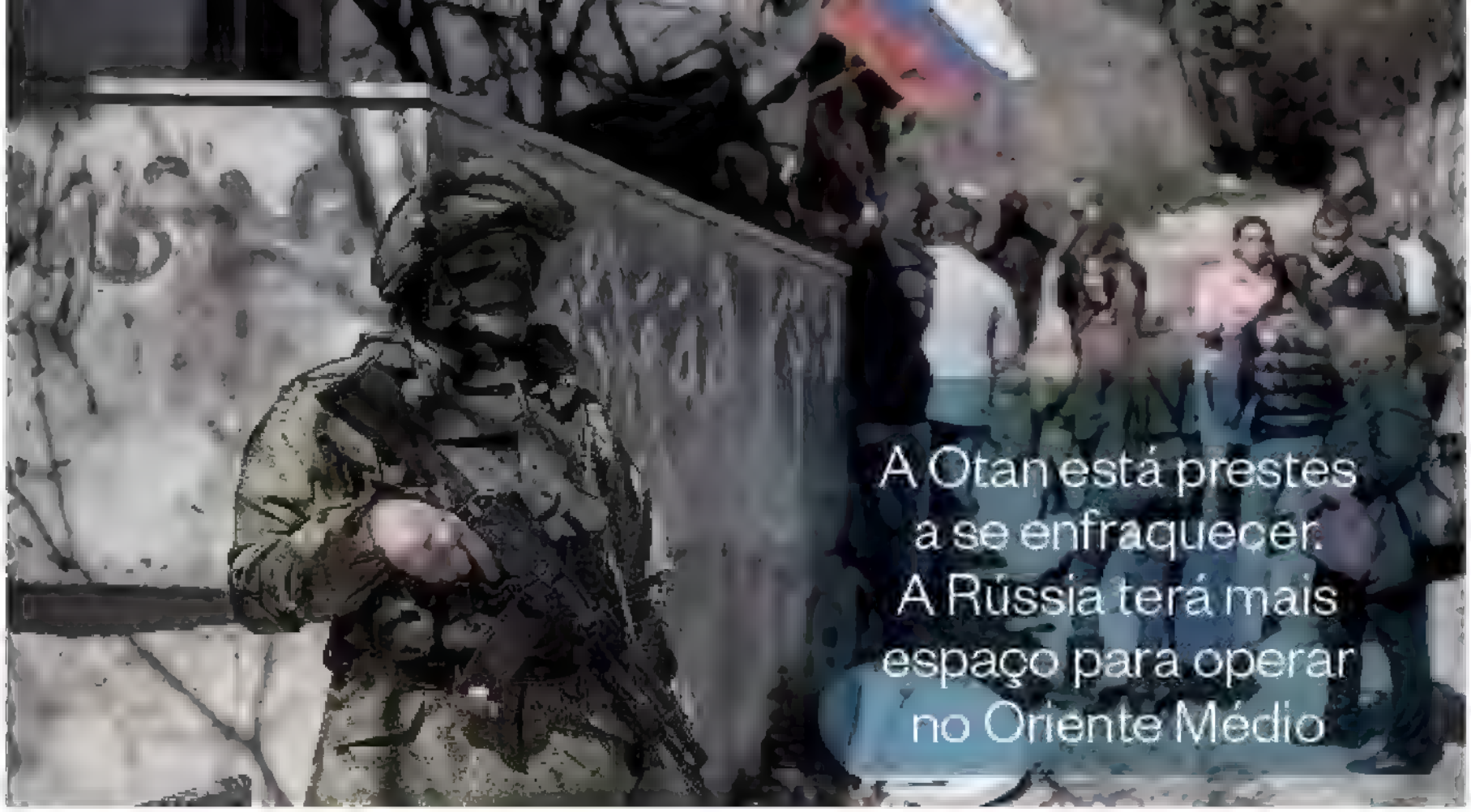
A revolta populista nos Estados Unidos e na Europa contra o establishment político e as muitas facetas do globalismo, que elegeram Trump e levaram ao Brexit no Reino Unido, aceleraram tremendamente essa tendência. Trump surfou em forte corrente de raiva e usou com sucesso a estratégia de culpar a imigração e os países estrangeiros pela perda de empregos e estagnação dos salários dentro dos Estados Unidos. Mas Trump não é um isolacionista. Ele é um unilateralista dedicado, que deve intervir com mais frequência e menos cautela do que Obama para fazer avançar os interesses americanos como ele os vê. No processo, ele enfraquecerá as instituições multilaterais e impulsionará dois riscos geopolíticos importantes.

O primeiro vem da Europa. Trump prometeu dar prioridade à luta contra o Estado Islâmico e vai articular laços mais estreitos com a Rússia apesar das críticas intensas que recebeu devido às alegações de interferência russa na eleição americana. Acrescente o ceticismo de Trump com a Otan, cuja configuração ele descreveu como "obsoleta", e a aliança mais importante para a ordem mundial desde a Segunda Guerra Mundial está prestes

Ian Bremmer
é presidente e fundador do grupo Eurasia, consultoria de análise de risco político

O CENÁRIO
Trump é um unilateralista. Seu governo deve exacerbar os riscos políticos da União Europeia e tensionar as relações entre EUA e China

A APOSTA
Se Trump rejeitar "a política de uma China", Pequim recairá duramente medidas comerciais protecionistas dos EUA



a se enfraquecer. A Rússia terá mais espaço para operar, sem reação, no Oriente Médio.

Isso vai acontecer em um contexto de eleições na França, na Alemanha e na Holanda, onde a raiva com o establishment político e econômico também está bem viva. A Frente Nacional (FN) na França, o Partido para a Liberdade (PVV) na Holanda e o partido Alternativa para a Alemanha (AfD) capitalizaram a incapacidade dos partidos tradicionais de responder de maneira eficaz à deterioração do ambiente de segurança provocada pela crise de refugiados e pelos recentes ataques terroristas. Eles são todos anti-imigrantes e críticos da União Europeia. Embora Marine Le Pen (FN) tenha chances de ganhar na França, nenhum deve vencer. Embora seja provável que Angela Merkel seja reeleita, os compromissos políticos que ela será obrigada a fazer ao longo do caminho a tornarão uma figura diminuída na Europa.

O maior risco para a economia mundial, no entanto, vem da relação dos Estados Unidos com a China. Durante a campanha presidencial, Trump culpou tanto a China quanto o México pela perda de empregos nos Estados Unidos e fez uma série de ameaças de aumentar as tarifas sobre os produtos dos dois países. Enquanto o México tem poucas opções a não ser aceitar quaisquer demandas que os Estados Unidos façam para renegociar o acordo de livre-comércio Nafta, por causa de sua dependência dos Estados Unidos, o presidente Xi Jinping na China tem muito mais poder para revidar.

A China passa por uma transição de liderança muito delicada. No próximo 19º congresso do partido, haverá uma rotatividade de cinco dos sete membros de seu Politburo permanente. Será uma oportunidade para Xi Jinping consolidar seu poder e designar seu sucessor. Isso significa que ele não pode parecer fraco em seu país no período que antecede essa transição. A disposição de Xi é de evitar uma escalada na guerra comercial. Mas se Trump rejeitar a "política de uma China", com a qual os Estados Unidos concordaram em 1979, de reconhecer apenas a China e não Taiwan, ele vai retaliar de maneira dura medidas comerciais protecionistas de Trump. Uma guerra comercial de alta intensidade entre Estados Unidos e China é uma possibilidade real.

Tudo isso acima oferece algumas oportunidades ao Brasil. Ao contrário do México, o Brasil não está na linha de fogo de Trump e pode negociar acordos em setores específicos com os Estados Unidos. Uma verdadeira oportunidade tática poder vir da fricção crescente entre China e Estados Unidos. Pequim vai buscar aprofundar o comércio e os laços de investimento com outros países no caso de um conflito com o governo Trump, e isso pode aprofundar a atual disposição de companhias chinesas de investir em projetos de infraestrutura no Brasil. Pequim também pode buscar importar mais produtos agrícolas do Brasil a fim de diminuir sua dependência das importações americanas.

Mas de forma geral a eleição de Trump não é uma boa notícia para o Brasil. O presidente Michel Temer está em meio à condução de um ajuste fiscal difícil e muito impopular depois de uma recessão de dois anos. A esperança no Palácio do Planalto é que, ao aprovar uma reforma previdenciária ambiciosa e potencialmente calar as dúvidas sobre instabilidade política, os investimentos privados possam ajudar a impulsionar a recuperação econômica. Esse equilíbrio, no entanto, é mais difícil de conseguir se o cenário global for menos favorável. ◆

Christopher Garman
é cientista político, diretor executivo de risco e analista-chefe do grupo Eurasia

Foto: Pavel Golovkin/AP

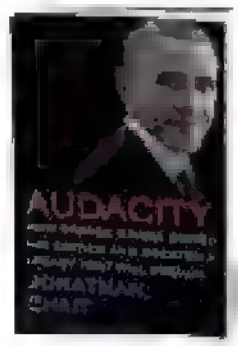
HELIO GUROVITZ

Trump destruirá o legado de Obama?

Em 2015, Barack Obama resumia assim sua visão dos americanos: "Somos os imigrantes que embarcaram clandestinos em navios para atingir esta costa, as massas amontoadas ansiando por respirar livres – sobreviventes do Holocausto, dissidentes soviéticos, meninos perdidos do Sudão. Somos os esforçados que atravessam o Rio Grande porque querem dar uma vida melhor aos filhos. Somos os escravos que construíram a Casa Branca e a economia do Sul. Somos os rancheiros e caubóis que abriram o Oeste e os incontáveis trabalhadores que deitaram trilhos, ergueram arranha-céus e se organizaram em nome de seus direitos". Em Selma, Alabama, Obama discursava em homenagem àqueles que, 50 anos antes, lá protagonizaram um episódio memorável na luta contra o racismo. Preferiu inseri-lo no contexto mais amplo, da América pós-racial em que todas as histórias se fundem. Foi justamente essa, na essência, a visão derrotada por Donald Trump nas urnas.

O Partido Democrata saiu massacrado da eleição. No começo do governo Obama, tinha ampla maioria parlamentar, com 256 deputados, 55 senadores, além de 28 governadores e domínio das duas casas legislativas em 17 dos estados que governava. Hoje os democratas serão uma minoria com 194 deputados, 46 senadores, 16 governadores e o domínio de Câmara e Senado em apenas seis estados que governam. Ao todo, perderam 959 representantes estaduais, um encolhimento superior às derrotas históricas nas gestões republicanas de Eisenhower (843) e Nixon/Ford (800). Trump conquistou musculatura para desfazer as políticas da Era Obama e não esconde seu desejo de reduzir a pó uma gestão criticada pelos próprios democratas e esmagada nas urnas. Apesar disso, a popularidade de Obama está em 60% – nível mais alto desde o primeiro ano de governo, superior ao de todos os presidentes no fim do mandato desde Roosevelt, com exceção de Clinton e Reagan.

O legado de Obama representa, portanto, um paradoxo. "Que seu retrospecto é de um fracasso geral é uma premissa aceita por todos", escreve o jornalista Jonathan Chait em *Audacity*, lançado na semana passada. Partidário confesso de Obama, Chait afirma, com a mesma audácia do título, que "Obama, não Trump, está destinado a fornecer o modelo para o governo americano nas décadas por vir". Trump é o "cálice envenenado de uma ideologia fracassada", diz. Para muita gente, tal opinião não passará de mais uma prova da cegueira da imprensa americana. Chait tem mesmo um olhar "liberal" – no sentido americano, de esquerdista. Mas tem duas qualidades preciosas: é impecável nos fatos e, mesmo com opiniões discutíveis, seus argumentos mostram que será difícil para Trump, ou até indesejável, desfazer tudo o que Obama fez.



LIVRO DA SEMANA

Audacity
Jonathan Chait

Custom House
2017
272 páginas
US$ 28

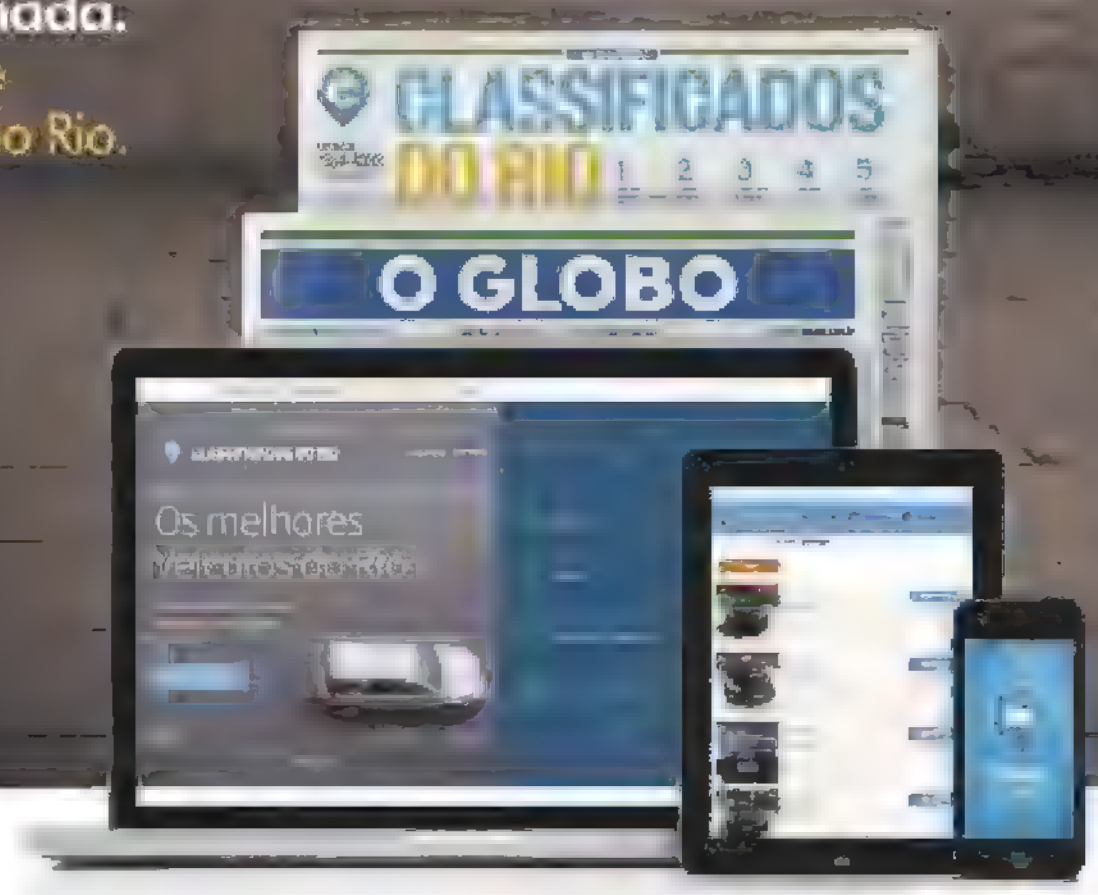
Obama implementou, diz Chait, um programa que noutros tempos seria chamado de "republicano liberal". O Obamacare copiou a reforma da saúde de Mitt Romney em Massachusetts. Chait minimiza as falhas de concepção que custaram votos aos democratas e diz que, apesar delas, o custo da saúde parou de subir, e a cobertura foi estendida a 20 milhões. Trump, diz ele, não terá interesse em desagradar a eles. No meio ambiente, derrotado na tentativa de legislar sobre emissões de carbono, Obama usou leis do governo Nixon para restringi-las. Tais normas serão revistas por Trump, claro. Mesmo assim, ele se beneficiará delas. Graças à energia limpa, os Estados Unidos atingiram em 2016 o patamar de emissões que Obama se comprometeu a cumprir em 2024 no Acordo de Paris. As críticas de Trump ao acordo nuclear com o Irã ou à reaproximação de Cuba tendem a sumir no dia a dia do governo. Síria, Líbia e Estado Islâmico são fracassos de Obama que Chait reconhece meio a contragosto – mal cita a palavra Benghazi. Também é exageradamente ingênuo em relação ao descontrole fiscal do Estado. Mas afirma, com razão, que a maior conquista de Obama – ter debelado a crise de 2008 – é invisível, só apareceria se desse errado. O desemprego caiu abaixo de 5% – em Michigan, estado onde Trump obteve uma vitória surpreendente, está no nível mais baixo desde 2001.

Ter rompido a barreira racial será o legado primordial de Obama. Mas o mero fato de ele ser negro polarizou o ambiente político. "A guerra partidária racializada, em que os liberais veem racismo em toda parte, e conservadores veem acusações falsas de racismo em toda parte, produziu um improvável ponto de concordância: o estado das relações raciais piorou", escreve Chait. A reação na gestão Trump deixará, argumenta Chait, marcas profundas na juventude. "Daqui a 50 anos, haverá latinos e asiático-americanos que, questionados por que votam nos democratas, responderão com o nome de Trump." Obama começou sua Presidência recebendo o Nobel da Paz sem ter feito nada, simplesmente pelo contraste com o antecessor, George W. Bush. A garantia de seu legado estará, segundo Chait, no contraste com o sucessor. ◆

Helio Gurovitz é jornalista **hgurovitz@edglobo.com.br** (e-mail) **@gurovitz** (Twitter) **http://gi.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/** (web)

TEM, MAS ACABOU. TÁ BOM PRA VOCÊ?

Oferta velha não resolve nada.
Imóveis, veículos, empregos e
muito mais no Classificados do Rio.
Só ofertas atuais com fotos
e navegação inteligente.



Anuncie
classificadosdorio.com.br
21 2534-4333

CLASSIFICADOS DO RIO
ESSE RESOLVE.

O GLOBO
EXTRA

SOB UMA AMEAÇA ANTIGA

O surto de febre amarela silvestre em Minas Gerais lembra que o vírus se mantém à espreita

Marcela Buscato

No início de janeiro, no norte de Minas Gerais, eram pouco mais de 20 casos suspeitos de febre amarela, uma doença que já foi o principal problema de saúde pública no Brasil até o século XIX. Duas semanas depois, até o fechamento desta edição, já somavam 206 em 29 cidades do estado – além de oito casos no estado vizinho, Espírito Santo. Trinta e quatro foram confirmados, entre eles 23 mortes. Em São Paulo, quatro casos importados foram confirmados e no Distrito Federal registrou-se uma morte. A escalada de casos da doença – que mata cerca de metade dos pacientes graves por complicações renais, hepáticas e hemorrágicas – voltou a chamar a atenção das autoridades de saúde e de especialistas. Eles temem que o vírus – da mesma família dos que causam dengue,

Foto: Alexandre Rezende/Folhapress

PROTEÇÃO **Moradores de Piedade de Caratinga, Minas Gerais, aguardam vacinação. Inicia-se a medida só nas áreas em que o Ministério da Saúde recomende**

zika e chikungunya – volte a assolar as cidades nas asas de um velho conhecido dos brasileiros, o mosquito *Aedes aegypti*.

O vírus chegou ao Recife em 1685, em um navio vindo da África que fizera escala nas Antilhas durante uma epidemia. No Brasil imperial, dizimava milhares a cada episódio. Em 1850, quando chegou ao Rio de Janeiro, 9.600 adoeceram e mais de 4 mil morreram. Em Salvador, vitimara 2.800. O desenvolvimento de uma vacina, em 1937, e uma campanha agressiva para erradicar o *Aedes* à base de um pesticida poderoso, o DDT, hoje proibido, afastaram a ameaça da cidade e a confinaram às áreas de mata. Desde 1942, quando os três últimos casos de febre amarela transmitida por *Aedes* foram confirmados em Sena Madureira, no Acre, não há registro em áreas urbanas do Brasil.

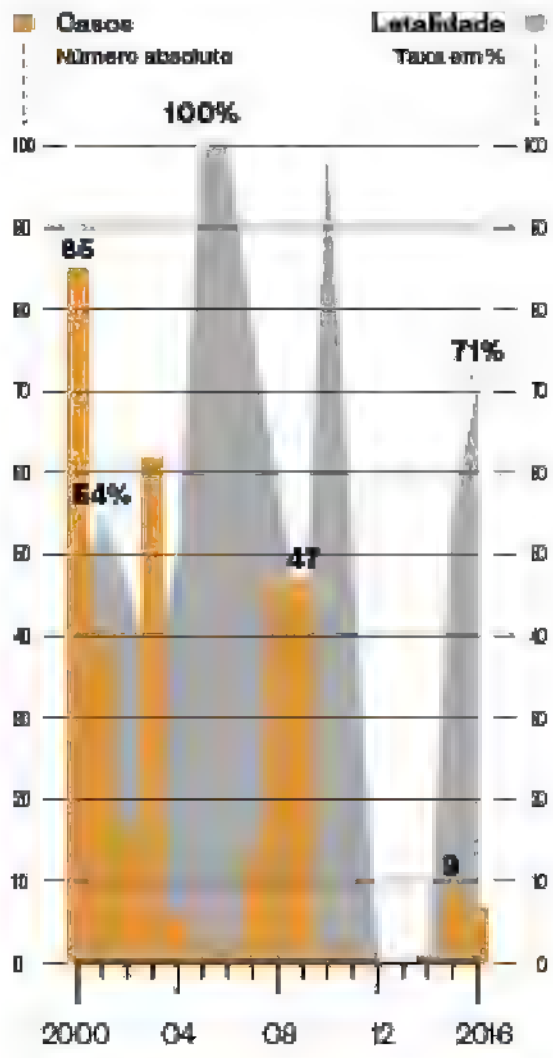
O vírus corre zonas silvestres em mosquitos dos gêneros *Haemagogus* e *Sabethes*, que vivem na mata e se alimentam preferencialmente do sangue de macacos, como bugios, mas também de humanos. Ano a ano, o país registra casos de pessoas que contraem febre amarela nas zonas rurais *(leia o quadro ao lado)*. A cada sete anos, em média, há registros de surtos maiores. Se os casos suspeitos se confirmarem, o Brasil está a caminho de seu maior surto em décadas. Para cada infectado com sintomas, há outros dois assintomáticos. A Organização Mundial de Saúde estima que, em surtos, o número de casos seja entre dez e 250 vezes maior do que o confirmado. Como quase um terço dos casos é grave e o *Aedes*, o vetor urbano, é frequente nas cidades, o país convive com a sombra da reurbanização da doença.

Estimar o tamanho do risco é um desafio. Uma pesquisa de 2004 da Fundação Oswaldo Cruz calculava em até 29% as chances de uma epidemia urbana no Rio de Janeiro em períodos de surtos entre animais. Mas a precisão da estimativa é baixa. A forma silvestre da doença avançou nas últimas décadas no Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Entre 2000 e 2012, o Rio Grande do Sul foi o estado que concentrou mais mortes de macacos pela doença – um indício de que o vírus circula nas matas da região. Das 1.151 notificadas, 689 tiveram como causa confirmada o vírus. A área do estado com recomendação para a vacina foi expandida. "Com a urbanização, os limites urbanos e rurais são cada vez mais tênues", diz o infectologista Artur Timerman, presidente da Sociedade Brasileira de Dengue/Arboviroses. Os deslocamentos entre as zonas rurais e as cidades aumentam os riscos de o vírus entrar no ciclo urbano.

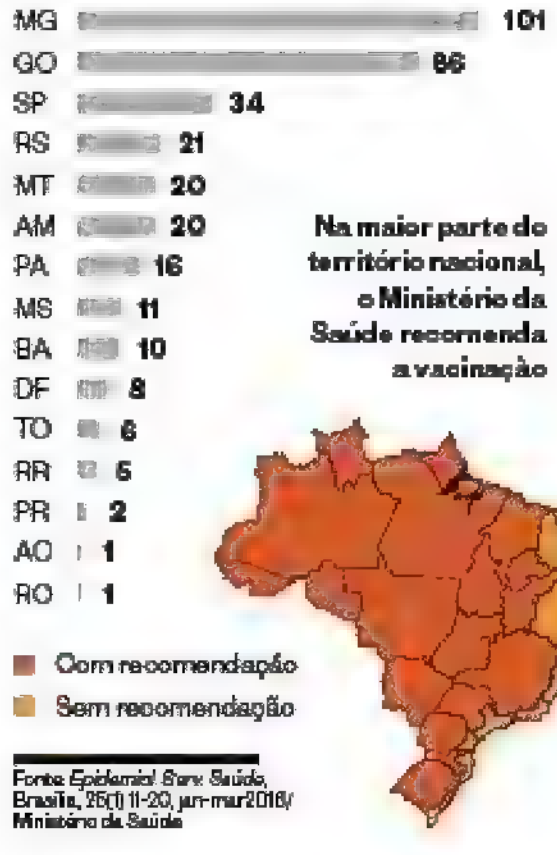
Há conhecedores do tema mais otimistas. O médico virologista Pedro Vasconcelos, diretor do Instituto Evandro Chagas, no Pará, vinculado ao Ministério da Saúde, considera muito baixa a possibilidade da reurbanização da doença. "O *Aedes* não está tão adaptado a transmitir o vírus da febre amarela quanto os da dengue, zika e chikungunya", diz. Um estudo feito em 2002 com *Aedes* capturados em diferentes regiões brasileiras mostrou ▶

PERIGO LATENTE

Ano a ano, o país registra casos da doença em humanos



ZONAS RURAIS
Nos últimos 16 anos, os casos fora de áreas urbanas avançaram nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul



Na maior parte do território nacional, o Ministério da Saúde recomenda a vacinação

Fonte *Epidemiol Serv. Saúde*, Brasília, 25(1) 11-20, jan-mar 2016/ Ministério da Saúde

que, em 14 das 23 amostras, menos de 13% dos mosquitos foram infectados quando expostos ao vírus. Um levantamento mais antigo avaliou a capacidade de *Aedes* infectados transmitirem os vírus. Ele concluiu que, mesmo que o mosquito não seja tão competente para transmitir a febre amarela, pode começar uma epidemia. As taxas de transmissão detectadas no estudo, publicado em 1989, variaram de 7% a 43% dos mosquitos infectados.

A melhor maneira de evitar a reurbanização da doença é a vacina. Para a maior parte do território brasileiro, há a recomendação de que os moradores dessas regiões – ou de quem viaja para lá – sejam imunizados com duas doses, com intervalo de dez anos *(confira no mapa)*. As crianças são vacinadas aos 9 meses e aos 4 anos. Em 2001, o Ministério da Saúde determinou como meta vacinar 100% da população das áreas endêmicas. A cobertura nas cidades do surto atual, em uma área de transição entre áreas endêmicas e de risco potencial, é menor. Em algumas, como Itambacuri, na região de Teófilo Otoni, Minas Gerais, a cobertura em 2016 estava em 71%, insuficiente. Em áreas do país em que não há recomendação para a vacina, estima-se ser menor. "É melhor nem pensar na possibilidade da reurbanização", diz Pedro Tauil, da Universidade de Brasília. "Não haverá vacina para todos."

Como não há indício de que o *Aedes* esteja por trás dos novos casos, não se indica vacinação emergencial fora das áreas recomendadas. A vacina é segura, mas eventos adversos graves podem acontecer em uma a cada 400 mil doses. Em 2001, a equipe de Vasconcelos apontou pela primeira vez mortes por um tipo de febre amarela causado pela vacina numa menina de 5 anos e numa jovem de 22. Entre 2008 e 2009, foram nove mortes. "São casos raros, mas aparecem em períodos de 'guerra', quando se vacina sem tomar os cuidados com as indicações", diz Tauil, da UnB. Não se recomenda a vacina para menores de 6 meses, gestantes e pessoas com imunidade comprometida. Discute-se implantar para todo o Brasil a vacinação infantil, para criar paulatinamente uma população imune. "Se tivesse sido adotada em 2000, quando surgiu o debate, teríamos mais 60 milhões de protegidos", diz Vasconcelos. ◆

GUSTAVO CERBASI

Sete erros a evitar em 2017

Um dos votos mais enfaticamente trocados no fim de ano foi "muito dinheiro no bolso em 2017!". Pudera... no Brasil, não se aguenta mais falar de crise. Problemas financeiros normalmente são evitados ou minimizados quando estamos preparados para eles. Os problemas que muitos brasileiros vivem com suas finanças decorrem da insistência em manter maus hábitos. Em 2017, sugiro que você mude alguns hábitos.

A tradição recomenda pular sete ondas na passagem do ano para ter sorte no ciclo que se inicia. Há quem acredite por fé ou costume, há quem não veja sentido nesse tipo de superstição. No meu papel de educar para que boas escolhas sejam feitas, prefiro trazer aqui sete orientações – não para dar sorte, mas para eliminar de sua rotina problemas que muitos costumam rotular de azar.

O primeiro erro a evitar é parcelar compras no início do ano. Por mais que pareçam vantajosas e caibam no orçamento, as compras parceladas nos tiram a liberdade de escolha futura. Preços continuarão subindo no ano novo, e a melhor maneira de não estar exposto a imprevistos é manter o orçamento flexível, sem excesso de parcelas a pagar, comprando à vista apenas quando o dinheiro permitir.

O segundo erro a evitar é deixar a declaração de Imposto de Renda para o fim de abril. Ao encerrar-se o ano, já temos condições de reunir todos os documentos necessários à entrega da declaração. Deixar para a última hora pode fazer com que esqueçamos de incluir informações ou que não tenhamos tempo para uma boa revisão da declaração. Para evitar multas e a malha fina, organize tudo antes e deixe a declaração já pronta no início de março, mesmo que você tenha intenção de entregá-la no final de abril. Acelerar a entrega é vantajoso para quem quer pagar dívidas com a restituição ou investi-la.

Terceiro erro a evitar: não deixe dinheiro parado na conta. Como ainda temos os juros brasileiros entre os mais altos do mundo e uma inflação significativa, dinheiro parado é um desperdício de ganhos. Não vai usar por alguns dias? Aplique! Mas não cometa o quarto erro: investir na poupança. Ainda em razão dos altos juros, fundos de renda fixa, títulos públicos e CDBs continuam as opções mais rentáveis, mesmo com a incidência de todos os custos e impostos.

Quinto erro: não pague juros no cheque especial. Sexto erro: não pague juros no crédito rotativo do cartão de crédito. Percebeu que vai entrar no vermelho, solicite um empréstimo ou venda algo que possui, para fugir dos juros elevadíssimos e inexplicáveis.

Obviamente, para perceber com antecedência que está para entrar no vermelho, você deve deixar de lado o sétimo erro: destinar pouco tempo para se organizar. Neste ano que começa cheio de feriados prolongados, dedicar um pouco de tempo para seu planejamento pode render bons frutos na conta. Sucesso! ◆

Gustavo Cerbasi (www.gustavocerbasi.com.br) é especialista em educação financeira.
Facebook **Gustavo Cerbasi**

FATO RELEVANTE

CADE arquiva processo do CENP.

O processo administrativo instaurado em 2005, que investigava a implementação das Normas-Padrão da Atividade Publicitária em vigor e que autorregulam as relações ético-comerciais entre anunciantes, agências de publicidade e veículos de comunicação, foi arquivado na última quarta-feira, 18 de janeiro de 2017, por decisão unânime do Tribunal do CADE.

Associadas Fundadoras

Associação Brasileira de Agências de Publicidade – **ABAP**

Associação Brasileira de Anunciantes – **ABA**

Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão – **ABERT**

Associação Brasileira de Televisão por Assinatura – **ABTA**

Associação Nacional de Editores de Revistas – **ANER**

Associação Nacional de Jornais – **ANJ**

Central de Outdoor

Federação Nacional das Agências de Propaganda – **FENAPRO**

CENP
Conselho Executivo das Normas-Padrão

A morte está em cartaz

Uma leva de filmes favoritos ao Oscar, liderada por *Manchester à beira-mar*, trata nos cinemas a difícil discussão sobre as formas de lidar com o luto

Nina Finco

Lemony Snicket, pseudônimo do escritor americano Daniel Handler, cravou na abertura do primeiro volume de sua saga de sucesso, *Desventuras em série*, a seguinte frase: "Se você já perdeu alguém que ama, sabe como é. Se não perdeu, não tem como saber". Quem não sofreu a perda da dor pode ter dificuldades para sentir empatia por uma pessoa enlutada, mas, de vez em quando, algumas obras conseguem transmitir ao público – mesmo para os felizardos que nunca sofreram com a morte de um ente querido – quão sofrido é lidar com o luto. O filme *Manchester à beira-mar*, uma das grandes apostas para o Oscar deste ano, que chegou aos cinemas brasileiros na semana passada, mostra com sinceridade dolorida como é inevitável lidar com o que sobra da vida cotidiana depois que alguém se vai.

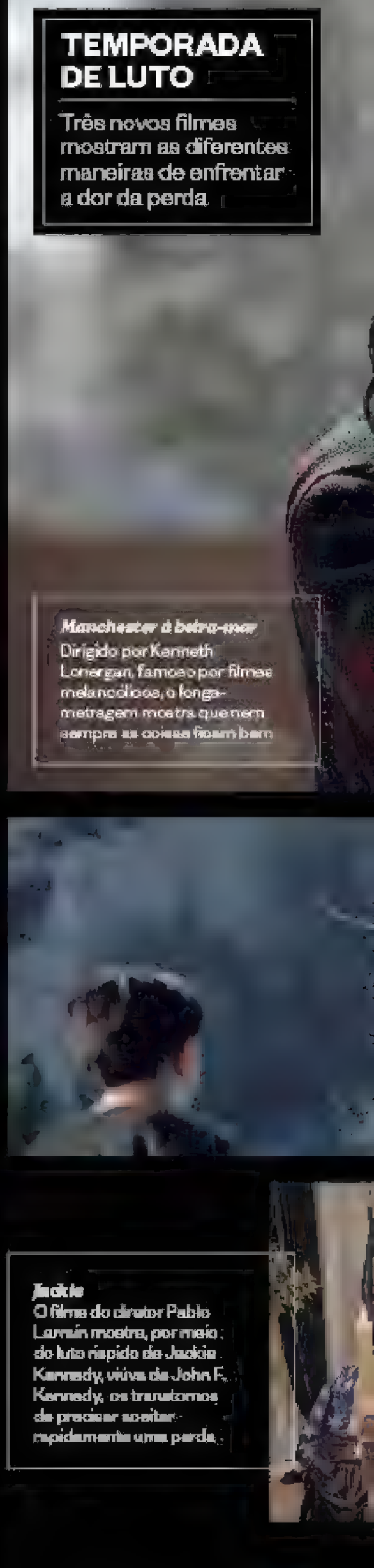
O filme foi dirigido pelo americano Kenneth Lonergan, cuja cinematografia é notoriamente melancólica. Sua estreia nos cinemas, o longa-metragem *Você pode contar comigo*, começa com um acidente de carro que mata os pais de duas crianças. A vida dos irmãos segue, mas as feridas nunca cicatrizam direito, deixando espaço aberto para uma série de escolhas erradas e um relacionamento distante entre eles. Seu segundo filme, *Margaret*, traça os efeitos de um terrível acidente de ônibus numa jovem mulher que pode ter sido a causa da tragédia. A jovem sofre um trauma, tenta entender o que passou e as respostas não são exatamente o que se esperava.

Manchester à beira-mar acompanha Lee Chandler (interpretado por Casey Affleck, cuja atuação lhe rendeu o Globo de Ouro de Melhor Ator Dramático), um solitário zelador de condomínio que perde um irmão e precisa cuidar do funeral e do sobrinho. A franqueza com que Lonergan trata da perda é tão cortante que uma série de alívios cômicos, frutos de cenas corriqueiras do dia a dia, leva o público a rir desconcertado, mesmo com as bochechas ainda molhadas de lágrimas. A trama fala de tragédia, culpa, luto e resignação, temas densos dos quais estúdios de cinema gostam de tratar em filmes lançados na temporada prévia ao Oscar como forma de atrair a atenção da Academia de Cinema de Hollywood.

Neste ano, *Manchester à beira-mar* lidera uma leva de filmes que tratam do luto e aparecem como favoritos à estatueta de ouro. *Jackie* (que estreia no próximo dia 2), do chileno Pablo Larraín, faz um retrato da viúva do presidente americano John F. Kennedy (interpretada por Natalie Portman) nos dias que se seguiram ao assassinato de seu marido. *Sete minutos depois da meia-noite* (em cartaz) é um

TEMPORADA DE LUTO

Três novos filmes mostram as diferentes maneiras de enfrentar a dor da perda



Manchester à beira-mar
Dirigido por Kenneth Lonergan, famoso por filmes melancólicos, o longa-metragem mostra que nem sempre as coisas ficam bem

Jackie
O filme do diretor Pablo Larraín mostra, por meio do luto rápido de Jackie Kennedy, viúva de John F. Kennedy, os transtornos de precisar aceitar rapidamente uma perda

Fotos: Claire Folger/© Roadside Attractions/courtesy Everett Collection, Travis Tope/© Focus Features/courtesy Everett Collection, Bruno Dalvo

Sete minutos depois da meia-noite
Com toques de conto de fadas, o filme usa magia e imaginação infantil para explicar a dificuldade de aceitar a chegada da morte

filme aparentemente infantil que traz à luz discussões profundas – até para adultos. A história, adaptada para os cinemas por Patrick Ness a partir de seu romance homônimo, acompanha Conor (Lewis MacDougall), um garoto de 13 anos, cuja mãe sofre com um câncer terminal.

Cada um desses filmes retrata o luto a sua maneira. Em *Jackie*, Larraín usa closes fechados, acompanhados de uma trilha sonora de violinos arrebatadora composta pela britânica Mica Levi, para criar uma densa atmosfera de claustrofobia. O rosto desolado de Natalie preenche a tela e o espectador vê o mundo desabar diante de seus olhos castanhos. Sem ter para onde ir ou a quem pedir ajuda, ela precisa confrontar sua angústia de forma rápida e ríspida. Em *Sete minutos depois da meia-noite*, efeitos especiais impressionantes são usados para transmitir a ideia de como é difícil aceitar que a morte chega para todos.

Seria tentador enxergar a atual ênfase no luto como uma reação às turbulências de 2016, mas a indústria cinematográfica não se move tão rapidamente. Mesmo sem esse impulso, esses filmes tentam responder às aflições do mundo contemporâneo. Ao jornal britânico *The Guardian*, o escritor Patrick Ness disse que seu livro e seu filme são uma reflexão sobre a enxurrada de informações que não conseguimos digerir pelos meios digitais, onde tudo é efêmero. "A internet nos permite ouvir e ver coisas ruins com mais facilidade e frequência", diz. "A questão é: quanto disso a gente consegue absorver e como nós aguentamos esse aumento? Uma das formas é contar histórias sobre como lidar com isso."

Uma das regras da indústria do cinema ditava que, em tempos bicudos, é mais fácil vender filmes com histórias felizes e escapistas. Mas a tristeza refletida na tela também tem um imenso valor – e ajuda a seguir com a vida. "Não gosto do fato de que, hoje em dia, parece que não é permitido deixar alguma coisa não resolvida", afirmou Lonergan em entrevista à revista americana *Rolling Stone*. "Afinal, o que é 'desfecho'? Algumas pessoas nunca terão isso. Algumas pessoas vivem seus dramas por anos." Na temporada de dor em cartaz, as pessoas enlutadas poderão sentir uma boa dose de empatia. ◆

Bruno Astuto

brunoastuto@edglobo.com.br

Cada selfie é um show

O universo das celebridades serve de pano de fundo para a comédia *TOC – Transtornada, obsessiva, compulsiva*, que traz **Tatá Werneck** pela primeira vez como protagonista no cinema, a partir do dia 2. Ironicamente, ela também dá vida a uma atriz que vive cercada pelo público. "Tenho muita gratidão pelo contato com os fãs. Faço questão de administrar eu mesma minhas redes sociais", diz ela que, assim como a personagem do filme, já passou por apuros. "Já tirei foto tomando soro e no enterro do meu avô. Fora isso, adoro essa troca." Dos nudes que a personagem troca numa sequência impagável com Bruno Gagliasso, ela garante passar longe. "Me sinto constrangida em fazer uma pose pelada e mandar para alguém que pode estar comendo batata com os amigos. Não tenho coragem. E sempre pode vazar, não é?"

Rainha com orgulho

Descrita como "rainha" por Caetano Veloso, no documentário *Axé: canto do povo de um lugar*, **Daniela Mercury** não só aceita o título, como faz questão de ressaltar sua condição dentro da axé-music. "Sou rainha gay, nordestina, mulher. Só não tive a sorte de ser negra. Ser precursora de um gênero é mais que um sonho. Como artista, precisava criar uma estética", diz ela. Numa passagem, Daniela relembra o dia em que quase botou abaixo o Masp, em São Paulo, e lotou a Praça da Apoteose, no Rio de Janeiro. "Foi uma surpresa. Senti que todos me acolheram, e o axé sofreu preconceito tantas vezes. É divertido fazer confusão. Se não tiver um muro para vencer, é porque a gente não mudou o mundo."

Costura entre amigas

Para comemorar os 50 anos de sua fundação, a grife francesa Azzaro escalou duas jovens influenciadoras da moda internacional que vão assinar sua próxima coleção de alta-costura. **Bianca Brandolini d'Adda**, de 29 anos, filha da carioca Georgina Brandolini e do conde italiano Rui Brandolini d'Adda, e **Eugenie Niarchos**, de 30, neta do mítico armador grego Stavros Niarchos, criaram 15 peças que serão apresentadas no próximo dia 25 em Paris. "Revisitamos os vestidos icônicos dos arquivos da maison. Os modelos são bem sexy, mas tivemos a preocupação de fazer uma moda para todas as gerações, incluindo as clientes fiéis da marca", conta Bianca, que teve poucos meses para criar a coleção ao lado da amiga, com quem, recentemente, curtiu férias no Brasil. "Passamos tanto tempo juntas que, só de nos olharmos, uma já sabe o que a outra quer."

Jornada quádrupla

Em cartaz no Rio de Janeiro com a peça *Love, love, love*, em que dá vida a três mulheres de diferentes gerações e idades, **Débora Falabella** já se prepara para uma quarta personagem, a vilã Irene, da próxima novela das 9, *A força do querer*, de Glória Perez. "Começo a gravar em fevereiro como essa mulher que tem o caráter bem duvidoso", adianta a atriz, que, há exatos 15 anos, interpretou a problemática Mel de *O clone*, da mesma autora. Na ocasião, Débora mal podia imaginar que ela e Murilo Benício, que interpretava seu pai, estariam um dia apaixonados. "Imagina! Eu era muito fã dele, achava o Murilo um excelente ator. Ele já era um supercompanheiro de cena."

Fotos: Fábio Braga, Eduardo Anizal/Folhapress, Maison Azzaro, Ricardo Borges/Folhapress e Jorge Bispo

Com **Acyr Méra Júnior** e **Guilherme Scarpa**

Belo recado

Após enorme sucesso na temporada paulista, **Lázaro Ramos** e Taís Araújo estreiam no Rio de Janeiro o espetáculo *O topo da montanha*. Reverenciada pela crítica, a peça, que se passa um dia antes da morte de Martin Luther King, já foi vista por mais de 50 mil espectadores. "Falamos de coragem, autoestima, e, claro, do preconceito, do racismo e da segregação racial vivida na época", diz Lázaro. O ator revela que, assim como a mulher, já foi vítima de ataques racistas na internet. "Na época, respondi a algumas pessoas com uma hashtag #vaprap...quepariu, em outras dei block ou deixei lá de propósito, para os fãs entrarem e recriminarem aquelas atitudes", conta. "Taís deu um passo à frente, que foi denunciar, mas eu, quando passei por isso, era muito amador na internet. Agora, com esse espetáculo, estou dando meu recado."

Leia a coluna diária de Bruno Astuto em

ENTREVISTA

MARCELO ADNET
HUMORISTA

"Já errei, mas tento aprender com os erros"

Marcelo Adnet estreia na terça-feira a nova temporada do *Tá no ar*, uma das atrações mais aguardadas na grade da Globo. "Nos renovamos sempre, porque observamos muito a sociedade, o Brasil, nossa TV; e tudo isso está em constante mudança", diz ele, que recentemente foi alvo de críticas pelo programa de entrevistas *Adnight*. "Li do bem com as críticas. É bom ouvi-las."

ÉPOCA – **Com tanto moralismo rondando, fazer humor ficou difícil?**
Marcelo Adnet – Os tempos são novos, prefiro pensar assim. Temos um novo público, que pensa diferente. Se, por um lado, hoje estamos mais politicamente corretos, ao mesmo tempo temos mais ferramentas, um público maior. Não rola censura, temos total liberdade para falar sobre diversos temas.

ÉPOCA – **Alguma vez errou a mão?**
Marcelo – Sim, todo humorista já se arrependeu de alguma piada, algum quadro. Eu, então, que faço muita experimentação, certamente já errei. Não chamo de arrependimento, mas tento aprender com meus erros.

ÉPOCA – **Como reagiu às críticas a seu programa de entrevistas, o *Adnight*?**
Marcelo – Li do bem, no geral são construtivas e é bom ouvi-las. Claro que não dá para ir à rede social e ler tudo: tem gente que ama, tem gente que odeia, tem gente que gosta mais ou menos. Uma nova temporada ainda não foi confirmada oficialmente, isso está em aberto.

IRREQUIETO
Marcelo Adnet, humorista. "Faço muita experimentação"

ÉPOCA – **Já quis ocupar o lugar do Jô Soares?**
Marcelo – Isso nunca foi real. Me atacaram muito, disseram um monte de coisas sobre isso e nada era verdade. Acho que agora o tempo é meio senhor da razão nesse sentido. Não sou o substituto do Jô, nunca fui nem me pediram para ser.

O novo Brother

A partir do dia 23, **Rafael Cortez** passa a integrar o time do *Big Brother Brasil*. "Vou apresentar um quadro que dará voz aos internautas. Vamos garimpar memes, gifs, tudo o que sair na internet e nas redes sociais sobre o programa", diz ele. Em sua 17ª edição, o clima no *BBB* é de renovação: além de Rafael, a atração passa a ser comandada por Tiago Leifert e o humorista Paulinho Serra fará reportagens. "Mesmo estando há muito tempo no ar, o programa tem muito chão. É um formato inovador na TV brasileira, o *Big Brother* não deixa ninguém indiferente a ele." Depois do reality, ele retorna ao *Vídeo show*, onde faz reportagens e, volta e meia, também apresenta a atração. "Quando o Otaviano Costa ou o Joaquim Lopes ficam doentes, lá vou eu para a bancada. Não por acaso, sempre torço para eles passarem mal e vivo colocando coisas nas bebidas deles", brinca.

Fotos: Maurício Fidalgo/ TV Globo e Estevam Avellar/ TV Globo

WALCYR CARRASCO

Homofobia em alta

Todo mundo já sabe. O ator Leonardo Vieira foi fotografado em uma festa beijando outro homem. Um fotógrafo clicou. As imagens se espalharam pelos sites de fofocas. Corajosamente, o ator publicou uma carta aberta ao público. Diz que é gay sim. Reage contra a homofobia. Que é estimulada pelos sites e pelas colunas onde se revela a sexualidade de famosos. Mais que isso: frequentemente os colunistas desse tipo são, eles mesmos, gays. Provavelmente com muita dificuldade em sua condição sexual, pois exercem a homofobia contra si próprios. E o público que consome avidamente essas notas também dá uma mostra de preconceito. O que cada um tem a ver com o que o outro faz?

Há anos, declarei à revista *Playboy* que sou bissexual. Fiz isso em respeito às diversas e muito amadas mulheres que tive em minha vida e que talvez um dia volte a ter. Eu as amei, mas também amei homens. Como escritor, levo uma vida isolada e nunca tive de bater de frente com o preconceito. Escrevi o livro infantil *Meus dois pais*, que fala sobre um garoto cujo pai tem um companheiro. O livro foi comprado por várias prefeituras para bibliotecas escolares. A família é a estrutura básica da sociedade. Mas muitas crianças têm dois pais ou duas mães, biológicos ou adotados. Haverá cada vez mais famílias assim. E as crianças precisam aprender a lidar com os outros. Lembro aos pais que leem esta coluna: não fiquem de cabelos arrepiados. Se seu filho ou filha abrir o coração a quem é diferente, estará seguindo um fundamento cristão. Amor ao próximo, certo? E estará sendo ético e decente – respeite o direito do outro, se esse direito não interfere nos seus. Conviver com um gay não torna alguém gay. A maioria dos gays vem de famílias de héteros convictos. É ou não é?

A reação a Leonardo Vieira foi preconceituosa e radical. Já observei isso: certa vez uma amiga de mais de 60 anos comentou que se determinado galã da TV fosse gay, seria uma grande decepção. Perguntei:

– O que vale não é o trabalho dele? Ou você tem esperança de algum dia encontrá-lo e vocês se apaixonarem?

Ela pediu desculpas.

A homofobia está em alta. Uma gerente de supermercado em Cravinhos, interior de São Paulo, matou a facadas seu filho de 17 anos, Itaberli Lozano Rosa. O padrasto ajudou a queimar o corpo num canavial. Motivo aparente: o garoto era gay. A mãe confessou. Agora mudou. Alega que o filho era usuário de drogas e a ameaçou. Tios e a avó garantem que não usava. A existência de mães que odeiam filhos devido a sua orientação sexual não é nova para mim. Em Brasília, acompanhei o caso de um rapaz, professor, de família humilde. Quando descobriu a aids, já estava em um processo irreversível. No hospital, a mãe evangélica exigia que ele deixasse de ser homossexual. Ele morreu se culpando. A mãe disse:

– Melhor que tenha morrido que ser gay. Agora está com o Senhor.

É da pensão deixada por ele que a mãe vive hoje.

Por que a orientação sexual de alguém importa tanto para os outros? Do meu ponto de vista, só importaria se eu estivesse apaixonado e quisesse tentar um envolvimento. O preconceituoso se comporta como se os amores de outra pessoa, o que ela faz entre quatro paredes, fosse de sua conta. Não é. Mas sinto um movimento conservador cada vez mais forte. Como autor de televisão, fui o primeiro a colocar um beijo gay na novela das 21 horas, *Amor à vida*, pela Globo. Minha antena diz que o clima está menos favorável a esses avanços. Prova disso são os ataques homofóbicos que Leonardo Vieira sofreu após as fotos. Mas um ator não é um ator? Fico com as palavras que ele colocou em seu manifesto, um exemplo lúcido.

> O PRECONCEITUOSO AGE COMO SE OS AMORES E A INTIMIDADE DOS OUTROS FOSSEM DE SUA CONTA. NÃO SÃO

"Sempre achei que um ator deve ser como uma tela em branco. Ali colocaremos tintas, cores, formas e sentimentos para dar vida a diversos personagens. Respeito, mas nunca concordei com atores que expõem sua vida íntima ou levantam bandeiras ideológicas, exatamente porque no meu entender isso poderia macular essa tela em branco (...). O público passa a ver o ator antes do personagem e para mim isso nunca foi bom. Um dos motivos de nunca ter feito o meu 'outing' *(assumir a orientação sexual publicamente)* foi esse e isso não é uma desculpa. Provavelmente, se eu fosse hétero, manteria a mesma postura em relação a minha vida privada."

O texto dá um ponto final brilhante ao assunto. Personagem é personagem. Ator é ator. Cada um, em qualquer posição, tem direito a uma vida sexual e amorosa como deseja, porque isso só diz respeito a si mesmo. Cada ser humano tem direito à liberdade e a escolher sua vida. Tudo mais é preconceito. ◆

Walcyr Carrasco é jornalista, autor de livros, peças teatrais e novelas de televisão

Um romance para Trump ler

Com uma história sobre imigração e crise econômica, uma camaronesa mostra que o sonho americano pode se tornar um pesadelo quando não existem oportunidades

Ruan de Sousa Gabriel

Em 1998, aos 16 anos, Imbolo Mbue deixou Limbe, uma cidade no litoral de Camarões onde não havia energia elétrica ou água corrente, e emigrou para os Estados Unidos, onde teve diversos empregos e estudou em boas universidades. Em 2009, trabalhava com marketing, mas perdeu o emprego na recessão que se seguiu à falência do banco de investimentos Lehman Brothers no ano anterior. Quase dois anos depois, ainda desempregada, ela caminhava por Nova York quando avistou um motorista conduzindo um executivo de Wall Street. Perguntou-se como a recessão afetara aqueles dois homens, representantes do topo e da base da pirâmide social. Aquela cena foi o embrião de *Aqui estão os sonhadores* (Globo Livros, 424 páginas, R$ 49,90), um romance sobre um imigrante camaronês que trabalha como chofer para um executivo do Lehman Brothers durante a crise econômica. Na Feira do Livro de Frankfurt de 2014, o romance foi vendido, ainda no manuscrito, por US$ 1 milhão para a gigante do mercado editorial Random House.

Aqui estão os sonhadores chegou às livrarias americanas em agosto passado e foi bem recebido pela crítica. "O livro que Donald Trump deveria ler agora", afirmou o *Washington Post* sobre a saga dos Jongas, uma batalhadora família camaronesa cujos sonhos de prosperidade são esmagados pela crise econômica e pela legislação imigratória draconiana. A recessão levou o emprego de Jende Jonga, que passou a lavar pratos em dois restaurantes para ganhar menos da metade de seu salário como chofer. Sua mulher, Neni, talvez tenha de largar os estudos. O governo talvez os mande de volta para Camarões. Ao tratar dos limites do "sonho americano" – a crença de que a mobilidade social está ao alcance de quem trabalha duro –, *Aqui estão os sonhadores* se transformou em candidato natural a "great american novel", os grandes romances americanos, que, segundo uma tradição literária iniciada no século XIX, pretendem ser o retrato mais bem-acabado da América. "Imbolo Mbue seria uma contadora de histórias formidável em qualquer lugar, em qualquer língua. Sorte nossa que ela e suas histórias são americanas", afirmou o escritor Jonathan Franzen, outro perseguidor incansável do grande romance americano.

Mas como, em tempos de nacionalismo e xenofobia, uma imigrante pôde pretender escrever o romance-síntese da América? "*Aqui estão os sonhadores* é, sim, sobre imigração, mas também sobre como é viver nos Estados Unidos quando não existem oportunidades", disse Imbolo a ÉPOCA. O drama dos Jongas não é diferente dos dramas de milhões de americanos pobres que descobrem que, apesar do que diz a

IMIGRANTE **A escritora camaronesa Imbolo Mbue em Paris, em 2016. Acima, a capa de *Aqui estão os sonhadores*, seu romance de estreia**

profissão de fé nacional, as oportunidades não são para todos. "Aquela história de que se você trabalhar duro as coisas vão se acertar não se tornou realidade para muita gente batalhadora. E é improvável que se torne", diz Imbolo, cuja trajetória de Camarões ao estrelato literário repete o enredo clássico do sonho americano.

No romance, quando Barack Obama foi eleito, os protagonistas Jende e Neni choraram de alegria porque o filho de um africano se tornara o líder da nação mais poderosa do planeta. Bubakar, um advogado nigeriano que tentava impedir a deportação dos Jongas, disse a eles que se Obama ou Hillary Clinton chegassem à Casa Branca regularizariam a situação dos mais de 11 milhões de imigrantes ilegais que vivem nos Estados Unidos. "Hillary gosta de imigrantes. E Obama, ele deve conhecer algum pessoal queniano sem documentos que gostaria de ajudar", diz o personagem. Na vida real, Obama tentou aprovar leis para facilitar a concessão da cidadania americana a imigrantes ilegais, mas foi derrotado no Congresso e na Suprema Corte. Ao longo de seus dois mandatos, Obama deportou 2,5 milhões de pessoas. E Hillary nunca chegou à Casa Branca. Foi derrotada pela retórica anti-imigração de Donald Trump.

Imbolo conseguiu a cidadania americana em 2014. Em novembro, votou em Hillary Clinton e perdeu bastante sono com a vitória de Trump. Apesar do frágil legado de Obama, Imbolo elogia a disposição ao diálogo do primeiro presidente americano negro. "Obama trabalhou duro. Ele estava disposto a costurar acordo, mesmo com quem discordava dele", diz. "Vou dar o benefício da dúvida a Trump, mas, se ele conduzir o país por caminhos errados, vou unir minha voz a milhões de outras vozes para dizer que não estamos de acordo." O novo presidente americano também aparece em uma das páginas de *Aqui estão os sonhadores*. Neni Jonga brinca que, se conseguir se formar na universidade, quer que a levem para jantar num restaurante do Trump Hotel e contratem o próprio Donald Trump para fritar um bife para ela. A realidade, mais uma vez, driblou a ficção. Trump parece mais disposto a fritar os imigrantes do que a convidá-los para jantar. ◆

Foto: Lilf Anderson/Getty Images

DOZE HORAS

TEMPO LIVRE? ESQUEÇA. EIS O QUE VOCÊ PRECISA FAZER NESTA SEMANA

EXPOSIÇÃO
2 horas

Acervo de fotografias chiques

O paulistano Otto Stupakoff (1935-2009) foi um dos pioneiros da fotografia de moda no Brasil e atingiu fama internacional. Seus ensaios e retratos de celebridades do mundo das artes e da política foram publicados em revistas como *Vogue*, *Glamour* e *Harper's Bazaar*. A mostra ***Otto Stupakoff: beleza e inquietude*** reúne cerca de 300 fotografias, além de publicações e vídeos, tudo produzido entre 1955 e 2005. **Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, até 30/4.**

ESPETÁCULO
2 horas

Dó ré mi fá do Santeiro

Em 1963, o dramaturgo Dias Gomes compôs *O berço do herói*, uma opereta popular que seria levada aos palcos com direção de Antônio Abujamra e canções de Edu Lobo. A boçalidade da censura proibiu o espetáculo. O público só assistiu à fabulosa história de Roque Santeiro e sua fogosa viúva (a que era sem nunca ter sido) duas décadas depois – e pela televisão. Demorou, mas a opereta idealizada por Dias Gomes estreia neste mês com trilha sonora composta por Zeca Baleiro. O musical ***Roque Santeiro*** traz **Flávio Tolezani** como o herói de Asa Branca, Livia Camargo como Porcina e **Mel Lisboa** como Mocinha, a filha do prefeito Florindo Abelha. **Teatro Faap, São Paulo, de 27/1 a 14/5.**

Por **Nina Finco**, mfinco@edglobo.com.br,
e **Ruan de Sousa Gabriel**, rsgabriel@edglobo.com.br

MOSTRA
4 horas

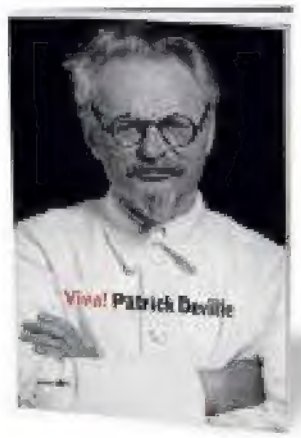
"What's your road, man?"

A influência da prosa bêbada e dos versos alucinógenos dos beatniks – bando de escritores marginais que escandalizaram a cultura americana nos anos 1950 – ultrapassou os limites da literatura e alcançou também o cinema. A mostra ***Geração beat*** apresenta mais de 30 filmes entre adaptações de obras literárias, cinebiografias dos expoentes daquela geração e perturbadores poemas visuais. A programação combina filmes famosos, como *Na estrada* e ***Versos de um crime***, curtas obscuros de Gus Van Sant e produções experimentais, como o delirante *Chappaqua: almas entorpecidas*. **Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, até 29/1.**

CD
1 hora

Luz e sombra

Na atual fase de sua carreira – que inclui dez prêmios Grammy, um Globo de Ouro e um Oscar de Melhor Canção Original –, **John Legend** poderia seguir cantando sempre sobre as mesmas coisas: amor e alegria. Mas, em seu novo disco, ***Darkness and light***, o cantor de soul vai além de sua zona de conforto para criar algo mais ambicioso. O álbum está repleto de letras que tratam de amor sob uma nova perspectiva: navegar por um mundo sombrio e encontrar a felicidade em tempos difíceis. **Sony, R$ 34,90.**



LIVRO
2 horas

Leon, Leon Leon!

Na década de 1930, um sem-número de revolucionários e artistas europeus que fugiam do inverno totalitário do continente aportou num México ensolarado e recém-sacudido por uma revolução popular. Foi lá que se exilou o bolchevique Leon Trótski, jurado de morte por Josef Stálin e banido da União Soviética que ele ajudara a fundar. ***Viva!***, um "romance sem ficção" do escritor francês Patrick Deville, concentra-se tanto na figura do bolchevique exilado quanto no exército brancaleônico que orbitava em torno dele, como Frida Kahlo, Diego Rivera, André Breton e Michael Lowry, o escritor inglês que emprestou a morte de Trótski em seu romance *À sombra do vulcão*. **Editora 34, 208 páginas, R$ 52.**

QUADRINHOS
1 hora

Frida, Frida, Frida!

Um pedaço da conturbada história da pintora surrealista mexicana Frida Kahlo é contado por ilustrações delicadas na graphic novel ***Para que preciso de pés quando tenho asas para voar?***. Com roteiro de Jean-Luc Cornette e ilustrações de Flore Balthazar, ambos belgas, a HQ conta o período em que Leon Trótski se refugiou na casa de Frida e seu marido, Diego Rivera. Até 1940, o político e os dois artistas viveram entre a paixão e a fúria. **Nemo, 128 páginas, R$ 39,80.**

Fotos: divulgação

RUTH DE AQUINO

Moro, não pegue avião

É inédito no Brasil o sentimento de orfandade pela morte de um juiz. Um juiz sereno e fechado do Supremo Tribunal Federal. Um juiz que raramente sorria ou estrelava manchetes, tão discreto e dedicado ao Direito como missão de vida. "O Teori morreu!", ouvia-se pelas ruas, de gente simples, triste e chocada como se fosse parente. "O Teori estava no avião que caiu!" "Será que foi mesmo acidente?"

Num país que começa 2017 machucado pelo caos na segurança pública e pela ousadia cruel de facções criminosas – dentro e fora dos presídios, nos ônibus, nas praias, nas praças –, num país com famílias empobrecidas pelo desemprego e pela falência de estados mal geridos, com paralisação de obras e serviços essenciais, é impressionante o luto aturdido que tomou conta das ruas. O artigo definido antes do nome denota intimidade. "O" Teori tinha se tornado muito mais que um juiz togado do STF, num Brasil ansioso por punir as quadrilhas de poderosos que roubaram do povo e das estatais.

Mistura de poloneses e italianos, catarinense de origem, gremista apaixonado, viúvo, pai de três filhos – dois advogados e um médico –, Teori Zavascki tinha fama de "ministro técnico". Dizia ignorar se isso era "elogio ou crítica", em seu humor irônico.

Com perdão da generalização, o caráter nacional é exibicionista. Toda hora tem fulaninho ou fulaninha que corre para os holofotes e fala para os repórteres. Teori ficava na dele, morava sozinho em apartamento funcional em Brasília desde a morte da mulher, também juíza, há três anos. Sempre que dava, ia a Porto Alegre para visitar os filhos e a cidade onde se formou.

Teori foi abatido pelo destino em pleno voo. Aos 68 anos, estava em curva ascendente, prestes a desempenhar seu maior papel, como relator e guardião da Lava Jato: tinham sido marcadas para a próxima semana as delações premiadas de 77 executivos da Odebrecht. Depoimentos que envolveriam em malfeitos o maior número de políticos já visto na História de nossa República.

Esses depoimentos devem ser cancelados até que um novo relator substitua Teori. Para ter uma ideia do que estava a cargo de seu gabinete, eram 800 depoimentos, 40 inquéritos e três ações penais. Tudo associado aos desvios da Petrobras. Teori não permitiu que o recesso de janeiro parasse totalmente os trabalhos. Ganhou a ajuda de uma força-tarefa.

Dá para entender a comoção diante da perda irreparável de um homem honesto e dedicado. A morte súbita, na queda de um bimotor sofisticado, a apenas 2 quilômetros da cabeceira da pista em Paraty, a apenas 2 quilômetros da continuidade da vida, é difícil de absorver. Teori talvez não estivesse consciente do que simbolizava para o Brasil: a garantia de um desfecho isento para o gigantesco processo de corrupção multimilionária envolvendo políticos e empreiteiros. Um processo que, a cada delação, enoja a todos, mas nos dá a esperança de que o assalto aos cofres públicos não se repetirá, caso os meliantes de colarinho branco sejam punidos.

Nem mesmo a investigação rigorosa do acidente de avião deveria atrasar a Lava Jato mais que o necessário. Passa a ser ainda mais crucial o papel da presidente do STF, Cármen Lúcia, que pode redistribuir os processos da Lava Jato entre os juízes da Segunda Turma, mais familiarizados com a investigação. São quatro os ministros: Gilmar Mendes, Ricardo Lewandowski, Dias Toffoli e Celso de Mello.

Ninguém melhor que a mineira Cármen para liderar essa transição e descobrir o caminho menos pedregoso e escorregadio. Nisso, temos muita sorte. Espero que o processo da Lava Jato não fique nas mãos do novo ministro do STF a ser nomeado por Michel Temer. Seria outro acidente pavoroso, outro desastre, outra tragédia.

> ESPERO QUE A LAVA JATO NÃO FIQUE NAS MÃOS DO NOVO MINISTRO DO STF A SER NOMEADO POR TEMER. SERIA UMA TRAGÉDIA

Como disse uma vez Teori a repórteres, explicando por que não poderia se manifestar quando a defesa de Lula recorreu à ONU: "Cada macaco no seu galho". Se cada macaco ficar no seu galho, se não apelarmos para soluções estranhas, como entregar o processo da Lava Jato ao ministro de Temer ou ao juiz Sergio Moro, temos chance de manter o legado de Teori.

Entre suas decisões no Supremo, Teori acatou a liminar que afastaria Eduardo Cunha da presidência da Câmara. O mesmo Teori permitiu a absolvição de José Dirceu no mensalão e, anos depois, rejeitou o pedido de José Dirceu para deixar a cadeia. Criticou vazamentos das delações, mas revogou sigilo nas investigações sobre a Petrobras.

Foi Teori quem sugeriu o nome de Sergio Moro para ajudar a ministra Rosa Weber no julgamento do mensalão em 2005. Acertou. Por favor, Moro, não entre em aviões pequenos, mesmo os sofisticados. "Sem Teori, não haveria Lava Jato", disse Moro. Sem Moro, também não. Nesse capítulo de nossa História, ambos são insubstituíveis, cada um a seu jeito. ◆

Ruth de Aquino é colunista de ÉPOCA raquino@edglobo.com.br